

**INOVAÇÃO PEDAGÓGICA: O USO DE TIC NA INCLUSÃO SÓCIO-LABORATIVA
DE PESSOA COM NECESSIDADE ESPECIAL.
DISSERTAÇÃO DE MESTRADO**

MOACIR DE SOUZA JÚNIOR
MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO - INOVAÇÃO PEDAGÓGICA



UNIVERSIDADE da MADEIRA

A Nossa Universidade

www.uma.pt

MAIO | 2015



**Centro de Ciências Sociais
Departamento de Ciências da Educação
Mestrado em Ciências da Educação – Inovação Pedagógica**

Moacir de Souza Júnior

**Inovação Pedagógica: o uso de TIC na inclusão sócio-laborativa de pessoa com
necessidade especial**

Dissertação de Mestrado

FUNCHAL – 2015

Moacir de Souza Júnior

**Inovação Pedagógica: o uso de TIC na inclusão sócio-laborativa de pessoa com
necessidade especial**

Dissertação apresentada ao Conselho Científico do Centro de Competência de Ciências Sociais da Universidade da Madeira, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Ciências da Educação.

Orientadores: Professor Doutor Fernando Luís de
Sousa Correia
Professora Doutora Zuleide
Fernandes de Queiroz

“Acreditamos saber que existe uma saída, mas não sabemos onde está. Não havendo ninguém do lado de fora que nos possa indicá-la, devemos procurá-la por nós mesmos. O que o labirinto ensina não é onde está a saída, mas quais são os caminhos que não levam a lugar algum”.

Norberto Bobbio

À minha mãe Francisca Sobreira por ser sempre à luz que ilumina meu caminho em todos os momentos, principalmente nos mais dolorosos, dedico este trabalho.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pelo dom da vida.

A Universidade da Madeira (UMa) pela oportunidade em proporcionar o Mestrado em Inovação Pedagógica.

À DH2 por proporcionar o curso de Mestrado em parceria com a Universidade da Madeira, meu muito obrigado.

Ao meu orientador madeirense Professor Doutor Fernando Correia pela sua presteza, paciência e dedicação na elaboração desta dissertação.

A minha orientadora brasileira Professora Doutora Zuleide Queiroz pela generosidade e carinho no caminhar desta dissertação.

Aos meus Professores Doutores do curso de Mestrado em Inovação Pedagógica que contribuíram imensamente com seus conhecimentos para minha evolução acadêmica.

Aos colegas do curso de Mestrado que se tornaram parceiros importantes ao longo de toda jornada.

As minhas irmãs Ana Paula e Ana Regina Sobreira pelo incentivo ao longo de todo o curso do mestrado.

Ao meu sobrinho-filho João Vítor Sobreira pela ajuda em vários momentos.

Aos amigos José Antônio Capelo Lage e Teca Baima que sempre estiveram presente em todos os momentos da minha vida.

Ao Professor Edilson Castro pelo incentivo e ter me dado à chance de mostrar meu trabalho.

A instituição Casa da Esperança por disponibilizar suas dependências para que a pesquisa fosse realizada.

Ao Coordenador de Oficinas da Casa da Esperança Vladimir de Sá, por estar sempre presente em todos os momentos da minha estadia na instituição.

Ao Professor-orientador Lucas Sampaio pela sua paciência e disponibilizar seu tempo nos meus questionamentos.

Aos meus queridos participantes que cederam gentilmente seus momentos para responderem aos meus questionamentos, meu muito obrigado por compartilharem comigo seus conhecimentos.

RESUMO

A escola é um local de ensino e de aprendizagem. Ao mesmo tempo, em que representa um passo na vida democrática, na busca por uma convivência solidária, participativa, bem como tolerante. A escola por mais que tenha se modernizado, ainda encontra-se muito aquém de se assumir como algo moderno, evoluído. A educação da Pessoa com Necessidade Especial (PNE) vem sofrendo ao longo de todo o processo histórico uma série de modificações. É possível alavancar a construção do conhecimento dessa população. O modelo de inclusão apregoadado pelos documentos oficiais encontra-se muito distante de uma base inclusiva. A escola deve se transformar para acolher essa população. O que temos acompanhado é a difícil construção de uma educação e de uma sociedade inclusiva. O uso da Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC) representa hoje um grande passo para a PNE, pois ao usar essa tecnologia dentro do processo de aprendizagem é possível fazer com que a mesma seja um fator para alavancar o processo de construção do conhecimento dessa população. A Educação Inclusiva é um processo em que se amplia a participação de todos os alunos que estão inseridos dentro do ensino regular. O processo de inclusão não pode ser visto como algo pronto e acabado. Pelo contrário, tem de ser trabalhado em todas as áreas da sociedade. Onde cada ser humano possa contemplar o outro como uma pessoa com que é detentor de habilidades, potencialidades independentemente de suas limitações físicas, cognitivas entre outras. A metodologia de base qualitativa toma a pesquisa etnográfica como caminho. Entendemos que dentro de uma abordagem etnográfica, o pesquisador faz parte do universo abordado. A pesquisa foi realizada na Casa da Esperança, no período de Agosto a Outubro de 2014. Foram selecionados 10 (dez) participantes na qual foram contactados os responsáveis pelos mesmos, onde explicamos o teor do estudo. A pesquisa se deu no horário em que os alunos estavam no seu local de estudo. A pesquisa foi composta por dois Questionários A e B, contendo cada um 09 (nove) questões, onde tudo foi acompanhado através do Diário de Bordo.

Palavras Chaves: Educação, Aprendizagem, TIC, PNE, Pesquisa Etnográfica, Diário de Bordo.

ABSTRACT

The school is a teaching and learning site. At the same time, it represents a step in the democratic life in the search for a caring, participatory coexistence and tolerance. The school however much has been modernized, still is far short of assuming as something modern, evolved. Education of People with Special Need (PNE) has suffered throughout the historical process a number of modifications. You can leverage the construction of knowledge of this population. The inclusion model proclaimed in official documents is far from an inclusive basis. The school must turn to host this population. What we have together is difficult to build an education and an inclusive society. The use of Information and Communication Technology (ICT) today represents a major step for the PNE, because when you use this technology into the learning process can cause it to be a factor to boost the process of building the knowledge of this population. Inclusive education is a process that increases the participation of all students who are included in regular education. The process of inclusion can not be seen as something done. Rather, it has to be worked in all areas of society. Where every human being can contemplate the other as a person who holds skills, potential regardless of their physical, cognitive limitations among others. Qualitative basic methodology takes ethnographic research as a path. We believe that within an ethnographic approach, the researcher is part of the universe approached. The survey was conducted in the House of Hope, from August to October 2014. We selected ten (10) participants in which those responsible for them were contacted, where we explained the study's content. The research took place at the time when the students were in their place of study. The research consisted of two questionnaires A and B, each containing nine (09) issues, where everything was accompanied by Diary.

Key Words: Education, Learning, ICT, PNE, Ethnographic Research, Diary.

RESUMEN

La escuela es un sitio de enseñanza y aprendizaje. Al mismo tiempo, representa un paso en la vida democrática en la búsqueda de una convivencia participativa cariño y tolerancia. La escuela por mucho que se ha modernizado, todavía está muy lejos de asumir como algo moderno, evolucionó. Educación de Personas con Necesidades Especiales (PNE) ha sufrido a lo largo del proceso histórico una serie de modificaciones. Puede aprovechar la construcción del conocimiento de esta población. El modelo de inclusión proclamado en documentos oficiales está lejos de ser una base inclusiva. La escuela tiene que acudir a la sede de esta población. Lo que tenemos juntos es difícil construir una educación y una sociedad inclusiva. El uso de la Tecnología de Información y Comunicación (TIC) de hoy representa un paso importante para el PNE, ya que al usar esta tecnología en el proceso de aprendizaje puede causar que sea un factor para impulsar el proceso de construcción del conocimiento de esta población . La educación inclusiva es un proceso que aumenta la participación de todos los estudiantes que están incluidos en la educación regular. El proceso de inclusión no puede ser visto como haga algo. Más bien, se tiene que trabajar en todos los ámbitos de la sociedad. Donde cada ser humano puede contemplar el otro como una persona que tiene habilidades, potencial, independientemente de sus limitaciones físicas, cognitivas, entre otros. Metodología básica cualitativa toma la investigación etnográfica como un camino. Creemos que dentro de un enfoque etnográfico, el investigador es parte del universo acercado. La encuesta se realizó en la Casa de la Esperanza, de agosto a octubre de 2014. Se seleccionaron diez (10) participantes en el que los responsables de ellos fueron contactados, donde explicamos el contenido del estudio. La investigación se llevó a cabo en el momento en que los estudiantes estaban en su lugar de estudio. La investigación consistió en dos cuestionarios A y B, cada uno con nueve (09) temas, donde todo fue acompañado por Diario.

Palabras clave: educación, aprendizaje, TIC, PNE, Investigación Etnográfica, Diario.

RÉSUMÉ

L'école est un lieu d'enseignement et d'apprentissage. Dans le même temps, il représente un pas dans la vie démocratique dans la recherche d'une coexistence et de tolérance bienveillante participative. L'école cependant beaucoup a été modernisé, est encore loin d'assumer que quelque chose de moderne, évolué. Éducation des Personnes ayant des besoins spéciaux (PNE) a souffert tout au long du processus historique un certain nombre de modifications. Vous pouvez tirer parti de la construction de la connaissance de cette population. Le modèle d'inclusion proclamé dans les documents officiels est loin d'être une base inclusive. L'école doit se tourner pour accueillir cette population. Ce que nous avons ensemble est difficile de construire une éducation et une société inclusive. L'utilisation des technologies de l'information et communication (TIC) représente aujourd'hui une étape majeure pour la PNE, car lorsque vous utilisez cette technologie dans le processus d'apprentissage peut l'amener à être un facteur à stimuler le processus de construction de la connaissance de cette population . L'éducation inclusive est un processus qui augmente la participation de tous les étudiants qui sont inclus dans l'enseignement ordinaire. Le processus d'inclusion ne peut pas être considéré comme quelque chose soit fait. Au contraire, il doit être travaillé dans tous les domaines de la société. Où chaque être humain peut contempler l'autre comme une personne qui détient des compétences, le potentiel, indépendamment de leurs limitations cognitives physiques entre autres. Méthodologie de base qualitative prend recherche ethnographique comme un chemin. Nous croyons que, dans une approche ethnographique, le chercheur fait partie de l'univers approché. L'enquête a été menée dans la Maison de l'Espoir, d'Août à Octobre 2014. Nous avons sélectionné dix (10) participants dont les responsables ont été contactés pour eux, où nous avons expliqué le contenu de l'étude. La recherche a eu lieu au moment où les étudiants étaient dans leur lieu d'étude. La recherche se composait de deux questionnaires A et B, contenant chacune neuf (09) questions, où tout a été accompagnée par Diary.

Mots clés: éducation, l'apprentissage, les TIC, PNE, ethnographique de recherche, journal.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

QUADRO I – CARACTERÍSTICAS GERAIS DOS ALUNOS.....73

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

A: ALUNO

APO: APOIO PEDAGÓGICO DAS OFICINAS

CEJA: CENTRO DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

CID10: CÓDIGO INTERNACIONAL DE DOENÇAS 10

EJA: EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

LDBN: LEI DE DIRETRIZES E BASES NACIONAL

LER: LESÃO POR ESFORÇO REPETITIVO

MIT: INSTITUTO DE TECNOLOGIA DE MASSACHUSETTS

MSI: MISSÃO PARA A SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO

PCNs: PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS

PNE: PESSOA COM NECESSIDADE ESPECIAL

SEDUC: SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DO ESTADO DO CEARÁ

SMS: SECRETARIA MUNICIPAL DE SAÚDE

SUS: SISTEMA ÚNICO DE SAÚDE

TIC: TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO

UMa: UNIVERSIDADE DA MADEIRA

WHO: WORLD HEALTH ORGANIZATION

ZDP: ZONA DE DESENVOLVIMENTO PROXIMAL

FOTOS

FOTO 1 – ESPAÇO EXTERNO CASA DA ESPERANÇA 2014.....	139
FOTO 2 – ESPAÇO FÍSICO DA SALA DE INFORMÁTICA 2014.....	139
FOTO 3 – SALA DE MARCAÇÃO DE CONSULTAS 2014.....	140
FOTO 4 – USO DA INTERNET NOS ESPAÇOS DA CASA DA ESPERANÇA 2014...	140

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS.....	V
RESUMO.....	VI
ABSTRACT.....	VII
RESUMEN.....	VIII
RÉSUMÉ.....	IX
LISTA DE ILUSTRAÇÕES.....	X
LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS.....	XI
FOTOS.....	XII
INTRODUÇÃO.....	1
CAPÍTULO 1 – O USO DAS TIC NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM.....	6
1.1 – A importância das concepções educacionais para o processo de aprendizagem escolar.....	17
1.2 – As TIC na aprendizagem da pessoa com necessidade especial.....	22
1.3 – A inovação pedagógica no âmbito escolar.....	27
CAPÍTULO 2 – O PROCESSO DE INCLUSÃO DE PESSOA COM NECESSIDADE ESPECIAL.....	34
2.1 – A inclusão na escola.....	39
2.1.1 - Estigma e preconceito no processo de inclusão.....	51
2.2 – A inclusão no mundo do trabalho.....	54
CAPÍTULO 3 – METODOLOGIA	60
3.1 – Análise do Questionário A.....	74
3.2 – Análise do Questionário B.....	80
3.3 – Teorizando o Diário de Bordo à luz da pesquisa etnográfica e da Inovação Pedagógica.....	89
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	93

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	101
APÊNDICE.....	109
Apêndice 1 – Carta de anuência.....	110
Apêndice 2 – Termo de consentimento livre e esclarecido.....	111
Apêndice 3 – Questionário A.....	113
Apêndice 4 – Questionário B.....	115
Apêndice 5 – Diário de Bordo.....	117

INTRODUÇÃO

“Programar um computador ensina a pensar”.

Steve Jobs

A escola é um local de ensino e de aprendizagem. Mas, ao mesmo tempo, é um lugar que representa um passo na vida democrática, na busca por uma convivência solidária, participativa, bem como tolerante.

A escola por mais que tenha se modernizado, ainda encontra-se muito aquém de se assumir como algo moderno, evoluído. Ela ainda se mantém de forma tradicional, onde as práticas pedagógicas continuam a ser exercidas de forma ainda bastante arcaica, em que apenas o docente sabe o conteúdo, o aluno está dentro da sala de aula apenas para aprender aquilo que está sendo repassado.

A educação, aqui se referindo à escola formal, sofre de igual modo todas as influências da sociedade: seu desenvolvimento social, político, econômico, tecnológico, cultural. Assim, quando se trata das novas tecnologias na educação não configura algo dissociado da sociedade, pelo contrário; faz parte de um contexto sócio-histórico que surge como parte dos avanços criados pelo homem e utilizados nas suas diversas formas de convivência.

As relações que as pessoas estabelecem entre elas e o meio que as cerca são de caráter social, político, econômico, cultural entre outros e estão em constante modificação. O mundo do trabalho também passa por essas modificações constantemente, principalmente nos dias de hoje.

Na busca de atender às suas carências, os seres humanos produzem seus meios de vida. É nessa atividade que recriam a si próprios e reproduzem sua espécie num processo que é continuamente transformado pela ação das sucessivas gerações. A premissa da análise marxista da sociedade é, portanto, a existência de seres humanos que, por meio da interação com a natureza e com outros indivíduos, dão origem à sua vida material (OLIVEIRA, QUINTANEIRO, 2002, p. 30).

Vivemos em uma sociedade marcada pelas relações em que o trabalho na atualidade está atrelado a educação, visando não apenas uma relação onde o que prevalece é a

função dominadora, mas, também, uma relação de consumo exacerbado através do sistema econômico vigente.

A sociedade capitalista contemporânea se baseia na premissa de que “tempo é dinheiro”¹, onde a máxima é levar vantagem em tudo, principalmente em cima dos trabalhadores, já que os mesmos são vistos apenas como produtos a serem explorados. Porém, de acordo com a Teoria do Capital Humano formalizada por Schultz na década de 60, do século passado, “ao investirem em si mesmas, as pessoas podem ampliar o raio de escolha posto à disposição. Esta é uma das maneiras por que os homens livres podem aumentar o seu bem-estar” (SCHULTZ, 1971, p. 33).

Analisando a Teoria do Capital Humano, podemos indicar que os recursos aplicados na educação são de certa forma um retorno para o trabalho e conseqüentemente para o capital, já que ao empregar esses investimentos visamos sempre uma transformação e modificação do meio social.

Na administração científica, a iniciativa do trabalhador (que é seu esforço, sua boa vontade, seu engenho) obtém-se com absoluta uniformidade e em grau muito maior do que é possível sob o antigo sistema. À gerência é atribuída a função de reunir todos os conhecimentos tradicionais que no passado possuíam os trabalhadores e, então classificá-los, tabulá-los, reduzi-los a normas, leis ou fórmulas, grandemente úteis ao operário para execução do seu trabalho. Está claro então, era maioria dos casos, que um tipo de homem é necessário para planejar e outro tipo diferente para executar o trabalho (TAYLOR, 1978, p. 49-50).

Conforme as palavras de Taylor, o fator humano passa a ter uma característica básica no sentido de aumentar a produtividade, bem como moldar a sociedade de acordo com o que se deseja, onde as diferenças individuais são pontos de referência para explicar o *apartheid* social da época. No qual cada indivíduo é relacionado a fazer aquilo que se deseja dele.

Numa outra perspectiva Foucault (1979) explicita que “conhecimento é poder”. É através do conhecimento que o saber se torna uma arma política, na qual se apoia na manutenção e perpetuação do status pelas classes mais privilegiadas da sociedade. Nesse sentido, o trabalho intelectual e o trabalho manual foram separados, privilegiando assim, cada vez mais aqueles que eram e são detentores do poder, bem como os que possuíam e possuem um maior grau de escolaridade.

¹ Grifo meu.

Numa perspectiva com vistas à emancipação humana uma visão educacional se define pela visão de homem em sua plena formação ou formação integral. Esta proposta de formação se baseia na crítica realizada acerca da visão de educação que separa educação e trabalho e que não compreende o trabalho como princípio educativo. Situação em que a formação profissional e tecnológica estaria separada da educação formal básica, reeditando a dicotomia estrutural predominante ao longo da história da educação do país, ou seja, um ensino médio propedêutico e intelectualizado, comprometido com o “saber” e esvaziando do “fazer” e um ensino profissional voltado para o “fazer” e esvaziando do “saber” (MORAIS e PEDROSA, 2009, in LOIOLA, MOLINA e QUEIROZ, 2011).

Kuenzer *et al* (1999, p. 135) nos estudos de Loiola, Molina e Queiroz (2011), assegura que a visão taylorista é conservadora e excludente:

[...] conservadora porque retoma a concepção taylorista-fordista que supõe a ruptura entre o saber acadêmico [...] e o saber para o trabalho [...] contrariamente á compreensão contemporânea que mostra, a partir da crescente incorporação da ciência ao mundo do trabalho e das relações sociais, a indissociável entre ciência, cultura e trabalho, entre pensar e fazer, entre refletir e agir. Em decorrência, não reconhece a transdisciplinaridade que caracteriza a ciência contemporânea.

Com o sistema de Taylor adquirindo cada vez mais característica de privilegiar a produção e a distribuição do que foi produzido, então, a tendência ampliou-se para a área educacional, no qual verificamos que tanto trabalhadores quanto estudantes passam por um modelo de exclusão, que visa apenas delegar tarefas, sem questioná-las e muito menos que os mesmos possam apresentar sugestões e/ou intervenções no processo educativo e nem tão pouco no processo laborativo (QUEIROZ, 2003).

Neste sentido, ao entender a escola como espaço de formação integral compreendemos que a escola tem um papel de grande importância no atual cenário econômico, pois ela tem a possibilidade de discutir com toda a sociedade condições de criar um novo olhar sobre a educação que devemos ter ao educar nossos alunos, visando uma população que seja mais crítica e que possa atuar nos mais diversos campos de trabalho.

As relações entre trabalho e educação estão presentes no dia a dia das pessoas e são bastante complexas na sua essência.

O trabalho tem como ponto principal modificar a natureza com o intuito de satisfazer os desejos e as necessidades dos homens. O trabalho tem o poder de organizar e ao

mesmo tempo transformar as relações vividas dentro do próprio homem e da sociedade na qual o mesmo encontra-se inserido.

A educação da Pessoa com Necessidade Especial (PNE) vem sofrendo ao longo de todo o processo histórico uma série de modificações. Entretanto, existe muito a fazer, já que se faz necessário revisitar novas ações pedagógicas que podem alavancar a construção do conhecimento dessa população. Mesmo tendo um modelo de inclusão apregoado pelos documentos oficiais, percebemos que a escola ainda se encontra muito distante de uma base inclusiva. A escola deve se transformar para acolher essa população. O que temos acompanhado é a difícil construção de uma educação e uma sociedade inclusiva.

Como objetivo geral, o estudo se propôs a explicitar o uso das TIC como processo pedagógico inovador e sua contribuição para o processo de aprendizagem da Pessoa com Necessidade Especial na perspectiva da inclusão no espaço sociolaborativo.

Como objetivos específicos, procuramos identificar o uso das TIC na escola como contribuição para o processo de aprendizagem da Pessoa com Necessidade Especial; analisar os impactos produzidos pelo uso das TIC na aprendizagem da Pessoa com Necessidade Especial; verificar como a escola conduz a formação da Pessoa com Necessidade Especial; e, compreender como o uso das TIC pode contribuir para a inclusão sociolaborativa da Pessoa com Necessidade Especial.

Como forma de estruturar esta dissertação, a mesma foi dividida em três capítulos de desenvolvimento e as considerações finais. Os dois primeiros capítulos tem como enquadramento o referencial teórico relativo a temática pesquisada. O terceiro capítulo apresenta o estudo consagrado aos hábitos e principais características da Pessoa com Necessidade Especial.

No primeiro capítulo “O uso das TIC no processo de aprendizagem”, estão emolduradas as considerações teóricas sobre o uso das TIC na aprendizagem, introduzindo dentro do capítulo a importância das concepções educacionais no processo de aprendizagem na escola e também o uso da TIC na aprendizagem da Pessoa com Necessidade Especial. O capítulo inclui ainda a questão da inovação pedagógica no âmbito escolar.

O segundo capítulo, “O processo de inclusão de Pessoa com Necessidade Especial”, desenvolve uma revisão bibliográfica que privilegia o processo de inclusão da

Pessoa com Necessidade Especial tanto no ambiente escolar, quanto no mundo do trabalho. Ressaltamos ainda dentro do capítulo a problemática em relação ao estigma e preconceito no processo de inclusão.

O terceiro capítulo apresenta a metodologia utilizada que teve como ponto de partida uma abordagem etnográfica. Realizamos através da nossa observação um Diário de Bordo (Apêndice 5) que foi necessário para anotar dados relativos as mais diversas falas dos sujeitos participantes, bem como outras informações que achamos necessárias. Ressaltamos que houve aplicação de dois questionários intitulados de A e B (Apêndices 3 e 4 respectivamente), tendo sido aplicado no horário em que os participantes estavam no seu local de estudo. Foram entrevistados 10 (dez) alunos dos quais 20% pertencem ao sexo feminino e 80% ao sexo masculino. A idade dos participantes pesquisados situa-se na faixa etária compreendida entre 14 a 33 anos.

A pesquisa busca responder às questões de investigação, na qual os questionários que utilizados são ferramentas para recolher os dados a serviço da pesquisa. Acrescente-se ainda uma teorização do Diário de Bordo à luz da Pesquisa Etnográfica e da Inovação Pedagógica. Finalmente, encerramos o trabalho com as considerações finais, onde se procurou esclarecer os resultados obtidos ao longo da observação participante.

CAPÍTULO 1 – O USO DAS TIC NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM

“Meus olhos estarão sobre espelhos pensando nos caminhos que existem dentro das coisas transparentes”.

Cecília Meireles

O uso da Tecnologia da Informação e da Comunicação (TIC) desde o final do século XX e início do século XXI se tornou uma constante em quase todas as sociedades. O mundo se tornou bem mais próximo. Podemos visitar museus, lugares, culturas, fazer transferências bancárias, bem como pagamentos sem nem mesmo sair de casa. Para isso, basta um leve toque na tecla do computador para que seja possível descobrir uma infinidade de informação.

Ainda que façam parte da mesma realidade semântica, há diferença entre informar e comunicar. A informação está na difusão em massa do jornal, rádio, televisão, revista etc. Uma pessoa ou um veículo de comunicação emitem sinais e alguém os capta. Os dados são transmitidos sem a certeza de que o receptor recebeu de forma correta a mensagem ou a entendeu.

A informação está contida na comunicação, porém a comunicação vai além: implica relação. A comunicação é mais que informação. Necessita do outro. Supõe a ação recíproca que cria interação social. É construída no diálogo. Somos bombardeados, diariamente, de informações, o que não significa que vivemos numa sociedade em que as pessoas dialogam e se entendem. Aliás, a informação em excesso pode pôr em risco a qualidade da comunicação.

Ao se trabalhar com a informática na educação, observa-se uma grande dificuldade que a maioria das escolas possui em tornar uma ferramenta tecnológica em uma ferramenta educacional, já que existe uma distância bastante grande entre as duas, e, geralmente, ambas são tratadas de forma independente.

Ao introduzir uma tecnologia de ponta na educação, como o uso da internet em sala de aula ou mesmo o computador, a escola deve ter o cuidado com a postura a ser adotada

no âmbito educacional e não ir apenas inserindo equipamentos (computadores) de modo aleatório no seu meio ambiente, tentando assim se utilizar de novas tecnologias educacionais apenas por modismos ou porque o cenário socioeconômico e cultural assim o exige.

Com a evolução tecnológica acontecendo, bem como o acesso às máquinas, vimos então surgir programas mais elaborados, ampliando assim a utilização de softwares educacionais nos mais diversos âmbitos. O acesso à internet deu ao campo educacional uma grande contribuição, já que a busca por informações, comunicação e manipulação de dados só veio a favorecer tanto a escola, como os alunos e toda a sociedade.

O grande desafio era a mudança da abordagem educacional: transformar uma Educação centrada no ensino, na transmissão da informação, para uma Educação em que o aluno pudesse realizar atividades por intermédio do computador e, assim, aprender. A formação dos pesquisadores dos centros, os cursos de formação ministrados e mesmo os softwares educacionais desenvolvidos por alguns centros eram elaborados tendo em mente a possibilidade desse tipo de mudança pedagógica (VALENTE, 1999, p. 8).

Ao usar a tecnologia da informática na educação, devemos considerar que metodologia irá ser utilizada, pois é através da mesma que podemos valorizar os aspectos educacionais que podem não só apenas nortear nossas ações pedagógicas, mas que visem principalmente à construção do conhecimento e da aprendizagem do aluno.

Dentro do contexto acima, o computador é uma ferramenta educacional que tem de ser visto como um excelente auxiliar, pois facilita a recuperação de qualquer trabalho desenvolvido nele, tornando-o assim um colaborador na construção do conhecimento.

É necessário acompanhar o uso da informática na educação com bastante atenção, pois, mesmo não tendo conhecimento aprofundado sobre o assunto, a escola necessita ter pelo menos o domínio necessário para escolher aquilo que realmente é útil como conhecimento a ser adquirido dentro das atividades de aprendizagem.

Ao utilizar o computador dentro da escola ou qualquer outro tipo de tecnologia informacional, não podemos nos esquecer das nossas ações reflexivas, pois é através dos nossos questionamentos que podemos corrigir e reajustar aquilo que não foi atingindo com êxito nos objetivos educacionais propostos previamente.

Devemos ter em mente que o uso de novas ferramentas tecnológicas dentro da escola deve constituir um marco de referência na busca por uma qualidade educacional.

[...] não nos deixemos cair nesse sonho do chamado pragmatismo, de achar que o que serve é dar um pouco de conhecimento técnico ao trabalhador para que ele consiga um emprego melhor. Isso não basta, e é cientificamente um absurdo, porque na medida em que a gente se pergunta o que significa o processo de conhecer, do qual somos sujeitos e objetos – afinal de contas o que é a curiosidade, para o conhecimento? – percebemos que uma das grandes invenções das mulheres e dos homens, ao longo da história, foi exatamente transformar a vida em existência - e a existência não se faria jamais em linguagem, sem produção de conhecimento, sem transformação. Mas jamais com transferência de conhecimento. Conhecimento não se transfere, conhecimento se discute. Implica uma curiosidade que me abre, sempre fazendo perguntas ao mundo. Nunca demasiado satisfeito, ou em paz com a própria certeza (FREIRE, 1994, p. 42).

A escola deve viabilizar a formação do professor, principalmente no que diz respeito ao uso das novas tecnologias como ferramentas pedagógicas, pois com o uso adequado dessas tecnologias, é possível buscar resultados mais eficientes, bem como transformar as atividades pedagógicas, buscando uma transformação da escola, onde seja possível favorecer a interação entre a prática e a teoria (GARCÍA, 1999).

O ensino nas escolas passa por uma mudança significativa no seu contexto, já que ao inserir as novas tecnologias no processo educativo, viabilizamos não apenas um ensino de qualidade, mas também uma aprendizagem voltada para as mudanças que ocorrem no mundo todos os dias e de forma ininterrupta.

Ao usar o computador na sala de aula, é necessário utilizá-lo com parcimônia, para que não seja possível cansar o aluno com o uso excessivo do mesmo. Podemos empregar os mais variados recursos, que podem ser desenvolvidos com o intuito de construir uma aprendizagem de qualidade.

Vivemos em um mundo em que a tecnologia se faz cada vez mais presente. Porém, é preciso compreender o que esse mundo tecnológico traz para nós, no sentido de que possamos compreender a realidade que nos cerca, bem como refletir, questionar e avaliar qual educação que queremos dar ao aluno.

Mesmo sabendo que temos avançado assustadoramente no processo de evolução histórica, ainda não estamos perto de esgotar toda nossa criatividade e potencialidade no uso das TIC, pois os recursos que ainda podem ser utilizados através da tecnologia são quase que ilimitados.

A capacidade criadora (de inventar tecnologias) vem se distorcendo contraditória e generalizadamente, em atos deveríamos ter dentro de nós para delimitar e reger os comportamentos sociais. A comunicação verdadeira, que amplia contatos e conhecimentos imprescindíveis para o progresso e a equalização dos diferentes povos e segmentos sociais do mundo, está se transformando numa mera extensão, usando categorias freirianas, a serviço da globalização da economia, que vem tornando a todos nós como reféns de alguns poucos “donos do mundo”. A “era da comunicação” está sendo, na realidade, a era das fronteiras dos limites mais marcantes do que nunca da incomunicabilidade humana, do campo do desamor. (FREIRE, 1999, p. 12).

Nossa sociedade dispõe de uma gama imensa de informação. Entretanto, apesar de nos tornarmos cada vez mais próximos, ironicamente estamos mais distantes uns dos outros. Vivemos uma realidade individualizada; resolvemos nos fechar dentro da nossa própria casa e o nosso refúgio passou a ser a internet, na qual a utilizamos muitas vezes de forma equivocada, já que por conter um grande número de informações, nem sempre a acessamos de maneira correta.

As novas tecnologias são uma constante em qualquer categoria educacional. Com o uso das mesmas o processo de ensino e de aprendizagem se tornou muito mais dinâmico, o conhecimento passou a ser construído pelo aluno de forma mais participativa, passando a ser um sujeito mais ativo, que busca incessantemente descobrir novas possibilidades, novos saberes.

A única tecnologia que é capaz de romper o cerco da escola é aquela que nada tem que ver com a modernidade, porque é já um produto da pós-modernidade. Ao manifestar a convicção de que a utilização do computador permitiria mudar o ambiente de aprendizagem fora das salas de aula, S. Papert foi um dos primeiros a reparar o que, muito mais do que poder vir a servir para relançar a escola, como os adeptos do ensino assistido por computador haviam suposto, o computador poderia ser, ao invés, portador de potencialidades capazes de precipitarem a sua obsolescência (FINO & SOUSA, 2003, p. 9).

Com as TIC alcançando toda a sociedade planetária, nossos estudantes necessitam estarem preparados para o mundo lá fora. Diante disso é preciso que os mesmos estejam em sintonia com o mundo tecnológico, para que eles possam fazer uso dessa tecnologia de forma mais independente e autônoma possível, levando-o a se perceber como um ser ativo e participante da sociedade.

Diante do exposto acima, nossos professores tem de fazer grandes malabarismos para manter a atenção dos educandos, pois a modernidade dentro de um computador pode simular ambientes virtuais visando um futuro além do que se tem vivido.

Atualmente, a utilização das TIC no meio educativo, além de ser uma realidade é também uma necessidade, uma vez que, as redes sociais são ferramentas bastante utilizadas para o compartilhamento interativo entre pessoas e já estão incluídas ao dia a dia de cada uma delas.

Papert (2008) fala sobre a transformação profunda ocorrida na sua vida intelectual, profissional e nos hábitos cotidianos decorrentes do uso do computador, fato igualmente vivenciado por todos os que incluíram, em sua rotina, novas formas de tecnologia, cujo manuseio diário e continuado gerou um novo estilo de vida, mudando setores como educação, economia, vendas e, até, as relações afetivas.

Por experiência própria, sei o que é ter a vida intelectual transformada, mais de uma vez pelo uso dos computadores. Além de mudanças intelectualmente mais profundas, meus hábitos de escrita mudaram porque levo um computador em aviões, no carro, para o gramado ou para o banheiro, meus hábitos de comunicação também mudaram em consequência de tantos colegas e amigos manterem-se em contato por meio do correio eletrônico. Há apenas dois dias, esclareci minhas ideias sobre a reforma econômica na Rússia programando uma simulação informal de competição econômica. Isso porque tenho um computador na verdade, vários deles ao meu alcance em quase todos os momentos (PAPERT, 2008, p. 49).

A utilização de computadores em casa e na educação é, portanto, uma prática que veio para ficar e, aos professores nas salas de aula, cabe a integração entre eles e os alunos. Sousa & Fino (2008) mencionam que o processo de integração dos computadores nas escolas significa um marco na tentativa de tornar eficaz o ato de ensinar.

A partir da introdução dos computadores nas salas de aula, uma diversidade de aplicações informáticas tem sido desenvolvida, constantemente, e usada como ferramenta cognitiva no campo da educação, destacando-se os softwares como meios essenciais ao ensinar e ao aprender.

O uso das novas tecnologias na educação tem como meta colaborar para que o indivíduo construa o seu próprio conhecimento, partindo de sua própria vontade de aprender.

Podemos afirmar que o uso das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) na sociedade está presente no dia a dia das pessoas e a educação não pode ficar fora dessa realidade, pois a mesma precisa se adequar aos novos tempos que aí se encontram e que estão em constante evolução.

A informação é um dado exterior ao sujeito pode ser armazenada, estocada, inclusive em um banco de dados. O conhecimento é o resultado de uma experiência pessoal ligada à atividade de um sujeito provido de qualidades afetivo-cognitivas, é intransmissível, é uma informação de que o sujeito se apropria (CHARLOT, 2000, p. 61).

A tecnologia utilizada até agora nas escolas veio para ficar e tem provocado uma grande mudança de padrão visando assim uma nova perspectiva no ato de ensinar e de aprender.

A internet deve ser vista como um software educativo que pode nos conduzir a um mundo, a uma construção única do conhecimento que pode ser acessado por todos e que pode transformar de forma benéfica professores, alunos e a sociedade em geral, que utiliza a rede de forma ainda muitas vezes tímida.

Com o advento da internet, o mundo se viu cada vez menor em sua dimensão, vivemos um processo de globalização, onde as barreiras físicas deixaram de existir, é possível ter acesso a ideias, imagens com apenas o apertar de uma tecla. O mundo passou por grandes transformações ao longo do seu processo histórico-social-econômico e cultural, e que continua sua evolução em ritmo cada vez mais acelerado.

Dentro desse contexto os professores se veem mais impelidos a fazerem parte de um processo sem volta, mudando de vez sua forma de pensar o ensino e a aprendizagem no mundo onde os meios eletrônicos estão cada vez mais avançados. O grande desafio dos docentes é utilizar a internet de forma pedagógica, já que a mesma tem um caráter de socialização da informação para todos. Onde é possível compartilhar novas ideias e que podem auxiliar definitivamente no processo educacional do aprendiz.

A Internet tem cada vez mais atingido o sistema educacional e as escolas. As redes são utilizadas no processo pedagógico para romper as paredes da escola, bem como para que aluno e professor possam conhecer o mundo, novas realidades, culturas diferentes, desenvolvendo a aprendizagem através do intercâmbio e aprendizado colaborativo (GARCIA, 2012, p. 04).

Utilizamos a internet em sala de aula pelo seu potencial imenso no sentido de contribuir para um melhor ensino e também para uma melhor aprendizagem no âmbito escolar. Ela hoje está presente tanto nas salas de aula como também em milhões de lares brasileiros, e dissemina-se em todos os continentes do mundo.

De acordo com Valente APUD Baladeli e Altoé (2009, p. 4-5)

Em uma atividade de pesquisa na Internet, por exemplo, o aprendiz ao utilizar a ferramenta de busca ele realiza ações (descreve) para a ferramenta o tópico a ser pesquisado, a ferramenta (executa) e apresenta os resultados, se a resposta for satisfatória o aprendiz considera que sua pesquisa está concluída, como se um problema inicial acabasse de ser resolvido. Caso contrário, o aluno (reflete) sobre o resultado e reorganiza suas ideias e seus esquemas mentais de ação a partir dos resultados já obtidos (depura) para então realizar uma nova busca com outros critérios (descreve) para a ferramenta a partir dos resultados já obtidos e assim o ciclo reflexivo se realiza. Nesse processo intermitente de interação entre sujeito, meio e objeto as estruturas e os esquemas mentais são reorganizados a fim de que o sujeito consiga resolver um problema é nesse momento que a construção do conhecimento ocorre.

A internet pode nos levar a pensar de modo diferente, contribuindo assim para que possamos buscar novas formas de ver e analisar o mundo. Não é possível quebrar paradigmas apenas por quebrá-los. Mas, como ensina Papert (2008), deixar que nossos aprendizes (alunos) trabalhem com as novas tecnologias de forma árdua, produzindo assim resultados realmente significativos para si e para os outros.

Ao inserir as novas tecnologias, como o uso do computador, da internet e do software educativo em sala de aula, não deve ser visto como recursos que vieram apenas para salvar a aprendizagem do aluno. E, sim, utilizá-los como recursos que devem ser visto como algo aprofundado, crítico, no qual o professor deve se munir de reflexão e criticidade para que possa além de dominar os recursos tecnológicos, possa realmente ser a ponte entre o conhecimento e o aprendiz, tentando de todas as maneiras em conjunto, construírem um conhecimento atrelado por participação efetiva na qual possa ser possível explorar todos os aplicativos que a tecnologia disponível oferece.

A escola além de oferecer uma infraestrutura adequada, material de apoio, salas de estudos entre outros, deve também ter as mínimas condições para que seja possível a realização de atividades pedagógicas que envolvam o uso de computadores e internet. Ao apostar na formação continuada do professor a escola caminha na direção de construir um conhecimento sobre a informática, transformando sua prática pedagógica aquém do desejável, em uma prática onde seja possível acompanhar as inovações tecnológicas, bem como desenvolver uma postura mais crítica perante a sociedade que nos rodeia.

Concluimos que ao inserir a internet como um software educativo através do uso do computador dentro da sala de aula privilegiou uma qualidade na formação dos nossos aprendizes, buscando ampliar seus conhecimentos, incluindo-os em um mundo digital que se apresenta em constante evolução.

O processo de ensino e de aprendizagem deve ser dinâmico, onde nossos professores sejam o ponto central de todo esse processo, pois com o uso de redes eletrônicas e softwares educativos que são criações da genialidade humana, essas novas tecnologias possam ser o ponto de partida para um mundo que ainda não foi explorado em sua totalidade.

O uso das TIC não é de hoje. Porém, no momento atual ela assume um papel bem diferente daquele que foi traçado no início do seu uso como um processo de ensino e de aprendizagem.

O uso de máquinas de ensinar sempre se fez presente na educação. Como exemplo, é possível citar a máquina de correção de testes de múltipla escolha, arquitetada por Sidney Pressey em 1924. Já em 1950 Burrhus Frederic Skinner introduziu a máquina de ensinar, tendo como objetivo central a instrução programada (SOUSA & FINO, 2008).

As máquinas de ensinar criadas por Frederic Skinner tinham como fundamento o condicionamento operante, onde o computador armazena a informação e depois a mesma é repassa o conteúdo para o aluno.

Conforme afirma Skinner (1972, p. 22-23)

A característica importante do aparelho é o reforço imediato da resposta correta. A simples operação da máquina deverá provavelmente ser reforçadora para manter o aluno médio ocupado por um período razoável todos os dias. A professora pode facilmente supervisionar toda uma classe trabalhando com estes aparelhos ao mesmo tempo, no entanto, cada criança progride no seu próprio ritmo, contemplando tantos problemas quantos lhe for possível durante a hora da aula. [...] A criança bem dotada progredirá rapidamente, mas é possível evitar que se adiante muito, dispensando-a de aritmética por algum tempo ou lhe dando séries de problemas especiais, que a familiarizem com outras possibilidades interessantes de matemáticas.

De acordo com a afirmação acima feita por Skinner a máquina de ensinar era um recurso mecânico que representava uma grande vantagem em cima dos métodos que se tinham para ensinar. É claro que para o período era um grande avanço.

Conforme postula Valente (1993, p. 4),

A instrução programada consiste em dividir material a ser ensinado em pequenos segmentos logicamente encadeados e denominados módulos. Cada fato ou conceito é apresentado em módulos sequenciais. Cada módulo termina com uma questão que o aluno deve responder preenchendo espaço em branco ou escolhendo a resposta certa entre diversas alternativas apresentadas. O estudante deve ler o fato ou conceito e é imediatamente questionado. Se a resposta é errada, a resposta certa pode

ser fornecida pelo programa ou, o aluno é convidado a rever módulos anteriores ou ainda, a realizar outros módulos, cujo objetivo é remediar o processo de ensino.

Na abordagem instrucionista é enfatizado a transmissão da informação ao aluno. O professor é o instrutor responsável pela mediação dos alunos com o computador. Ele enquanto responsável pelo ensino e pela aprendizagem, necessita de pouco treino ou pouco conhecimento, já que o computador é um instrumento que ensina, ou seja, o computador é o detentor do conhecimento.

O que podemos observar é que a abordagem instrucionista é uma teoria ainda muito utilizada para ensinar os educandos na escola. Nesse cenário, o aluno é apenas um mero receptor. Ele apenas reproduz aquilo que o professor deseja, sem levar em consideração o que o indivíduo pensa ou pode construir para alavancar seu próprio conhecimento e seu desenvolvimento. Não existe em nenhum momento uma reflexão sobre a possibilidade significativa de uma aprendizagem com o intuito de novas formas de pensar.

A abordagem instrucionista ainda é uma constante no cenário da informática na educação. A partir da introdução da informática na escola, é que os computadores passaram a ser difundidos no ambiente escolar, tendo um caráter de promover novas reflexões e novas possibilidades através do uso de novas tecnologias. Nesse sentido percebemos que o uso do computador pode e deve ultrapassar seus limites de instrução programada, já que o computador passa a ter outro significado, outra conotação, na qual passa a ser uma ferramenta educacional, conforme o que foi idealizado por Seymour Papert.

No prefácio do seu livro “LOGO: Computadores e Educação”, Seymour Papert (1985), indica que o computador pode e deve ser uma máquina que produz conhecimento. Ele crítica o paradigma instrucionista.

[...] a frase “instrução ajudada pelo computador” (computer – aided – instruction) significa fazer com que o computador ensine a criança. Pode-se dizer que o computador está sendo usado para “programar” a criança que deve programar o computador e, ao fazê-lo, ela adquire um sentimento de domínio sobre um dos mais modernos e poderosos equipamentos tecnológicos e estabelece um contato íntimo com algumas idéias mais profundas da ciência, da matemática e da arte de construir modelos intelectuais (PAPERT, 1985, p. 17).

De acordo com a citação acima, o uso do computador por parte dos alunos e professores irá servir para solucionar situações problemas nas mais diversas áreas da

humanidade. Podemos indicar que há um uso infinito para as novas tecnologias e que estamos ainda muito longe de esgotar todo o potencial para que isso ocorra.

Papert (1986) sugeriu o termo construcionista para indicar que o educando utiliza o computador como uma ferramenta na qual ele constrói o seu próprio conhecimento. Ou seja, Papert indica que ao usar o computador o aluno elabora um objeto de acordo com o seu interesse, ele sai de uma atitude passiva para uma postura mais ativa, é ele que comanda a máquina.

A abordagem construcionista tem como objeto de estudo uma situação problema, que é compreendida, e na qual posteriormente é traçado um plano para encontrar a solução desejada, utilizando uma linguagem de programação. O aluno no construcionismo é mediado pelo professor, que orienta seu educando na tentativa de sempre buscar que o seu aluno possa assumir a construção do seu próprio conhecimento.

A proposta construcionista de Seymour Papert vem desde os anos 60, quando ele, juntamente com sua equipe do Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT), elaboraram um software educacional no qual fosse possível o uso do computador como um instrumento de conhecimento por parte de quem utiliza tal ferramenta. Foi criada então a programação LOGO, que tem seu nome retirado do grego e que significa “pensamento, discurso e raciocínio”.

A programação LOGO criada por Seymour Papert vem proporcionar uma mudança significativa na maneira de explorar o mundo da computação com o intuito de ser inteligível acessível a todos os que se mostram dispostos a construir seus próprios conhecimentos.

Entendemos “construcionismo”, como, incluindo, mas indo além, ao que Piaget chamaria de “construtivismo”. A palavra com o “V” expressa a teoria de que o conhecimento é construído pelo aluno, sem auxílio do professor. A palavra com o “n” exprime a idéia mais adequada, que isso acontece, principalmente, quando o aluno está envolvido na construção de algo externo/concreto [...] um castelo de areia, uma máquina, um programa de computador, um livro (PAPERT, 1990, p. 3).

Papert se apropria da teoria construtivista de Piaget para dar corpo e vida a teoria construcionista, tratando de adequá-la a um contexto educacional que seja estimulante e que faça pensar e repensar. Ele ainda se utiliza dos estudos de Vygotsky quando estabelece um

diálogo com os outros sujeitos. E, ainda se utiliza também de Paulo Freire no qual o diálogo com o meio social é uma constante.

Papert (2008, p. 134) ainda nos diz que:

O construcionismo é uma filosofia de uma família das filosofias educacionais que nega esta “verdade óbvia”. Ele não põe em dúvida o valor instrucional como tal, pois isso seria uma tolice: mesmo com a afirmativa (endossada, quando não originada, por Piaget) de que cada ato de ensino priva a criança de uma oportunidade para a descoberta, não é um imperativo categórico contra ensinar, mas um lembrete expresso em uma maneira paradoxal para manter o ensino sob controle.

As ideias de Papert nos mostra que o ato de ensinar se torna mínimo, já que a prioridade maior é criar novos contextos que sejam favoráveis à aprendizagem. Diante disso é preciso superar a educação tradicional que nos ensina apenas a codificar e decodificar, partindo para uma ação mais ativa em que seja possível construir e reconstruir uma nova aprendizagem a cada momento.

Uma das características mais marcante do construcionismo é o processo de mediação que está incluído dentro da teoria. Que em um primeiro momento Papert não deu a devida atenção ao professor como agente de participação na busca pelo conhecimento do aluno. Entretanto, em seu livro “A máquina das crianças”, Papert (2008) dedica um capítulo inteiro a esse profissional e sua importância como mediador no processo de ensino e de aprendizagem.

O professor é um agente muito importante na abordagem construcionista, já que ele é um mediador entre o aluno e o objeto de aprendizagem, que de acordo com Lévy (1999, p. 29),

promove o pensamento do sujeito engajar-se com ele na implementação de seus projetos, compartilhando problemas, sem apontar soluções; respeitando os estilos de pensamento e interesses individuais; estimulando a formalização do processo empregado; ajudando assim o sujeito a entender, analisar, testar e corrigir os erros.

O papel do professor deve ser o de estimular os alunos a usarem as ferramentas educacionais visando construção do conhecimento não apenas dos alunos, mas o seu também. Esse docente deve estar disposto a ser um mediador e aprendiz ao mesmo tempo, já que ele pode em muitos casos, aprender com os seus educandos. Ele deixa de ser um professor conteudista para se aprimorar a ser um facilitador no processo de ensino e de aprendizagem.

A abordagem construcionista de Papert é de grande valia, pois a aprendizagem se transforma na busca por iniciativas, necessidades, estímulos, interesses, reflexões em que o uso do computador pelos indivíduos irá se dar de uma forma diferente, que foge da forma tradicional do processo de aprendizagem e de transmissão de conhecimento.

1.1 – A importância das concepções educacionais para o processo de aprendizagem escolar

Podemos indicar que a educação não é um fenômeno solitário que acontece só na nossa comunidade, pelo contrário, ela acontece em todos os lugares da sociedade, fazendo o seu acontecer a todo instante.

Dewey (1970) aponta que a educação tem um caráter de mudança, bem como sendo um instrumento que irá colaborar para amenizar as lutas de classe.

O método por descoberta formulada por Dewey (1979) tem como característica que a aquisição do saber irá se dar através da construção e reconstrução do processo de reflexão das experiências das atividades humanas.

Ainda para Dewey, toda e qualquer experiência é decorrente das interações sociais, nas quais estão envolvidas tanto condições externas quanto internas. O professor ao mediar à construção da aprendizagem deve estar a par dessas condições como condicionantes do desenvolvimento da aprendizagem. Significa dizer que “o meio ou o ambiente é formado pelas condições, quaisquer que sejam, em interação com as necessidades, desejos, propósitos e aptidões pessoais de criar a experiência em curso” (DEWEY, 1979, p. 37).

Dewey considera que tanto o meio social quanto a educação podem contribuir para que o processo de desenvolvimento do indivíduo se dê de forma efetiva e plena. Onde as ações dos sujeitos servirão de base para que todos possam ter a oportunidade de colaborarem uns com os outros, através de ações compartilhadas.

Entendemos que a aprendizagem se produz nas mais diversas situações, sejam elas formais e/ou informais de forma planejada e/ou espontânea. A aprendizagem tem como característica ser uma ação contínua, bem como diversificada, na qual cada ser humano desenvolve estratégia diferente para que a aprendizagem se efetive.

Podemos verificar que a solução de conflitos na aprendizagem não é obtida pela associação dos elementos próximos entre si. Muito pelo contrário, surge da compreensão da estrutura global das situações e de como reestruturamos os conteúdos previamente adquiridos. Onde os elementos mesmo necessitando uns dos outros são ao mesmo tempo independentes.

Carl Rogers (1977), por exemplo, indica que o ser humano é dotado de uma capacidade de crescimento constante. Na qual o indivíduo é responsável por mudanças em sua vida. Na teoria da abordagem centrada na pessoa, Rogers afirma que a aprendizagem é um meio de auto crescimento de desenvolvimento da autonomia e da capacidade de criação e de expressão.

Em sua obra intitulada “Epistemologia Genética ou Psicogenética”, Piaget indica que:

[...] o conhecimento não procede, em suas origens, nem de um sujeito consciente de si mesmo, nem dos objetos já constituídos (do ponto de vista do sujeito) que se imporiam: resultaria de interações que se produzem a meio caminho entre sujeito e objeto, e que dependem, portanto, dos dois ao mesmo tempo, mas em virtude de uma indiferenciação completa e não de trocas entre formas distintas (1972, p. 8).

Entendemos que os indivíduos para Piaget são responsáveis pelos seus próprios conhecimentos. A construção do seu saber se dará pelo próprio sujeito, de forma contínua e gradual, onde as relações vividas pelo aprendiz irão evoluir a cada momento, já que o mesmo irá procurar soluções para situações problemas, na qual ele será capaz de produzir novas estruturas cognitivas.

Piaget afirma que o desenvolvimento da inteligência é algo dinâmico, nada estático. Que o conhecimento adquirido vai sendo trabalhado e aprimorado ao longo do tempo e que vai sendo alojado no cérebro. Para ele, “[...] o desenvolvimento mental aparecerá, então, em sua organização progressiva como uma adaptação sempre mais precisa da realidade” (PIAGET, 1964, p. 16).

Dialogando com Piaget (1972) o principal objetivo do Construtivismo é perceber o desenvolvimento das estruturas cognitivas do indivíduo.

Para Altoé, Penati (2005, p. 4)

Piaget destaca duas fases na construção do conhecimento: a **exógena** e a **endógena**. A fase **exógena** é a fase da constatação, da repetição. Na fase **endógena** é que há uma compreensão das relações. É importante considerar que o conhecimento implica

no aspecto endógeno, pressupondo uma abstração, que pode ser empírica ou reflexiva. Na abstração empírica, o indivíduo retira as informações do próprio objeto, ou seja, na ação; já a abstração reflexiva só é possível graças às coordenações das ações, pois implica um processo de reflexão, constituindo uma reorganização mental.

Fica claro que ao ser ativo, o indivíduo constrói seu próprio desenvolvimento cognitivo. Ele se percebe como um ser em evolução, onde suas habilidades são aprimoradas, na qual ele, enquanto aprendiz, não é apenas um mero reproduzidor das atividades a ele ofertado. É preciso que ele tenha noção e compreenda a atividade que ele executa. Já que ao concluir uma atividade com sucesso, não significa dizer que a tenha compreendido.

Piaget argumenta que ao fazer uma atividade com sucesso, a mesma tem a garantia de que o indivíduo compreendeu e que o mesmo irá conseguir resolver os problemas propostos para ele.

[...] **fazer** é compreender em ação uma dada situação em grau suficiente para atingir os fins propostos, e **compreender** é conseguir dominar, em pensamento, as mesmas situações até poder resolver os problemas por elas levantadas, em relação ao porquê ao como das ligações constatadas e, por outro lado, utilizadas na ação (PIAGET, 1978, p. 176).

Conforme o exposto acima, Piaget acredita que o fator afetividade é um dos fatores para que o desenvolvimento da inteligência ocorra, bem como objetos e situações que ocorrem com o indivíduo.

Para Piaget (1972) o conhecimento humano resulta da interação do sujeito como ambiente, onde cada um constrói ao longo do seu processo de desenvolvimento o seu próprio modelo de mundo. Ele afirma ainda que o conhecimento não é transmitido. Ele é construído gradativamente por meio das ações. O indivíduo passa de uma atitude passiva para uma atitude ativa, construindo uma interação com o meio que o cerca.

[...] o conhecimento não procede, em suas origens, nem de um sujeito consciente de si mesmo nem de objetos já constituídos (do ponto de vista do sujeito) que a ele se imporiam. O conhecimento resultaria de interações que se produzem a meio caminho entre os dois, dependendo, portanto, dos dois ao mesmo tempo, mas em decorrência de uma indiferenciação completa e não de intercâmbio entre formas distintas (PIAGET, 1972, p. 06).

A inteligência do indivíduo vai se adaptar ao meio. As relações que o mesmo tende a construir e reconstruir com o meio irão transformar suas ideias, obter novas formas de

pensar, tomando assim mais consciência de si mesmo. Ou seja, o sujeito se compreende como um novo ser, que se reinventa a todo o momento, que evolui constantemente.

A teoria de Vygotsky (1998) tem o homem como um indivíduo que é mente e corpo, integrado com seu lado biológico, social, e seu processo histórico.

[...] a aprendizagem não é, em si mesma, desenvolvimento, mas uma correta organização da aprendizagem da criança conduz ao desenvolvimento mental, ativa todo um grupo de processos do desenvolvimento, e esta ativação não poderia produzir-se sem a aprendizagem é um momento intrinsecamente necessário e universal, para que se desenvolvam na criança essas características não naturais, mas formadas historicamente (VYGOTSKY, 1998, p.115).

Conforme a citação acima enfatiza a dialética entre o indivíduo e a sociedade. Onde o conhecimento é construído de forma compartilhada. O processo de desenvolvimento e de aprendizagem são processos que são inseparáveis, mas que são diferentes entre si.

Vygotsky (1984) indica que o desenvolvimento humano depende do aprendizado que a criança realiza num determinado grupo social, na qual será sempre mediado pelos outros. É a aprendizagem que irá favorecer a possibilidade do desenvolvimento.

Vygotsky (1998) considera que o bom ensino provoca no aluno adiantamento em seu conhecimento, porém esse processo não se dá de uma forma autoritária, e sim, de maneira a estimular o conhecimento da criança. Também diz que a ação do meio cultural e das relações sociais que o indivíduo vive diariamente, o levam a reconstruir seus conceitos anteriores e reelaborar novos conceitos e vai gerando assim, um aprendizado dialético, que promove no indivíduo constantes mudanças.

Para o ambiente escolar, Vygotsky (1998) sugere algumas formas de como a criança atingir a Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP). São elas: através da repetição, salientando que isso não deve ocorrer de maneira mecânica; através do uso do brinquedo, o qual cria uma situação de transição entre o real e o imaginário, provocando um conhecimento novo; outra forma é por meio da escrita, pois a criança não alfabetizada utiliza a imitação mecânica no início do processo de escrita daquilo que se conhece e o professor pode levá-la a elaborar algo novo.

Vygotsky (1998) diz que as ferramentas pedagógicas para atingir a Zona de Desenvolvimento Proximal, devem ser as mais variadas, e as melhores são aquelas que causam o “espanto” criativo no aluno.

Os estudos de Vygotsky (1984) possuem relevância na compreensão no desenvolvimento e aprendizagem humana. Ele deu grande importância ao papel do outro no aprendizado da criança, a ponto de considerar que na ausência do outro, o homem não se constrói homem. Vemos nisso então, o valor da escola, pois nela a criança encontra várias ferramentas para mediar sua aprendizagem, como: outras crianças, brinquedos, jogos materiais didáticos e o professor. Cabendo a este, procurar maneiras de trabalhar tais recursos e estimular o aluno a buscar mais desenvolvimento.

Vygotsky (1984) com suas ideias até mesmo contribuiu na questão da interdisciplinaridade, uma vez que para ela deve existir uma articulação entre o que se aprende na escola e o que se aprende extra escola, nas vivências de cada um. Tal pensamento é usado na LDBN (Lei de Diretrizes e Bases Nacional).

Diante disso, entendemos que a inteligência avança de acordo com as aprendizagens que o ser humano vai incorporando na sua vida.

Entendemos a escola como um lugar onde a aprendizagem irá ser alavancada com mais ênfase. Nesse sentido tanto o Construtivismo quanto o Construcionismo são concepções educacionais que colaboraram e colaboram para que tanto a ação docente, quanto de aprendizagem sejam de grande valia no processo de utilização das novas tecnologias na educação.

Conforme explicita Altoé, Penati (2005, p. 1)

O Construtivismo é uma corrente teórica empenhada em explicitar como a inteligência humana se desenvolve, partindo do princípio de que o desenvolvimento da inteligência é determinado pelas ações mútuas entre o sujeito e o meio. Considera-se que a inteligência do homem não é inata, mas que o sujeito também não é passivo sob a influência do meio, isto é, ele responde aos estímulos externos agindo sobre eles para construir e organizar o seu próprio conhecimento, de forma cada vez mais elaborada.

Diante da assertiva acima, verifica-se que o Construtivismo estudado por Jean Piaget, tem como ponto de partida que a inteligência do indivíduo se desenvolverá por conta da sua interação com o meio, apesar dos fatores biológicos estarem presentes.

Altoé, Penati (2005) indicam que o erro também pode ser considerado como um meio para que a aprendizagem se efetive. Pois, o aluno irá internalizar suas tentativas ao longo do seu processo de experimentação.

Os erros podem resultar de uma atividade em que o sujeito ainda não pôde considerar o objetivo de levar o aluno a entender suas próprias dificuldades, decompondo-as de modo a explicar o que fez e o que poderia fazer para superá-las. Procedendo desta maneira, o aprendiz tomará consciência do caminho percorrido e o professor poderá ajudá-lo a superar suas dificuldades (ALTOÉ, PENATI, 2005, p. 5).

Na teoria Construtivista, os processos educacionais devem visar atividades que tenham cunho desafiador para o aluno, onde seja possível ao mesmo desenvolver todas as suas potencialidades, suas habilidades, no sentido de colaborar para que o conhecimento seja adquirido pelo estudante.

Paulo Freire (1997) entende o conhecimento como produto da ação humana, construído por meio das relações estabelecidas uns com os outros entre os seres humanos e com o meio no qual estão inseridos. Nessa linha de pensamento, não se busca ignorar o conhecimento científico nem seus métodos e rigores que nos conduzem aos resultados pretendidos, mas buscar conceitos que permitam ultrapassar o entendimento do conhecimento além dos rigores e limites do método científico. Romper com esses paradigmas significa romper com o passado não o ignorando, mas colocando-o como base para que novos paradigmas, conceitos e informações sejam construídos por meio da possibilidade de novos métodos e fontes distintas daquelas construídas e aceitas.

1.2 – As TIC na aprendizagem da pessoa com necessidade especial

A escola como fundamentação social tem como objetivo principal formar cidadãos capazes de atuar com competência e dignidade na sociedade seja este Pessoa com Necessidade Especial ou não; buscando eleger, como objeto de ensino e de aprendizagem, conteúdos que estejam em consonância com as questões sociais que marcam cada momento da história da humanidade, bem como a assimilação dos mesmos sejam considerados necessários para formar alunos que possam exercer seus direitos e deveres de forma plena e completa.

O uso da TIC representa hoje um grande passo para a Pessoa com Necessidade Especial, pois ao usar essa tecnologia dentro do processo de aprendizagem é possível fazer com que a mesma seja um fator para alavancar o processo de construção do conhecimento dessa população.

As TIC além de transformarem nossa sociedade a promover a aceleração tecnológica, também são utilizadas dentro da escola como ferramenta que serve apenas para modernizar a sala de aula, mas que deveria contribuir efetivamente para a construção do conhecimento de todos os que fazem parte do processo de aprendizagem, inclusive a Pessoa com Necessidade Especial, que em diversos momentos é esquecida no processo de aprendizagem.

Para que possamos realmente efetivar a aprendizagem da Pessoa com Necessidade Especial (PNE), se faz necessário que ela seja vista comum ser participante da sociedade, que goza dos mesmos direitos que os outros, que deve ter acesso a uma educação de qualidade, bem como trabalhar de forma significativa com o uso das TIC. Devemos deixar de ver essa população como coitadinhos e vê-los como seres humanos que apesar das suas limitações possuem talentos e habilidades.

Barra (2004, p. 19) afirma que vivemos em uma “sociedade definitivamente inscrita no seio de desenvolvimentos científicos e tecnológicos, percorrendo os fluxos da informação e redes de comunicação sem fronteiras”.

Vivemos em uma sociedade que está em constante mudança. As TIC contribuíram para a construção de uma nova forma de viver. Percebemos que o paradigma construcionista de Papert veio para construir um conhecimento mais bem elaborado no sentido de contribuir para um novo futuro. Futuro esse que já chegou há bastante tempo. Porém, ainda não nos damos conta que o futuro é hoje e não o que virá daqui a dois, cinco, dez ou vinte anos. O mundo muda constantemente e de forma rápida. De acordo com Alvin Toffler (2004) em sua obra intitulada “A Terceira Onda”, estamos vendo emergir uma nova civilização, nunca antes vista na história da humanidade. Estamos a buscar de forma incessantemente novas tecnologias, novas curas para doenças, formas diversas para gerir a economia, maneiras diferenciadas de viver coletivamente entre outras.

A educação, assim como a escola deve ser capaz de tentar responder aos desafios de uma nova sociedade que através do desenvolvimento tecnológico veio à tona. Precisamos ter professores mais qualificados, que se percebam como mediadores de um novo processo de aprendizagem e de construção do conhecimento, que visem sempre buscar trabalhar de forma cooperativa e compartilhada com o seu alunado, preparando-os para a mudança dinâmica e constante que o mundo vive.

A Sociedade da Informação exige uma contínua consolidação e atualização dos conhecimentos dos cidadãos. O conceito de educação ao longo da vida deve ser encarado como uma construção contínua da pessoa humana, dos seus saberes, aptidões e da sua capacidade de discernir e agir. A escola desempenha um papel fundamental em todo o processo de formação de cidadãos aptos para a sociedade da informação e deverá ser um dos principais focos de intervenção para se garantir um caminho seguro e sólido para o futuro (MSI/LIVRO VERDE, 1997, p. 43).

A escola precisa se abrir para o mundo das mais diversas possibilidades, com o intuito de concretizar a aprendizagem dos seus discentes, inclusive o aluno com necessidade especial.

Ao promover uma aprendizagem cooperativa, compartilhada com o uso das TIC pelo aluno com necessidade especial, favorecemos a ele a oportunidade de desenvolver suas potencialidades, dando assim a oportunidade dele interagir, aprender, criar suas próprias construções de conhecimento, levando-o a ter acesso as TIC, bem como auxiliá-lo a superar as barreiras que sempre estarão no seu caminho.

Quando se fala em PNE se enumeram logo os mais diversos tipos de deficiências que conhecemos, como: deficiência mental, deficiência auditiva, deficiência motora entre outras.

É claro que muita coisa se modificou ao longo de todo o processo histórico pela qual a Pessoa com Necessidade Especial passou e ainda passa. É possível observar que no século XX, principalmente nos anos 90 (noventa), com a Declaração de Jomtien², na Tailândia, em 1990 e a Declaração de Salamanca³, na Espanha, em 1994, houve uma maior conscientização e uma maior visibilidade para essa população até então esquecida, não apenas pelo mercado de trabalho, mas também pela escola.

Todas as declarações acima vieram colaborar para que os direitos garantidos à população dita normal, também fossem estendidas para a população com necessidade especial.

As mudanças pelas quais o mundo passa são as mais diversas possíveis, descobrimos novas técnicas e tecnologias o tempo inteiro. Ou seja, avançamos a passos

² Declaração Mundial Sobre Educação Para Todos. Plano de Ação para Satisfazer as Necessidades Básicas de Aprendizagem. Aprovada pela Conferência Mundial Sobre Educação Para Todos. Jomtien, Tailândia, 5 a 9 de março de 1990.

³ UNESCO/Ministry of Education and Science (1994) **Final Report on the World Conference on Special Needs Education: Access and Quality**. Salamanca, Spain, 7-10 , June, 1994.

rápidos. O uso das TIC faz parte do cotidiano de quase todas as pessoas no planeta. Entretanto, a PNE ainda está muito longe de utilizar essas tecnologias como processo de aprendizagem.

Ao utilizar as TIC na aprendizagem da Pessoa com Necessidade Especial contribuimos de forma significativa para que seja possível explorar os talentos de cada estudante, visando às possibilidades de aprendizagem e não as dificuldades apresentadas pelo mesmo (MANTOAN, 2001).

As TIC no processo de aprendizagem da PNE devem estar centradas em uma proposta clara e objetiva, procurando favorecer as necessidades individuais do estudante. É necessário criar mecanismos que possam ser orientadores de como utilizar as mesmas no sentido de serem ferramentas de apoio à inclusão do alunado não apenas dentro da escola, mas, também, em todo e qualquer lugar, facilitando assim sua incursão de aprendizagem.

O uso das TIC ao ser inserido dentro da aprendizagem da PNE tem o objetivo central de favorecer o discente para que ele possa aprender cada vez mais e melhor. Não apenas no sentido de ser uma aprendizagem rápida, mais uma aquisição de conhecimento de qualidade.

Ao utilizar os mais diversos meios e instrumentos das TIC que o professor tem acesso, o mesmo valoriza uma aprendizagem voltada para um discente mais próximo da realidade que o cerca, na qual enfatiza que cada um é diferente, que tem suas limitações, que pode contribuir para a formação de pessoas mais tolerantes, que estarão aptas a trabalharem em conjunto, respeitando suas diferenças, limitações e a se perceberem apenas como seres humanos independentes das suas necessidades especiais.

Valente (1991) afirma que o uso do computador pela PNE auxilia e muito o processo de aprendizagem, pois o uso dessa ferramenta vai proporcionar um trabalho bem mais lúdico e pedagógico, que tem a intenção de encantar esse aluno, ao mesmo tempo em que deve ser preparado e mediado por docentes e profissionais que estejam qualificados para trabalharem com esse público, já que a busca por uma aprendizagem de qualidade seja uma constante e que, essa aprendizagem seja vista sempre como uma vitória a cada passo alcançado.

Devemos ver uma sala de aula da Pessoa com Necessidade Especial como algo que tem de ser trabalhado de forma clara e objetiva. Saber que ao usar as TIC como processo de aprendizagem na construção do conhecimento não se pode ficar espantado ao utilizar as novas tecnologias dentro dessas salas, já que como bem afirma Matos (2000, p. 794),

Ninguém se espanta ao entrar na sala de aula e ver lápis, esferográficas, cadernos e livros de texto. Em alguns países desenvolvidos também é possível encontrar juntamente com todos estes objetos educativos computadores, dispostos numa sala especial ou distribuídas pelas turmas.

Ao inserir as TIC dentro do contexto de aprendizagem da PNE, acenamos com a possibilidade do aluno se preparar para uma sociedade que está em constante evolução. Porém, a escola necessita refletir sobre os seus objetivos pedagógicos, para que possa realmente oferecer ao seu alunado, em especial à PNE, uma educação de qualidade, uma educação voltada para o novo, sempre buscando a construção do conhecimento.

As TIC permitem disponibilizar no processo de aprendizagem da PNE um favorecimento na aquisição de sua autonomia, bem como o desenvolvimento de seu ambiente sócio-cultural-afetivo, levando-o a explorar as mais diversas situações problemas para o enriquecimento do seu próprio conhecimento.

Para o MSI/Livro Verde (1997) a escola tem de ser vista como um lugar de aprendizagem e não como um lugar que apenas se ensina; o espaço escolar deve servir como meio para construir o conhecimento, atitude e valor para adquirir competência em uma sociedade que preza muito o conhecimento.

As novas tecnologias que são inseridas na aprendizagem da PNE gera grande expectativa, pois é através delas que esse estudante irá desempenhar com maior eficiência suas tarefas, possibilitando nos mais diversos casos, um meio pelo qual pode ter contato com o mundo exterior (XAVIER apud GÂNDARA, 2013).

A utilização das Tecnologias de Informação e Comunicação, permite e potencia a existência novas perspectivas na participação das crianças com Necessidades Educativas Especiais, podem normalizar as vidas de quem já não procura a excelência, mas a verdadeira oportunidade de se afirmar cidadão. Facilitarão, deste modo, o acesso ao conhecimento, à aprendizagem, à ocupação dos tempos livres, ao lazer, ao desenvolvimento de capacidades intelectuais, ao contacto com grupos de interesses comuns; evitarão a exclusão e contribuirão para uma integração plena (SANTOS apud GÂNDARA, 2013, p. 40).

As TIC na aprendizagem da Pessoa com Necessidade Especial visa reduzir as desigualdades educacionais, já que o processo de ensino e de aprendizagem deve possibilitar o interesse do aluno. A PNE tem de ser motivada o tempo inteiro, levando-a crer que apesar das suas limitações, ela pode conseguir construir novos modelos de aprendizagem e desenvolver suas estruturas cognitivas.

1.3 – A inovação pedagógica no âmbito escolar

Ao se trabalhar com uma abordagem construcionista devemos ter em mente que temos de inovar na educação. A inovação pedagógica implica em mudanças nas práticas pedagógicas, se posicionando de forma crítica frente às práticas pedagógicas tradicionais, onde a inovação pedagógica é vista como um salto de qualidade, que rompe com o velho paradigma fabril existente (FINO, 2008).

Ao se trabalhar com inovação pedagógica, o termo em questão recebe um destaque de se aproximar de um conceito que se baseia em um consenso, já que a concepção de inovação que nos aponta um norte, um rumo a ser seguido diante das possibilidades que surgem.

Historicamente o conceito de inovação está associado às orientações de cunho tecnicista de ensino e de aprendizagem.

De acordo com Fino (2008, p. 1)

A inovação pedagógica implica mudanças nas práticas pedagógicas e essas mudanças envolvem sempre um posicionamento crítico, explícito ou implícito, face às práticas pedagógicas tradicionais. É certo que há factores que encorajam, fundamentam ou suportam mudanças, mas a inovação ainda que se possa apoiar nesses factores, não é neles que reside, ainda que possa ser encontrada na maneira como são utilizadas.

Inovar pedagogicamente significa obter o máximo de aprendizagem com o mínimo de ensino, onde o professor assume um papel de facilitador, de mediador e a aprendizagem se dá de forma mais autônoma provocando no aprendiz um desenvolvimento das suas estruturas cognitivas. Dentro do contexto de inovação pedagógica o aluno é o ator principal. Ele é a grande estrela.

O educando aparece como o protagonista que irá se utilizar de todos os recursos para construir o seu próprio conhecimento. Nesse sentido o sujeito se apropria do objeto gerando uma interdependência, tornando assim, uma relação mais íntima e carregada de afeto (SIMONDON, 2001).

A inovação pedagógica não acontece por acaso e nem tão pouco no vazio da sala de aula. Ela acontece com seres humanos, na tentativa de mudar práticas tradicionais. A inovação pedagógica se traduz em uma nova forma de pensar, com a inclusão de ideias novas, concepções diferenciadas em que a aprendizagem não se dá apenas dentro da sala de aula, mas também fora dela.

Requer um alto grau de descentralização. Isto porque a organização deve ser estruturada para tomar decisões rapidamente. E essas decisões devem ser baseadas na proximidade – com o desempenho, com o mercado, com a tecnologia, e com todas as muitas mudanças ocorrentes na sociedade no meio ambiente, na demografia e no conhecimento que propiciarão as oportunidades para a inovação (DRUCKER, 2000, p. 7).

Ao se falar em inovação pedagógica, devemos ter em mente que é preciso acreditar que é possível transformar o mundo que nos cerca. É acreditar que os educandos são capazes de aprender a trilharem o seu próprio caminho de conhecimento, buscando sempre soluções para as suas situações problemas.

A inovação pedagógica tem um caráter que busca construir projetos que possam tornar a escola mais democrática, solidária, atrativa e ao mesmo tempo mais prazerosa, visando assim uma nova compreensão da aprendizagem, um novo olhar sobre a formação do educando.

O conceito de inovação vai além do sentido de mudança, tem um caráter de buscar transformar o velho, romper com os paradigmas tradicionais existentes com o intuito de procurar atingir novos resultados.

Devemos ver a inovação pedagógica não como um acontecimento isolado, e, sim, como um processo contínuo e em constante evolução.

O sucesso na implantação do uso do computador na abordagem construcionista só será possível se houver um trabalho coletivo onde todos, núcleo gestor e professores estejam conscientes de que é preciso mudar. Onde o comprometimento organizacional esteja presente,

saindo de uma prática instrucionista, em que apenas prioriza o conteúdo, para construir um conhecimento voltado para uma nova abordagem pedagógica, visando o sucesso do aluno, na tentativa de inovar pedagogicamente o ensino e a aprendizagem.

O conhecimento hoje não está mais centrado apenas na figura do professor. O conhecimento está espalhado nos mais diversos lugares, bem como pode ser acessado através de livros, revistas, internet entre outros.

Vivemos em uma sociedade em que a informação na era do conhecimento é a palavra chave, já que estamos no momento de transição entre o fabrico de bens materiais para um sistema baseado na informação, onde o conhecimento é o ponto central para o enriquecimento de uma sociedade (GIDDENS apud SOUSA & FINO, 2005, p. II).

A escola deve tentar mudar suas práticas ainda tão atrasadas para poder acompanhar o dinamismo da sociedade contemporânea. Nessa linha de pensamento Bastos afirma que:

A escola, qualquer que seja sua modalidade terá, que ser menos formal e mais flexível, para não apenas transmitir conhecimentos técnicos e livrescos, mas para gerar conhecimentos a partir das reflexões sobre as práticas inseridas num mundo que age e se organiza diferentemente dos esquemas tradicionais (1996, p. 2).

Ao trabalhar com o uso de uma nova tecnologia a escola juntamente com o professor se abrem para o novo. Permitem-se a ver a educação com outro olhar. Tentando assim apresentar uma proposta pedagógica com o intuito de promover um mundo até então inexplorado, na busca de conquistar um ambiente de aprendizagem inovadora, onde todos possam participar de forma democrática da construção do saber, onde cada um possa colaborar com suas experiências, que se façam ouvir, se tornem seres realmente participativos na construção do conhecimento e não apenas meros bonecos que são comandados por quem estar e/ou detém o poder.

Quando a escola passa a assumir um novo papel pedagógico, ela busca na sua essência inovar. Porém, nem sempre é possível inovar, já que como esclarece Fino (2011, p. 10),

Invariavelmente, a maioria dos intuitos de inovar pedagogicamente dentro da escola acabam por esbarrar contra o currículo, que impõe alunos agrupados por idade cronológica, programas, tempos, rotinas, métodos. Se isso não bastasse, há ainda a considerar a generalidade dos processos de supervisão da indução à prática

profissional dos professores, nomeadamente os que são sediados nas escolas, que tendem à reprodução dos modelos de professor mais habituais, com especial relevo para o professor que define objetivos relacionados com os tópicos programáticos, antecipa estratégias, executa essas estratégias em forma de ensino, avalia os alunos de acordo com os objetivos.

É difícil de achar professores que sejam verdadeiros inovadores. O que temos visto ao longo de todo o processo educativo é que o professor apenas está preocupado com a arte de ensinar. Nossos professores ainda estão atrelados a uma escola fabril, que ainda pensa de forma engessada, ou seja, estática.

A inovação pedagógica não pode ser vista apenas pela inclusão da tecnologia na escola. Ela tem de ser colocada como uma mudança no paradigma que a escola carrega no seu interior. Ou seja, a inovação pedagógica deve ser vista por outro ângulo, no sentido de mudar as atitudes que até então estão em vigor.

Ao se permitir inovar pedagogicamente, a escola se volta para o amanhã, não o amanhã distante, mas o hoje, procurando dessa maneira optar por mudanças visando assim melhorias para uma educação de qualidade, onde o ensino e a aprendizagem sejam realizados com esforço e com o máximo de absorção.

Precisamos estar atentos para as mudanças que surgem a cada dia, pois, não é possível ater-se apenas aquilo que já conhecemos e sabemos. Devemos sim, procurar sempre inovar na nossa maneira de trabalhar, de pensar, de transmitir conhecimentos para as futuras gerações favorecendo a utilização das novas tecnologias que visam não apenas facilitar a vida moderna, mas também a construção do conhecimento humano.

Valente (1999) esclarece que ao utilizar uma máquina como o computador como meio de aprendizagem, favorece-se uma ação pedagógica mais complexa, onde todos são levados a pensar. O computador deve ser visto como um instrumento inovador que está inserido na construção do conhecimento do indivíduo, e não apenas como uma ferramenta decorativa, ou apenas para exercitar algo dito previamente pelo professor.

Sabe-se que a modernidade veio para ficar e é preciso se adequar ao novo. Fazer parte do mundo globalizado, que está em pleno dinamismo o tempo inteiro, que aposta que o futuro não é algo distante, e, sim que ele é o agora, nesse exato momento. Diante disso Almeida (2005) nos diz que a educação que acontece hoje, não é a mesma de tempos atrás, ela deve ser uma mediadora do que está ocorrendo no exato momento presente.

Dentro do contexto de inovação pedagógica temos muito que aprender, pois não são práticas, atitudes e contribuições que se inovam de um momento para o outro. Pelo contrário, a inovação pedagógica deve ser um processo reflexivo, onde todos os que fazem parte do contexto escolar estejam dispostos a participar de todo o processo por uma inovação pedagógica que vise não apenas a escola, mas toda a sociedade em busca do compartilhamento do saber na construção do conhecimento de toda humanidade.

No atual momento em que a humanidade se encontra, as mudanças são evidentes, ao ponto dos processos de transformações estabelecerem novas habilidades, novos conhecimentos, novas atitudes, já que a Tecnologia da Informação e do Conhecimento é um caminho sem retorno, sem volta. Caminhamos a passos largos na construção de uma nova sociedade nunca antes vista.

Os impactos provocados pelo uso das tecnologias na sociedade moderna repercutem também na forma de agir e de pensar e na formação sociocultural dos indivíduos, gerando novas gerações diferentes daquelas passadas. Popper (1945) acredita que a intervenção via tecnologia social gradual possibilita não apenas o cuidado com as consequências inesperadas, mas, sobretudo, o aprendizado com elas e com sua tentativa de correção. O autor tem plena confiança na política como meio de evitar a injustiça. Pois, o uso da tecnologia social seria a maneira mais fácil de intervir no nível econômico e social, para enfrentar as próprias limitações do conhecimento humano.

Inovação pedagógica se visualiza no horizonte através de uma radical mudança nas práticas em que o computador como “máquina do conhecimento” (PAPERT, 2008) seja verdadeiramente utilizado nas escolas. Para Fino (2008, p. 1) “a inovação pedagógica pressupõe um salto, uma descontinuidade”. Isso implica numa transformação total na postura do professor, onde o mesmo deixe de ensinar, de transferir ou impor seus próprios conhecimentos, mas que se transforme em um mediador ou como Gadotti (2013) explicita, em um “problematizador” desse conhecimento, produzindo mais aprendizado com menos ensino, maximizando assim a construção do conhecimento do seu alunado, ainda que, ao mesmo tempo, não se renegue o valor da instrução (PAPERT, 2008).

Neste contexto de impregnação da informação, o professor é muito mais um mediador do conhecimento, um problematizador. O aluno precisa construir e reconstruir o conhecimento a partir do que faz. Para isso, o professor também precisa ser curioso, buscar sentido para o que faz e apontar novos sentidos para o que fazer dos seus alunos e alunas. Ele deixará de ser um **lecionador** para ser um **organizador** do conhecimento e da aprendizagem (GADOTTI, 2013, p. 7-8).

Nesse sentido, Fino (2008) deixa claro que são as práticas pedagógicas que devem ser objeto da transformação, da mudança, sobretudo se mediadas pela tecnologia em que a aprendizagem seja o foco principal.

[...] inovação envolve obrigatoriamente as práticas. Portanto, a inovação pedagógica não deve ser procurada nas reformas do ensino, ou nas alterações curriculares ou programáticas, ainda que ambas, reformas e alterações, possam facilitar, ou mesmo sugerir, mudanças qualitativas nas práticas pedagógicas (FINO, 2008, p. 2).

Complementando, Gadotti (2013, p. 13) garante que “não há qualidade sem inovação e nós estamos vivendo uma **crise de ineditismo**. [...] Há uma repetição sem sentido na educação. É uma educação que é incapaz de ousar, de mudar, de se transformar, e de sair de si mesma, de seu pedagogismo”.

Por outro lado, ainda que a informática deva estar disponível no âmbito escolar, a tecnologia sim é que precisa estar incorporada ao fazer pedagógico, tornando-se aliada como instrumento indutor da aprendizagem e do desenvolvimento intelectual e social do aluno, e, isso, parece somente ser possível através de mudanças basilares nas práticas pedagógicas e na adequação curricular aos novos modos de convivência social em que é fundamental um aluno crítico, capaz, consciente e conhecedor do seu próprio eu. Mas, Fullan (2009, p. 60) questiona: “Se a ameaça de morte não motiva pessoas que estão doentes, o que motivaria os professores a mudar?”.

Completando esse raciocínio, Papert (2008, p. 64) visualiza mudanças importantes na educação e assegura:

Meu argumento paradoxal é que a tecnologia pode apoiar uma megamudança na educação tão ampla quanto a que vimos na medicina, porém em um processo diretamente oposto ao que conduziu às mudanças na medicina moderna. A medicina mudou, tornando-se cada vez mais técnica na sua natureza; na educação a mudança virá pela utilização de meios técnicos para eliminar a natureza técnica da aprendizagem na Escola.

Como se sabe inovação nos processos pedagógicos não implica, exclusivamente, no uso sistemático da tecnologia, mas também, por sua causa. Isso quer dizer que não necessariamente os instrumentos tecnológicos devam ser usados em sala de aula, mas por causa desses instrumentos, como bem assevera Castells (1999), uma nova cultura, a cultura da virtualidade real se apresenta e então a postura do docente necessita ser alterada e atualizada para estar em sintonia com a realidade presente em que, por causa da tecnologia, grande

número de atividades são atualmente projetados e muitas vezes nem percebidos nos setores industriais, comerciais e de serviços.

Dessa forma, torna-se evidente a necessidade de um inovar pedagógico, de um atualizar docente através de uma mudança na postura tradicional de ensinar, transformando o professor num mediador, num problematizador do conhecimento, ou seja, especializando-se em “matética”, termo que se vincula à aprendizagem em contraposição ao termo didática que tem íntima relação com o ensino, isto é, na arte de construir conhecimento ou na “arte de aprender” (PAPERT, 2008, p. 89) ao utilizar os avanços técnicos na sua lida escolar.

Precisamos de um sistema de inovação que difunda os novos conhecimentos pedagógicos por toda a educação e faça com que eles resultem em novas ideias na apropriação da construção do conhecimento como modelo de aprendizagem pelo aluno.

A tentativa de inovar nem sempre resulta em erros. Mas, é preciso estar disposto a encarar os erros, para que seja possível promover mudanças que não acontecerão de outra forma se não estivermos dispostos a tentar mudar, ou seja, a ver a inovação como novo e transformador.

CAPÍTULO 2 – O PROCESSO DE INCLUSÃO DE PESSOA COM NECESSIDADE ESPECIAL

“Toda luta exige doação, capacidade de renúncia e de sacrifício em favor dos outros e dos sonhos que se quer concretizar”.

Leonardo Boff

Muitos dos problemas educacionais, com as quais nos deparamos, originam-se em períodos bem anteriores aos dias atuais. No Brasil Colônia, no Império e na República, a escola como instituição pública estatal praticamente inexistiu, pois em uma sociedade com o modelo agroexportador, a educação escolar não era considerada importante, o que se precisava era de mão de obra pesada para agricultura.

Contudo, com o surgimento da sociedade moderna, a posse do conhecimento torna-se fundamental, para possibilitar aos que têm acesso uma maior expectativa de ascensão social.

Nesse sentido, a escola, de acordo com o contexto em que está inserida, tem servido a interesses diversos, tornando-se alvo de elogios, críticas e diversas interpretações em relação a sua responsabilidade, pois esta é parte integrante da sociedade e dos conflitos sociais nela existentes.

Por isso mesmo, nos diversos modelos de sociedade, têm servido de veículo de divulgação de seu modo de pensar e como instrumento de formação de mão de obra para impulsionar seu projeto econômico (GADOTTI, 1997, p. 233).

As concepções de sociedade, de homem e de educação que o aluno aprende na escola dependem muito da opção que os educadores fazem para explicar a realidade. É o papel educativo da escola inserir o estudante no seu contexto social, levando-o a desenvolver suas capacidades, suas potencialidades na busca de efetivação de sua cidadania. É direito dos indivíduos ter acesso a um saber que lhes permita usufruir eticamente da sua condição de cidadão.

No entanto, o modelo de organização da escola permanece autoritário. Continua utilizando instrumentos pedagógicos conservadores, como por exemplo, a frequência e a avaliação como controladores da disciplina, do respeito e da moral. Ou seja, a escola que deveria questionar esse modelo, acaba por reproduzir os aspectos retrógrados da nossa sociedade capitalista.

De acordo com o pensamento de Foucault (2008), a escola é uma instituição disciplinar marcada pelo pensamento moderno, que tem por objetivo a ordenação e organização, ou seja, a normalização disciplinar.

A normalização disciplinar consiste em primeiro colocar um modelo, um modelo que é constituído em função de certo resultado, e a operação de normalização disciplinar consiste em procurar tornar as pessoas, os gestos, os atos, conforme a esse modelo, sendo normal precisamente quem é capaz de se conformar a essa norma e o anormal quem não é capaz. Em outros termos o que é fundamental e primeiro na normalização disciplinar não é o normal e o anormal, é a norma (FOUCAULT, 2008, p. 75).

O espaço escolar deveria ser um lugar de mobilização, de confronto, de construção, de confiabilidade, de complexidade, de produção, de resistência, de alfabetização e de escolaridade, fundamentalmente um espaço de aprendizagem. Entendida dessa forma, ela representaria a possibilidade da afirmação ou da negação do modelo de sociedade vigente.

Para isso, os alunos e professores precisam aproveitar ao máximo o tempo de escola para compreender as relações que se estabelecem no mundo, para exercitar a participação, a democracia e o respeito às diferenças.

No intuito de analisar a função social da escola, para além da realidade do espaço escolar, faz-se necessário novos olhares quanto ao desenvolvimento e implementação de práticas educacionais que venham articular a emergência de outro paradigma de educação pública.

Contudo como lembra Calazans (1993), o modo de produção capitalista sempre investiu maciçamente na escola na tentativa de fortalecer seu poder. Em busca de uma nova práxis educacional, não podemos ficar de braços cruzados, pois como afirma Paulo Freire “lavar as mãos em face à opressão é reforçar o poder opressor, é optar por ele (...) e se a educação não é a chave das transformações sociais, não é também simplesmente reprodutora da ideologia dominante” (1997, p. 28).

Portanto, cabe-nos a opção de orientar o conteúdo curricular e a prática da escola na busca de uma nova sociabilidade, onde haja a possibilidade de construção e a reconstrução do pensar.

O grande desafio é pensar a função social da escola onde esta seja o centro de produção de cultura, espaço de transmissão de saberes, formador de cidadãos críticos, preparados para o exercício profissional e compreender o processo de exploração como possibilidade de mudança social.

Nesse sentido, o movimento pela educação inclusiva no Brasil nasce com esse anseio de mudança no olhar para com o aluno com necessidade especial, embasados por leis internacionais, com destaque para a Conferência Mundial sobre Necessidades Educativas Especiais, em Salamanca.

No documento elaborado pelos delegados desse documento lê-se: reafirmamos o nosso compromisso para com a Educação para Todos, reconhecendo a necessidade e urgência do providenciamento de educação para as crianças, jovens e adultos com necessidades educacionais especiais dentro do sistema regular de ensino e reendossamos a estrutura de Ação em Educação Especial, em que, pelo espírito de cujas provisões e recomendações governo e organizações sejam guiado (UNESCO, DECLARAÇÃO DE SALAMANCA, 1994, p. 1).

No entanto, os processos de inclusão presentes na legislação brasileira seguem uma lógica sustentada pelos ideais neoliberais de defesa dos princípios econômicos do capitalismo. Apesar de um discurso de respeito à diversidade e às diferenças, as políticas de inclusão escolar se legitimam dentro de uma lógica de mercado.

De acordo com a razão de Estado neoliberal que vivemos no Brasil, é preciso que, para a manutenção do próprio Estado, ao menos duas regras sejam seguidas: 1) não é permitido que alguém fique de fora das malhas que dão sustentação aos jogos de mercado; 2) embora em diferentes níveis de participação, todos devem estar incluídos. Dessa forma, é preciso que o Estado crie, cada vez mais, estratégias que beneficiem o maior número de pessoas para que estas possam, através do consumo, da produção, da participação, manter o Estado e o mercado em funcionamento (LOPES apud SILVA, 2012, p. 7).

E apesar de inúmeras leis, como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBN) – Lei N° 9.394/96 (BRASIL, 1996); a Resolução CNE/CEB N° 02/01 (BRASIL, 2001) que institui Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica; o Decreto N° 6.094/07 (BRASIL, 2007a), que dispõe sobre a implementação do Plano de Metas

Compromisso Todos pela Educação; a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação ainda está distante de um modelo realmente inclusivo.

Necessitamos ver o processo de inclusão na escola, na sociedade, no ambiente de trabalho e em outras áreas como um impasse a ser realizado, ou seja, sair de um ambiente reducionista que está arraigado a velhos conceitos e que na sua essência é difícil mudar.

A Educação Inclusiva é um processo em que se amplia a participação de todos os alunos que estão inseridos dentro do ensino regular. É uma modalidade de inserir todos os que fazem parte do mundo escolar em um só sistema, onde a diversidade que ocorre é uma constante no processo de ensino e de aprendizagem.

Vale ressaltar que é uma abordagem que tem como princípio norteador uma visão holística do ser humano, dentro de uma abordagem humanística, democrática, onde os princípios éticos são respeitados, principalmente levando em conta a singularidade de cada ser humano, visando o crescimento, a satisfação pessoal e a inserção social de todos os que fazem parte da escola em um mundo complexo e diferente.

De acordo com Glat (2007, p. 16),

A Educação Inclusiva significa um novo modelo de escola em que é possível o acesso e a permanência de todos os alunos, e onde os mecanismos de seleção e discriminação, até então utilizados, são substituídos por procedimentos de identificação e remoção das barreiras para a aprendizagem. Para tornar-se inclusiva a escola precisa formar seus professores e equipe de gestão, e rever as formas de interação vigentes entre todos os segmentos que a compõem e que nela interferem. Precisa realimentar, sua estrutura, organização, seu projeto político-pedagógico, seus recursos didáticos, metodológicos e estratégias de ensino, bem como suas práticas avaliativas. Para acolher todos os alunos, a escola precisa, sobretudo, transformar suas intenções e escolhas curriculares, oferecendo um ensino diferenciado que favoreça o desenvolvimento e a inclusão social.

A Educação Inclusiva pode ser caracterizada como um novo modelo escolar que tem uma nova proposta pedagógica que é a de atingir a todos os alunos. A escola inclusiva tem no seu bojo atender às necessidades apresentadas pelos seus alunos, não apenas os portadores de necessidades educativas especiais, mas todos os que fazem parte do contexto escolar.

A Educação Inclusiva não é apenas matricular o aluno com deficiência em uma determinada turma, mas sim, um espaço de convivência, onde o ambiente seja propício à aprendizagem dos conteúdos socialmente valorizados para cada faixa etária.

Conforme Laplane APUD Glat (2007, p. 27-28),

Um dos principais empecilhos à inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais no contexto escolar comum é o fato de a escola privilegiar, na prática, a ideia de “prontidão”, preparação ou qualificação prévia do sujeito para estar incluído em uma determinada turma, senão as necessidades que ele terá para aprender o que é proposto para os demais alunos dessa turma. Para que uma escola se torne inclusiva, deverá haver o reconhecimento de que alguns alunos necessitarão mais que outros de ajudas e apoios diversos para alcançar o sucesso de sua escolarização. Essa postura representa uma mudança na cultura escolar. Pois, sem a organização de um ambiente mais favorável ao atendimento das necessidades dos alunos que precisam de estratégias e técnicas diferenciadas para aprender, qualquer proposta de Educação Inclusiva não passa de retórica ou discurso político.

As necessidades especiais educacionais devem está inseridas dentro da educação inclusiva, objetivando a construção de um ambiente de aprendizagem mais tolerante, onde todos possam conviver de forma harmônica, visando à interação de todos os envolvidos na busca por um mundo mais solidário, mais fraterno e com mais igualdade, já que todos nós fazemos parte de uma mesma sociedade, de um mesmo planeta, que apesar das diferenças existentes entre todos, podemos realmente aprender uns com os outros.

Para Glat (2007, p. 32),

Educação Inclusiva, como nós a entendemos, é um processo *progressivo* e contínuo de *absorção* do aluno com necessidades educacionais especiais pela escola regular. Este pressupõe, simultaneamente, a adaptação da instituição e da cultura escolar para atuar com o aluno, e a adaptação deste aluno para que possa usufruir plenamente do processo educacional. Não estamos postulando que o aluno já deverá estar “pronto para se adaptar” à turma comum (como no modelo da Integração). Mas não se pode esperar que a turma comum seja o ambiente de aprendizagem melhor para todos, sobretudo para os que apresentam comprometimentos graves. Há crianças com comportamentos que colocam em risco a si mesmas e aos outros; há aquelas que não se expressam ou movem, e que sem uma interação mais próxima, em ambiente mais estruturado, o professor não terá respostas a dar às suas necessidades educacionais especiais. Some-se a isso o fato de que muitas dessas crianças e jovens tiveram seu ingresso na escola tardiamente e não têm qualquer referência educacional.

Queremos dizer que devido há grande quantidade de alunos e às diversas realidades que se apresentam as escolas inclusivas não funcionam de acordo como deveriam funcionar, já que existe um número muito grande de alunos que são bastante heterogêneos entre si; professores sem formação adequada são uma constante; escolas sem espaços físicos adequados entre outros. Com isso, o ensino e a aprendizagem no desenvolvimento dos alunos na escola inclusiva se tornam aquém do esperado.

Segundo Ainscow APUD Glat (2007, p.33),

É útil ao assinalar que a inclusão escolar pressupõe três elementos básicos: a) *a presença*, o que significa estar na escola, superando o isolamento do ambiente privado e inserido o indivíduo num espaço público de socialização e aprendizagem; b) *a participação*, que depende, no entanto, do oferecimento das condições necessárias para que o aluno realmente possa interagir plenamente nas atividades escolares; c) *a construção de conhecimentos*, sem a qual pouco adianta os outros dois aspectos anteriores.

A escola inclusiva não pode ser vista como uma dicotomia dos serviços de apoio às escolas, aos funcionários, aos professores, aos alunos e a todo o sistema escolar. Pelo contrário, a educação inclusiva tem de ser vista como uma continuidade de um ensino e de uma aprendizagem de qualidade que visam diretamente à formação do aluno com necessidade educacional especial ou não em todos os níveis escolares.

2.1 – A inclusão na escola

A inclusão, como amplo processo social, vem ocorrendo há bastante tempo. E, ao longo do seu percurso vem se efetivando, em diversos países, desde a década de 70 do século passado.

Sasaki (1997) aponta que a inclusão é um processo na qual a modificação da sociedade é de fundamental importância para que a Pessoa com Necessidade Especial venha a exercer e a buscar o desenvolvimento pleno de sua cidadania.

Cidade e Freitas (1997) indicam que o processo de inclusão irá exigir grandes mudanças significativas nos mais variados ambientes, sejam eles físicos e na mentalidade de todas as pessoas, incluindo a própria Pessoa com Necessidade Especial, para que seja possível se concretizar uma sociedade que além de aceitar o outro como ele se apresenta, valorize também as diferenças individuais e que possa aprender a lidar e a conviver de forma harmônica com a diversidade que aí se apresenta, através do uso da compreensão e da cooperação.

Para Carvalho (1998, p. 170) a inclusão “pressupõe, conceitualmente, que todos, sem exceção, devem participar da vida acadêmica, em escolas ditas comuns e nas classes ditas regulares onde deve ser desenvolvido um trabalho pedagógico que sirva a todos os alunos, indiscriminadamente”.

Dialogando com Carvalho (1998), entendemos a escola como um espaço de inclusão, que deve estar aberto a processo de reflexão e debate. Que a mesma ultrapasse as

barreiras físicas e arquitetônicas, de acesso, bem como os espaços destinados a uso de materiais pedagógicos. Ela, não é apenas esse processo de inclusão, é um local em que as discussões serão trabalhadas, refletidas em toda sua extensão, contribuindo assim para uma melhor convivência entre todos, onde a tolerância seja a tônica central do processo de inclusão tão em pauta. Ou seja, se faz necessário promover a inclusão de forma responsável, compartilhada e acima de tudo onde todos possam colaborar com seus sentimentos e experiências.

Sabemos que nem todas as escolas estão em condições de receber o aluno com necessidade especial e, um dos motivos, é o de que os professores não se sentem preparados para atender às necessidades dos mesmos e os escolares ditos “normais” não recebem e não receberam informações sobre os colegas.

Ao analisarmos a aprendizagem do aluno com necessidade especial, é impossível deixar de lado suas habilidades cognitivas, sua capacidade de atenção, memória, resolução de problemas e generalização da aprendizagem durante todo o processo. As dificuldades para aprender estão relacionadas com o grau de deficiência e o nível de comprometimento que o aluno apresenta e que vão influenciar no desenvolvimento da aprendizagem do mesmo ao realizar uma atividade ou um movimento.

Dialogando com Carvalho (1998), diversos são os perfis profissionais existentes que convivem com a diferença e suas particularidades. Entretanto, o profissional que não atua na área da inclusão deve estar atento para a diversidade que está à sua frente, pois ao trabalhar com as diferenças se faz necessário se envolver buscando dessa forma respeitar as mais diversas diferenças existentes.

Não é possível ver as limitações da Pessoa com Necessidade Especial como um entrave. O problema são as outras pessoas. O docente que trabalha com o processo de inclusão, aceita a todos de acordo como os mesmos se apresentam. Ou seja, ele entende que a ideia de caleidoscópio é importante para o seu trabalho. Já que quanto maior a diversidade, mais rica, complexa e significativa será sua prática mediadora, na qual ele vê o aluno como um ser em desenvolvimento (FOREST e LUSTHAUSE, 1987).

Alijando-se o aluno com deficiência da integração social, este perde em desenvolvimento, enquanto a sociedade perde por não ter a oportunidade e a possibilidade de aprender com uma significativa parcela de seus elementos constitutivos, representados pelos diferentes segregados. Com isso, todos perdemos

em consciência, em comportamento e, conseqüentemente, em possibilidade de transformação (ARANHA apud CRUZ, 1996, p. 12).

Ressaltamos as contribuições do aluno com necessidade especial para a sua própria inserção social, no que se refere à transformação que poderá trazer à escola e ao processo educacional, se estiver presente, integrado e incluso dentro desse contexto.

Reconhecemos que existem, ainda, na escola, perspectivas tradicionais de ensino. Desta forma, temos consciência de que ao defendermos a possibilidade de inclusão do aluno com necessidade especial na escola, iremos avançar no que diz respeito às perspectivas mais progressistas de ensino, tais como: crítico-social, crítico-superadora, emancipatória, dinâmica-dialógica, entre outras. E os professores de maneira geral, principalmente aqueles que trabalham com essas perspectivas de ensino, consideradas avançadas, devem suscitar um repensar nos objetivos, métodos, funções sociais, tempo, espaço e conhecimento para incluir o aluno com necessidade especial no ambiente escolar.

Carvalho (1999) aponta que a inclusão nos proporciona uma visão bastante ampla, ao mesmo tempo arrojada de enxergar a escola, o ensino, a aprendizagem e a educação, na qual a valorização do magistério perpassa pela formação de um professor voltado para novas ações pedagógicas, onde a busca por soluções mediadoras deve ser uma constante.

Precisamos enfrentar desafios, mas não podemos abraçar a inclusão sem considerar todos os aspectos envolvidos, como por exemplo, as ideias que fazem parte dos discursos oficiais, os estudos e pesquisas que estão a surgir em todos os lugares, sejam eles de caráter nacional e/ou internacional, bem como a característica específica de cada alunado da Educação Especial.

Abranches (2000, p. 38), defende a ideia que, “o convívio social só é possível pela aceitação e pelo respeito à diferença. E a diferença é a marca constitutiva de cada sujeito; é o que nos define e nos torna únicos”.

A Pessoa com Necessidade Especial pode muito mais do que podemos imaginar. Ela não pode ser desprezada pela escola. Sua inclusão no processo escolar ajudará a própria escola a se perceber como um espaço que irá formar novos cidadãos muito mais conscientes, reflexivos para uma sociedade mais tolerante.

A escola pública, criada a partir dos ideais da Revolução Francesa como veículos de inclusão e ascensão social, vem sendo em nosso país inexoravelmente um espaço de

exclusão – não só de deficientes, mas de todos aqueles que não se enquadram dentro do padrão imaginário do aluno “normal”. As classes especiais, por sua vez, se tornaram verdadeiros depósitos de todos aqueles que, por uma razão ou outra, não se enquadram no sistema escolar (GLAT, 2000, p. 18).

O sistema educacional no Brasil foi idealizado para receber apenas alunos que seriam considerados como “ideais de aprendizagem”⁴. Ou seja, não é aquele ser que irá criar problemas, não é o indivíduo que vem com uma gama imensa de entraves, sejam eles psicolinguístico, motivacionais, familiares, socioculturais entre outros.

É necessário que a escola tanto fisicamente quanto através do seu contingente humano e todos aqueles que direta ou indiretamente fazem parte dela precisam lidar com as diferenças de forma tranquila, saber que todos que se fazem presentes no processo educacional devem entender a educação inclusiva como um processo significativo onde todos podem contribuir para uma nova sociedade, uma nova maneira de lidar com as diferenças e idiosincrasias.

O processo de efetivação da inclusão educacional deve ser visto como seres incluídos dentro da educação, onde seja possível trabalhar todas as oportunidades de aprendizagem, onde o aluno seja o centro da aprendizagem e que o seu conhecimento possa ser mediado com o intuito de novas aprendizagens e saberes.

Fica claro que a simples inserção de alunos com necessidades educativas especiais, sem nenhum tipo de apoio ou assistência aos sistemas regulares de ensino, pode redundar em fracasso, na medida em que esses alunos apresentam problemas graves de qualidade, expressos pelos altos níveis de repetência, de evasão e pelos baixos níveis de aprendizagem (BUENO, 1999, p. 13).

Ao incluirmos a Pessoa com Necessidade Especial, precisamos garantir a ela não apenas uma educação de qualidade, mas, também, um processo de inclusão social e cultural. Onde a cada sucesso obtido pela PNE deva ser comemorado em conjunto. Esquecendo assim suas limitações. É preciso focar nas potencialidades desse aluno.

Para entender melhor a questão da inclusão, veremos o que diz a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – Lei nº. 9.394 de 20 de dezembro de 1996, na questão da Educação Especial:

No Capítulo V – Da Educação Especial – Artigos 58 a 60, a lei entende como Educação Especial a modalidade de Educação Escolar, oferecida preferencialmente

⁴ Grifo meu.

na rede regular de ensino, para educandos portadores de necessidades especiais. Haverá quando necessário, serviços de apoio especializado na escola regular, para atender às peculiaridades da clientela da Educação Especial. O atendimento educacional será feito em classes, escolas ou serviços especializados, sempre que, em função das condições específicas do aluno, não for possível a sua integração nas classes comuns de ensino regular (BRASIL/LDBN, 1996, p. 21-22).

A oferta de Educação Especial é dever do Estado, bem como consta na Constituição. Os alunos nessa modalidade de ensino podem se matricular a partir de zero a seis anos, devendo os sistemas de ensino assegurar aos educandos com necessidades especiais, currículos, professores e outras condições de organização escolar adequadas às necessidades inclusive dos superdotados (BRASIL/LDBN, 1996).

O termo inclusão no campo da Educação foi oficializado em 1994 (Declaração de Salamanca – Espanha) e foi chamada de Educação Para Todos. Devemos lembrar também que inclusão não é o mesmo que integração, pois na integração a escola não muda, e a permanência da criança é condicionada às suas possibilidades. Já na inclusão, a escola tem que ser transformada, ressignificada, e necessita adaptar-se às necessidades do aluno, e não, o contrário.

Acreditamos que uma pedagogia voltada para a inclusão de todas as diferenças deveria começar, e já acreditamos que estaria começando tarde, mas o que acontece na maioria das vezes é uma total desinformação a respeito da Pessoa com Necessidade Especial, e como diz Rosadas (1989), antes de fazer algo por ela é necessário conhecê-la, saber qual o seu desejo, para só depois trabalhar com opções mais equilibradas em atividades que possam alavancar o seu desenvolvimento.

Eles podem se relacionar bem com qualquer pessoa, principalmente com aquelas que os entendem, e para entendê-los não é preciso pré-requisitos. Basta tratá-los da mesma forma que tratamos qualquer pessoa, sem distinções, pena ou proteção exagerada, e, sobretudo acreditando em suas potencialidades, como nos ensina a Pedagogia Transdisciplinar de Nicolescu (1999), cujos princípios são: aprender a conhecer; aprender a fazer; aprender a ser; e, por fim, aprender a viver junto.

Cada vez mais valorizado o conceito de inclusão, os profissionais que fazem parte da área de Educação estão sendo convocados para atuarem de forma compartilhada e contínua junto a essa população especial. Diante disso, vimos então surgir uma questão: será que esse profissionais estão realmente preparados para trabalhar, receber e orientar a Pessoa com

Necessidade Especial? A resposta costuma ser não. Isto se deve à ideia que se formou ao longo dos anos, de que a PNE é bastante difícil de lidar. Nada mais equivocado, pois o que a pessoa especial quer é ser incluída e tratada como as demais pessoas. Devemos, é claro, nos apropriar de certos aspectos da deficiência e ter algum conhecimento específico sobre eles.

A metáfora da inclusão é a do caleidoscópio. Esta imagem é bem elaborada por Forest e Lusthause, na qual descrevem da seguinte forma: “O caleidoscópio precisa de todos os pedaços que o compõem. Quando se retiram pedaços dele, o desenho se torna menos complexo, menos rico. As crianças se desenvolvem, aprendem e evoluem melhor em um ambiente rico e variado” (FOREST e LUSTHAUSE, 1987, p. 6).

A imagem do caleidoscópio nos indica a possibilidade de estarmos juntos, não no sentido de ser o primeiro, ou de competição. Pelo contrário, se faz preciso trabalhar de forma conjunta, onde não existam vencedores ou vencidos. E, sim, que todos colaborarem uns com os outros para o desenvolvimento coletivo.

O papel do professor é o de criar ambientes diversos, que possam favorecer ao seu aluno conhecimentos diversos, que além de novo e desconhecido, ele esteja preparado para se apoderar desse novo conhecimento, bem como buscar soluções para as mais diversas situações problemas que venham a surgir. Nesse sentido, o professor é um mediador no processo de aprendizagem, um indivíduo que deve se propor a ser um elo de ligação entre o conhecido e o desconhecido.

O professor tem de identificar em suas aulas, quais são as reais necessidades e capacidades de cada aluno seu, com o intuito de potencializar a capacidade de autonomia, independência, o senso de responsabilidade, conscientização e reflexão do seu alunado. O docente precisa estar atento a cada discente de forma individual e coletiva, para que ele enquanto mediador do processo de aprendizagem planeje suas aulas visando um estudante mais consciente de si e do mundo que o cerca, e que além de sua necessidade especial, o mesmo sinta-se desafiado e estimulado a aprender cada vez mais.

No processo de inclusão se faz necessário conhecer o aluno com necessidade especial, percebendo quais são suas necessidades e planejar atividades levando em consideração suas limitações, elevando gradativamente o grau de dificuldade para que a aprendizagem se torne uma forma de transformação do próprio indivíduo.

A participação do aluno com necessidade educacional especial em sala aula é de grande importância para que ele venha a desenvolver suas capacidades perceptivas, afetivas, de integração, e de inclusão social, favorecendo assim um melhor comando da sua vida e da sua própria aprendizagem.

Devemos sempre estar preocupados em não adaptar muito a aula, pois assim nossos alunos se sentirão capazes de realizar as atividades como os alunos considerados normais.

O professor necessita realizar as adequações necessárias em sua sala de aula, adaptando as regras, as atividades que serão desenvolvidas, aos materiais com o intuito de estimular o aluno tanto com necessidade especial quanto aquele que é considerado “normal”⁵ favorecendo uma inclusão de forma responsável e consciente de cada possibilidade para o engrandecimento de todos.

A sala de aula da Pessoa com Necessidade Especial deve ser um exercício de tolerância, onde todas as pessoas aprenderão a construir uma nova sociedade, de forma mais crítica, mais reflexiva, sem discriminação. Onde seja possível uma convivência harmoniosa, solidária, em que atitudes como respeito e aceitação, sejam atitudes comuns no dia a dia de todos. Onde não exista espaço para o preconceito e a exclusão.

A participação do aluno com necessidade educacional especial na sala de aula, juntamente com outros ditos normais, traz inúmeros benefícios como o aumento da autoestima, melhoria da competência física e social, bem como, um aumento na variedade de modelos sociais, propiciados pela diversidade dos participantes.

Existem algumas atitudes que devemos evitar quando trabalhamos com alunos com necessidades educacionais especiais. Rosadas (1989) nós dá algumas dicas para um melhor relacionamento com esses alunos especiais, como: tratá-los da mesma maneira que trata os outros alunos, ou seja, sem exageros ou discriminação; nunca subestimar a Pessoa com Necessidade Especial; fazer com que o mesmo sinta-se acolhido por todos e que possa participar das atividades de forma de integrá-lo e incluí-lo dentro da sala de aula. É necessário que a PNE tenha plena confiança nos seus colegas de turma, bem como no docente, na qual possa demonstrar total segurança para trabalhar com um público que merece atenção e acima de tudo respeito.

⁵ Grifo meu.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), deve haver adaptações curriculares, para a Educação Especial (BRASIL, 1998, p. 23):

A expressão necessidades educacionais especiais pode ser utilizada para referir-se a crianças e jovens cujas necessidades decorrem de sua elevada capacidade ou de suas dificuldades para aprender. Está associada, portanto, à dificuldade de aprendizagem, não necessariamente vinculada à deficiência(s).

E ainda continua no mesmo documento adaptado (BRASIL, 1998, p. 23):

O termo surgiu para evitar os efeitos negativos de expressões utilizadas no contexto educacional – deficientes, excepcionais, subnormais, superdotados, infradotados, incapacitados etc. – para referir-se aos alunos com altas habilidades/superdotação, aos portadores de deficiências cognitivas, físicas, psíquicas e sensoriais. Tem a propósito de deslocar o foco do aluno e direcioná-lo para as respostas educacionais que eles requerem, evitando enfatizar os seus atributos ou condições pessoais que podem interferir na sua aprendizagem e escolarização. É uma forma de reconhecer que muitos alunos, sejam ou não portadores de deficiências ou de superdotação que passam a ser especiais quando exigem respostas específicas adequadas.

Numa sociedade como a nossa, capitalista, em que são exigidas a eficiência e a produtividade, não ser eficiente é ser deixado de lado.

De acordo com a WHO/International Classification of Impairments, Disabilities and Handicaps (2014), uma Pessoa com Necessidade Especial é uma pessoa com uma falta ou restrição de capacidade para executar atividades, tarefas, habilidades e comportamentos na forma ou âmbito considerado normal para um ser humano.

Segundo a Política Nacional de Educação Especial (BRASÍLIA apud SOLER, 2006, p. 31-32), é considerada Pessoa com Necessidade Especial:

Aqueles que, por apresentarem necessidades próprias e diferentes dos demais alunos, requerem recursos pedagógicos e metodológicos educacionais específicos. Consideram-se integrantes desse grupo os portadores de: deficiência mental, visual, auditiva, física, múltipla, condutas típicas e altas habilidades.

Verifica-se que a Pessoa com Necessidade Especial, tem um poder de superação de suas limitações, que a torna mais que eficiente, pois supre a falta de habilidades, com uma grande força de vontade para superar qualquer desafio, e quando unidas, uma emprestando às outras um pouco de habilidade, sua capacidade para criar, jogar e viver é ilimitada.

A história de superação da Pessoa com Necessidade Especial é muito antiga, pois como nos mostra Rosadas (1991, p. 23):

No tocante ao indivíduo deficiente, os fundamentos ético-religiosos dos povos pré-cristãos não permitiam uma valorização semelhante, pois os portadores de moléstias, sobretudo os deficientes físico-mentais congênitos, eram considerados amaldiçoados pelos deuses, sendo segregados, ou mesmo eliminados.

A própria história nos mostra que ao longo dos anos a Pessoa com Necessidade Especial sempre foi excluída, deixada de lado. Muitas vezes foram alijadas do convívio educacional, por serem diferentes.

Os sentimentos protecionistas, paternalistas e de caridade não podem impedir que a Pessoa com Necessidade Especial seja visto na sua totalidade e essência, e que tenha seu direito pleno à cidadania.

Não se pode negar os condicionamentos orgânicos, socioculturais e psíquicos, que estão associados a vários tipos de deficiências, ou a influência que esses fatores podem exercer no sucesso ou insucesso escolar do educando, mas não se pode advogar sua hegemonia como dominante na sua causalidade do fracasso escolar, ou como modo de justificar uma ação escolar pouco eficaz (SOLER, 2006, p. 36).

A escola tem a missão de educar, levando em conta as necessidades especiais dos alunos, objetivando formá-los cidadãos conscientes e críticos, capazes de participar ativamente da construção de uma sociedade mais justa.

Dialogando com Santos (1999, p. 62) que auxilia-nos na compreensão da difícil questão entre diferença e igualdade, ao afirmar que: “todo mundo tem direito a igualdade quando a diferença discrimina, e todo mundo tem direito à diferença quando a igualdade descaracteriza”.

O cotidiano escolar deve incorporar tais espaços de ação, e seus atores devem perceber que o que chamamos de exclusão social é somente uma das formas perversas de inclusão, na medida em que os excluídos permanecem na sociedade sem terem condições de atuar como membros efetivos.

Os docentes devem compreender que, no seu cotidiano, essas relações estão se desenvolvendo a todo o momento e a não-intervenção provoca a sensação de legitimidade da impunidade. É função do professor de instituir táticas, não só no campo educativo, mas

também na ação cotidiana dos seus alunos, procurando criar condições em que igualdade e diferença sejam explicitadas, principalmente no lado mais fraco. Talvez, pelo nosso contexto socioeconômico, sejamos mais diretos nas constituições dessas táticas, porém a indiferença pode ser mais danosa.

As propostas de inclusão na escola, muitas vezes, desconsideram esse quadro e passam a legitimar ações que se tornam mais excludentes ainda; é o que podemos chamar de inclusão na exclusão. É necessário e urgente criarmos condições de ação mais coerentes e atuações mais condizentes com as demandas e expectativas sociais, sem perdermos a noção de que tais apelos podem ser facilmente desvirtuados na direção de um populismo pedagógico.

A parte mais complicada no desenvolvimento educacional da Pessoa com Necessidade Especial é realmente a avaliação. Pois como mensurar ao final de um processo? Como estabelecer critérios? Como definir objetivos?

A coisa mais certa a se fazer é fugir de formas autoritárias, mecânicas e padronizadas. Pois qual é o padrão que queremos? Será que existe um padrão? É claro que não, já que as pessoas são diferentes ao início de um processo educativo, e com certeza serão diferentes ao final dele.

Na Educação Especial, a prioridade é diagnosticar qual o nível em que o aluno se encontra, procurando assim, criar as dificuldades de acordo o processo de aprendizagem, começando com atividades mais simples e gradativamente passando para níveis de complexidade mais elaborados. Favorecendo assim uma aprendizagem centrada no aluno e que essa aprendizagem tenha realmente um significado.

O professor tem de propor atividades que realmente estejam dentro do alcance dos seus alunos, pois se a atividade for muito fácil, ele não conseguirá se motivar para desenvolver a mesma, já que para ele é necessário se sentir desafiado. Ele perderá o interesse rapidamente. Do mesmo modo, se essa tarefa tiver um grau de complexidade além do seu processo de maturação cognitiva e motora, esse aluno tende a se frustrar e fatalmente perderá o interesse em realizá-la, desistirá sumariamente.

A avaliação serve justamente para isso, ou seja, examinar o conteúdo que está sendo apresentado para as crianças, e, quando necessário, modificá-lo, tornando-o mais acessível.

A avaliação deve ser sempre de utilidade, tanto para o professor como para o aluno, pois é através dela que ambos compreenderão onde estão errando. Deve ser contínua. O professor quando avalia, deve ser claro o suficiente para que a pessoa avaliada saiba o quê, como e quando será avaliada.

A Pessoa com Necessidade Especial, deve sempre opinar sobre o processo que vivência. E o professor necessita utilizar a auto avaliação como forma de valorizar e reconhecer seu desenvolvimento individual e contribuir com a sua autoestima.

A avaliação serve também para o replanejamento docente, pois auxilia numa possível mudança de estratégias pedagógicas. O professor não pode estar só preocupado com os aspectos motores e cognitivos, ele deve observar também a formação de atitudes e valores essenciais. E quando avaliamos, é preciso estar consciente da grande responsabilidade que é avaliar o ser humano, especialmente em se tratando da Pessoa com Necessidade Especial. Não adianta querer transformá-lo em igual segundo padrões pré-estabelecidos. É muito bom que sejam diferentes, pois só o diferente pode trocar alguma coisa. Os direitos, as oportunidades e as relações é que devem ser iguais, e não as opiniões, pensamentos ou comportamentos.

O docente tem de ter em mente que não é possível apenas avaliar por avaliar. Pois, em se tratando de alunos com necessidades especiais, cada passo conseguido como forma de aprendizagem é um ganho na qualidade de vida e de sua autonomia. É necessário que o educador veja cada avaliação de forma única e individualizada, não esquecendo que o lado coletivo também pode ser também avaliado.

Avaliar pode ser uma atividade prazerosa e servir para ajudar tanto o professor como o aluno. O professor pode criar algumas maneiras para registrar o avanço dos alunos na aprendizagem. Se possível, criar uma ficha de avaliação motora, cognitiva contendo tudo o que o aluno já executa, com ou sem ajuda. Essa ficha irá auxiliá-lo no decorrer do trabalho, e será muito útil, no caso de mudança de professor.

O professor ao observar a atividade, pode criticá-la e transformá-la, tornando-a mais apropriada para a sua turma. Deve também saber aonde deseja chegar, o que

desenvolver, e qual a atividade que irá fazer parte de um projeto educacional, com objetivos específicos, pois de nada vale saber fazer sem antes compreender o todo.

Ele deve atuar como mediador entre o sujeito e o objeto de conhecimento. O principal é entender que quanto mais acesso a criança tiver a atividades diferentes, muito melhor será para sua formação enquanto ser humano. O papel de uma educação inclusiva é oferecer uma diversidade de atividades, através das quais a Pessoa com Necessidade Especial possa entrar em contato com todo tipo de acontecimento do seu dia a dia.

A inclusão é uma tendência mundial, e uma ação educativa comprometida com a cidadania e com a formação de uma sociedade democrática e não excludente, deve necessariamente promover o convívio com o diferente. Esse convívio será muito importante tanto para o aluno do ensino regular quanto para a Pessoa com Necessidade Especial, pois representa para ambas uma inserção de fato no universo social, servindo para superar as dificuldades, e educar todas, sem discriminação.

A escola inclusiva necessita ser vista como uma maneira de valorizar a diversidade existente dentro dela. Diante disso Robert Barth, professor da Universidade de Harvard nos diz o seguinte:

Eu preferiria que meus filhos frequentassem uma escola em que as diferenças fossem observadas, valorizadas e celebradas como coisas boas, como oportunidades para a aprendizagem. A pergunta com que tantos educadores estão preocupados é: “Quais são os limites da diversidade, além dos quais o comportamento é inaceitável?”... Mas a pergunta que eu gostaria de ver formulada com mais frequência é: “Como podemos fazer um uso consciente e deliberado das diferenças de classe social, gênero, idade, capacidade, raça e interesse como recursos para a aprendizagem?”... As diferenças encerram grandes oportunidades para a aprendizagem. Elas oferecem um recurso livre, abundante e renovável. Eu gostaria de ver nossa compulsão para eliminar as diferenças substituída por um enfoque igualmente insistente em se fazer uso dessas diferenças para melhorar as escolas. O que é importante sobre as pessoas – e sobre as escolas – é o que é diferente, não o que é igual (BARTH, 1990, p. 514-515).

Acreditamos no trabalho com as diversidades, apostamos em atitudes positivas para o processo de aprendizagem, favorecendo uma educação de qualidade para todos, independente de raça, credo, gênero e classe social, onde o que deve ser valorizado são as potencialidades de cada um, inclusive do próprio docente, já que em uma escola que visa a inclusão, o mesmo é visto como um mediador no processo de ensino e de aprendizagem.

A escola inclusiva tem ser encarada como um lugar para todos, que abriga, que não discrimina, que se desfaz das amarras do preconceito e de estigma ou de qualquer tipo de “apartheid”.

O processo de inclusão não pode ser visto como algo pronto e acabado. Pelo contrário, tem de ser trabalhado em todas as áreas da sociedade, já que o intuito maior é o de formar uma sociedade onde as oportunidades sejam para todos. Que essas oportunidades estejam voltadas para a área social, educacional, cultural e profissional. Onde cada ser humano possa contemplar o outro como uma pessoa com que é detentor de habilidades, potencialidades independentemente de suas limitações físicas, cognitivas entre outras.

É preciso entender que uma sala de aula que possui Pessoa com Necessidade Especial não deve ser vista como uma escola especial, e, sim, como uma escola que visa uma educação de qualidade para todos. Uma educação que realmente vise o ensino e a aprendizagem no intuito de favorecer investimentos e esforços de professores, de gestores, de órgãos ligados à educação, como também de especialistas ligados a área, para que realmente possamos incluir o aluno com necessidade especial, deste o primeiro contato do mesmo com a escola.

O ato de incluir tem de ter um significado importante, já que não é possível ser visto como um ato qualquer. Mas, sim, como um processo histórico que está apenas começando e ainda tem muito a trilhar e que busca em toda sua essência a inclusão de todos na sociedade.

2.1.1 – Estigma e preconceito no processo de inclusão

Ao falar sobre Estigma e Preconceito é preciso levar em conta o que cada verbete possui como significado. Conforme Ferreira (1998, p. 276, 524):

Estigma: 1 – cicatriz, marca, sinal. 2 – sinal infamante; ferrete. 3 – sinal natural no corpo. 4 – marcas das cinco chagas de Cristo. 5 – aquilo que marca, que assinala. 6 – marca infamante, vergonhosa; labéu.

Preconceito: 1 – conceito ou opinião formados antecipadamente sem maior ponderação ou conhecimentos dos fatos; ideia preconcebida. 2 – julgamento ou opinião formada sem se levar em conta o fato de que os conteste, prejuízo. 3 – superstição, credence; prejuízo. 4 – suspeita, intolerância, ódio irracional ou aversão a outras raças, credos, religiões, etc.

Cada um dos verbetes acima possuem significados próprios, e apontam para sinais de prejuízo contra todos aqueles que possuem ou são detentores de qualquer marca que não está de acordo com a norma social vigente, ditado por falsos puritanos que apenas desejam que suas verdades prevaleçam como algo que tem como sendo único.

Ao falarmos sobre estigma, estamos falando diretamente com algo relacionado à religião, ligado principalmente a um pecado cometido pelos pais e que se faz presente no outro, em geral no filho. Podemos ver isso principalmente nos detentores de necessidades especiais.

Goffman (1988) em sua obra sobre estigma relata que a sociedade na Era Cristã percebia o estigma como fonte de algo sagrado, presente da graça divina. Entretanto, com o desenvolvimento dos diversos estudos científicos sobre a patologia social, a palavra em si virou conceito de degeneração, condenando assim o indivíduo a um banimento social. Dentro desse contexto apontado por Goffman é que podemos afirmar que a palavra estigma é universal e acontece em todas as culturas em maior ou menor grau, mais acontece.

Para Becker & Arnold (1986, p. 40), “Embora o conceito de estigma seja universal, percepções do que constitui estigma variam de uma sociedade para outra. Isto é devido a diferentes normas culturais, valores e estruturas”.

A cultura é um fator preponderante na internalização que cada ser humano carrega consigo, pois, somos condicionados desde a mais tenra idade a seguir normas preestabelecidas pela sociedade. E que sempre irão nos acompanhar. Entretanto, o objeto do estigma pode variar de acordo com os graus existente em cada cultura. Porém, vale lembrar que mesmo variando o estigma exercerá sempre o seu papel estigmatizador independentemente do tempo em que nos encontramos.

Ainda para Becker & Arnold (1986, p. 43), “as percepções culturais têm se alterado ao longo do tempo, alimentadas pelas mudanças sociais e históricas”.

Ao passarmos por diversas mudanças no processo histórico onde o papel da evolução humana é um fator que está em constante mudança, tendemos sempre a requalificar os estigmas que acompanham a humanidade. Isso só é possível devido à metamorfose que sempre acompanhou a sociedade, na qual a mesma faz adaptações necessárias no seu modo de ver e agir perante as diversas situações a que somos expostos no dia a dia.

Conforme postula Goffman (1988, p. 133),

Exige-se do indivíduo estigmatizado que ele se comporte de maneira tal que não signifique nem que sua carga é pesada, e nem que carregá-la tornou-o diferente de nós; ao mesmo tempo, ele deve-se manter a uma distância tal que nos assegure que podemos confirmar, de forma indolor, essa crença sobre ele. Em outras palavras, ele é aconselhado a corresponder naturalmente, aceitando com naturalidade a si mesmo e aos outros, uma aceitação de si mesmo que nós não fomos os primeiros a lhe dar.

Entendemos que, cada indivíduo estigmatizado deve viver à margem da sociedade. Tem que saber que é diferente e que em momento algum deve questionar essa sua diferença, para que não entre em choque com a sociedade. O indivíduo tem que se aceitar como ser diferente e não precisa questionar o porquê da sua diferença, ele é apenas levado a aceitar aquilo que está inserido como certo.

Em relação ao preconceito, é sabido que todas as sociedades em todos os momentos históricos por qual passou e passará a humanidade carregará consigo uma série de discriminações, pois, independente do momento histórico e por mais que essas civilizações se achem avançadas, o preconceito sempre estará presente.

O preconceito irá gerar intolerância, violência, principalmente contra as minorias. Tendemos a tratar nossas minorias como párias de uma sociedade que insiste em vê-las como “massas humanas descartáveis”⁶, que não mais serve ao jogo. Onde é possível empurrá-los para debaixo do tapete para que não seja possível percebê-los como realmente são (BOFF, 1997).

Para Boff (1997, p. 20-21),

Infelizmente, a mesma discriminação acontece com os pobres e miseráveis, com as mulheres, os deficientes físicos e mentais, os homossexuais, os portadores do vírus HIV, os hansenianos e todos aqueles que não se enquadram nos modelos preestabelecidos. Todos são vítimas de preconceito e da exclusão por parte daqueles que se pretendem os únicos portadores da humanidade, de cultura, de saúde, de saber e de verdade religiosa.

Não fazemos vítimas apenas do ponto de vista de constrangimento, deixamos sequelas mais internas psicologicamente, às vezes difíceis de serem tratadas, pois não devemos tratar apenas o ser que foi maltratado, é preciso também, cuidar daquele que é o carrasco.

⁶ Grifo meu.

Faz-se necessário criar políticas públicas para que possamos realmente conscientizar a sociedade de que todos são seres humanos independente das suas limitações. Que o preconceito deve ser combatido em todas as esferas do processo de desenvolvimento humano.

É preciso alertar que os que dizem serem “portadores de todas as verdades”⁷, não passam de falsos profetas transvestidos de seres preconceituosos, que apenas necessitam de poder para colocarem seus projetos de exclusão social, econômica e psicológica em pauta.

Não devemos assistir a tudo isso de forma passiva, devemos lutar por um mundo mais solidário, já que vivemos um momento crucial da nossa forma de viver, onde o que vale é o ter em detrimento do ser. Deixamos de ver o outro como um ser humano e o enxergamos apenas como um número de uma estatística que visa o lucro.

Ao assumir um papel de grande importância no combate ao estigma e preconceito que invade não apenas a escola, mas que permeia toda a sociedade se faz necessário influenciar de forma positiva toda uma geração que aí se encontra, para que seja possível uma próxima geração melhor do que a nossa e que possa sim, ser um diferencial no mundo em que habitamos.

É necessário que todos independentes de suas origens, suas crenças, gênero, partidos políticos entre outros, possam trabalhar de forma coletiva por uma sociedade mais justa, fraterna, pacífica, tolerante, onde o processo de inclusão que tanto apregoamos não apenas nos documentos oficiais, quanto no dia a dia da sociedade, saia definitivamente de sua posição teórica e se efetive plenamente de forma concreta e contínua (UNESCO/DECLARAÇÃO DE SALAMANCA, 1994).

Diante do exposto acima, necessitamos estar atentos às implicações na elaboração da sociedade que queremos, pois devemos sempre considerar as disposições sociológicas, culturais, filosóficas, econômicas que regem a sociedade no exato momento de sua criação.

2.2 – A inclusão no mundo do trabalho

Para Hargreaves (2003, p. 37) “a sociedade do conhecimento é uma sociedade da aprendizagem”. De acordo com o autor o conhecimento é um recurso muito importante para

⁷ Grifo meu.

toda a sociedade, na qual para se adaptar às mudanças que aí estão, é necessário continuar cada vez mais aprendendo, de forma consciente e reflexiva.

Hoje o mundo assiste estarecido à extinção de milhares de postos de trabalho todos os dias. O trabalho do homem deu lugar às máquinas que após a Revolução Industrial e principalmente com o uso de computadores e de robôs nos anos 90 (noventa) do século passado, tornaram-se muito comuns no dia a dia das organizações.

O planeta convive atualmente com um novo modelo econômico – se bem que, não tão novo assim, - que é a globalização, que nas duas últimas décadas, transformou os diversos países do mundo em blocos econômicos, visando assim uma maior concentração no cenário mundial.

Este “novo modelo econômico” nos leva a duas vertentes bastante distintas: a primeira defende a globalização como fator único para o grande desenvolvimento econômico do mundo atual; a segunda vai de encontro a esta globalização que gera ataques especuladores em todo planeta, gerando assim uma onda de inquietude e de apreensão por parte dos países que não possuem economias estáveis.

A busca desenfreada pelo poderio econômico no mundo por parte dos países, não é de hoje, pode ser traçada historicamente desde os tempos mais remotos da civilização.

Na atualidade, não existe nenhum país que não dependa dos demais, seja para o suprimento de parte de suas necessidades materiais, seja pela internacionalização da tecnologia, da arte, dos valores, da cultura afinal. Um acontecimento importante – uma guerra civil, forte geada com perdas agrícolas, a invenção de um novo tipo de computador, a descoberta de novas jazidas petrolíferas, etc. – que ocorra numa parte qualquer da superfície terrestre provoca repercussões em todo conjunto do globo. Muito do que acontece em áreas distantes acaba nos afetando de uma forma ou de outra, mesmo que não tenhamos consciência disso (VESENTINI, 1999, p. 8-9).

É possível afirmar, que a globalização é a integração das economias em âmbito mundial, em que países se abrem uns para os outros sem, no entanto, entregarem-se a eles. Nesse contexto, tal processo tem um caráter de permuta entre os recursos humanos, tecnologias, capitais e mercadorias.

Interessante perceber que mesmo tendo um caráter de permuta, existem populações inteiras que são excluídas do processo globalizante. Ou seja, as populações que

não podem ser consumidoras em potencial, são descartadas como cartas de um baralho que não mais servem ao jogo.

A rápida transformação na produção de bens e serviços acabam por causar efeitos jamais imaginados. Novas tecnologias e formas de gerenciamento na produção promovem o aumento da produtividade que elimina, com a automação, postos de trabalho, gerando o chamado desemprego tecnológico.

As divisões do trabalho se alteram, surgem novos campos de trabalho, grandes contingentes de trabalhadores industriais são expulsos para o setor terciário da economia ou para o chamado “setor informal”, ou, ainda, são totalmente excluídos do mercado de trabalho, criando desemprego conjuntural e o da exclusão⁸ (BRASIL, PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS, 1998, p. 351).

A cada dia que passa, cresce o número de pessoas que são excluídas da sociedade, que vão desde o de não possuírem as habilidades e/ou qualificações necessárias de que o mercado de trabalho necessita; ou por já estarem com idade acima do permitido pelas empresas; ou ainda, por serem pessoas detentoras de marcas estigmatizantes.

O que vemos é surgir novos campos de trabalho para trabalhadores mais bem qualificados. A exclusão ou mesmo o desaparecimento de postos de trabalho são uma constante. Nunca em nenhum momento da história da humanidade, vimos às relações de trabalho se transformar de forma tão brusca.

Hoje, com o mercado de trabalho tornando-se cada vez mais dinâmico, as empresas procuram trabalhadores mais qualificados que possam tomar decisões, absorver, processar e repassar informações com maior rapidez possível, já que os avanços do mundo em que as informações são rapidamente absorvidas e do mesmo modo descartadas, eles são de grande valia dentro da empresa.

A concepção de formação integral marxiana torna a superação da divisão do trabalho, a união do trabalho manual do trabalho intelectual é o processo histórico-concreto de construção da sociedade, sob o qual a formação integral se constrói. A perspectiva é de que esta formação integral leve os trabalhadores ao domínio científico e tecnológico do novo processo de produção em curso, e propicie as condições para a construção de uma estrutura social, na qual os trabalhadores se constituam como classes dirigentes (QUARESMA, 2012, p. 03).

⁸ Segundo o Dieese citado nos Parâmetros Curriculares Nacionais, o desemprego conjuntural é aquele que resulta das políticas econômicas adotadas, que privilegiam alguns setores em detrimentos de outros; o desemprego tecnológico é resultado dos processos de introdução de novas tecnologias e de técnicas organizacionais que provocam novas percepções do que seria a racionalidade desejável dentro do processo produtivo; o desemprego de exclusão é definido como resultante de desqualificação para o trabalho nos núcleos mais dinâmicos da economia (BRASIL/PARÂMETROS CURRICULARES, 1998).

Com o avanço tecnológico, que está em vigor em todo o planeta, as empresas necessitam de trabalhadores que se enquadrem dentro das suas perspectivas, ou seja, de acordo com as condições ditadas por elas. É nesse contexto que a escola possui um papel de destaque, já que teoricamente representa um papel contra os excessos e as injustiças cometidas pela sociedade.

Gentili & Silva (1995) relatam que a educação possui propósitos empresariais e industriais. A escola é levada a preparar melhor seus alunos para a competitividade do mercado interno e externo. Ao mesmo tempo, é preciso utilizar a educação como veículo de transmissão de ideias que serão defendidas pelo livre mercado e pela livre iniciativa. Ou seja, a escola passa a ser vista como defensora do sistema vigente seja ele qual for.

Ainda para Gentili e Silva (1995, p. 12), indicam que a função da educação neoliberal é “atrelar a educação institucionalizada aos objetivos estreitos de preparação para o local de trabalho”.

Muito se fala sobre os direitos que a Pessoa com Necessidade Especial tem nos dias de hoje. Entretanto, a mesma tem encontrado ao longo da história uma série de obstáculos para efetivar não só apenas a sua aceitação na sociedade, mas também sua inclusão no mundo do trabalho.

É de conhecimento de todos que o mercado de trabalho que aí se encontra, está em um momento muito difícil não só no Brasil, como em todo o globo, já que não há oportunidades para todos, inclusive para a Pessoa com Necessidade Especial, pois o mercado impõe muitas dificuldades para contratar, onde os requisitos ditados pelas empresas são muitas vezes um grande empecilho para a contratação não só da PNE, mas também de outros profissionais.

Em termos de inclusão da PNE, a Constituição Federal do Brasil (2000), no seu art. 37º, inciso VIII indica reserva de percentual para as Pessoas com Necessidades Especiais, conforme cargo e emprego ditado em edital de concurso público. Ainda no art. 37º, no inciso XXXI, não haverá discriminação em relação a salário para a contratação da PNE.

Porém, o que temos observado é que:

[...] o portador de deficiência tem que lutar muito por um espaço compatível com a sua formação no mercado de trabalho. Quando não consegue colocação, buscam

alternativas como: confeccionar vassouras, vender bilhetes de loteria, entre outras ocupações dificultando sua independência financeira. Os seus ganhos não são suficientes para sua sobrevivência (ANACHE, 1996, p. 119).

Conforme citação acima, toda PNE, disputa acirradamente com outros profissionais, uma vaga no mercado de trabalho. Parece que essa pessoa, além de fazer parte de um exército de mão de obra barata, não é competitiva e não satisfaz às necessidades do mercado de trabalho.

Cada indivíduo ao envolver-se nessas ou em quaisquer relações sociais, toma por referência certas expectativas que possui da ação do outro (ou outros) aos quais sua conduta se refere. O vendedor que aceita um cheque do computador, o desportista que atua com lealdade com o adversário e o político que propõe a seus futuros eleitores a execução de certos atos estão se baseando em probabilidades esperadas da conduta daqueles que são o alvo de sua ação. Em suma: as relações sociais são os conteúdos significativos atribuídos por aqueles que agem tomando outro ou outros como referência – conflito, piedade, concorrência, fidelidade, desejo sexual etc. e as condutas de uns e de outros orientam-se por esse sentido embora não tenham que ter reciprocidade no que diz respeito ao conteúdo (BARBOSA, QUINTANEIRO, 2002, p. 109-110).

A Pessoa com Necessidade Especial é vista como um “erro”⁹, ou seja, como um ser humano não inteiro, inacabado, imperfeito, ficando de fora do mercado competitivo, tornando-se, assim, um ser completamente obsoleto e fora dos padrões aceitáveis do ponto de vista das grandes corporações que estão bastante incluídas no braço operacional do neoliberalismo que é a globalização.

Dialogando com Silva e Palhano (2005), a inclusão no mercado de trabalho é excludente por si só, já que os critérios de aceitação ou de rejeição passam muitas vezes por interesses, poder, que levam em conta diversas questões como, o de não possuir marcar estigmatizantes, ausência de anomalias físicas e mentais entre outras.

Entendemos que as organizações empresariais necessitam de profissionais cada vez mais capacitados, ou seja, o conhecimento passa a ser de grande valia (MARCHIORI, 2006). Nesse sentido a PNE deve ser inserida no mercado de trabalho através de cursos profissionalizantes, principalmente os cursos que envolvam o uso da TIC, com o intuito de favorecer não apenas a entrada no mundo do trabalho, mas também em toda a sociedade.

O trabalho tem sido um dos principais temas estudados nas ciências humanas e sociais moderna e contemporânea. Mais do que sobrevivência, é uma das mais

⁹ Grifo meu.

expressivas manifestações do ser humano, diferente de ser uma simples atividade que nos permite ter uma renda, contribui para o nosso bem-estar mental e emocional, satisfaz o desejo de ser membro produtivo da sociedade, e nos agrega ou retira a possibilidade de realização pessoal; portanto, cria e desenvolve em nós, certa medida de auto-estima, de acordo com a utilização das potencialidades e competências individuais (NASCIMENTO, MIRANDA, 2007, p. 171).

O trabalho para o ser humano é algo motivador. Não é apenas para se ganhar dinheiro; é também para ser reconhecido pelo seu merecimento, bem como por se sentir útil. Diante disso, Queiroz (1986) aponta em seu livro “Sopro no Corpo”, a forma como a sociedade encara a PNE e sua limitação para o trabalho, já que o trecho abaixo é uma representação daquilo que o autor viveu em sua vida e relatado em seu livro.

Lembro-me, também que foi nesse dia que me diverti com uma mulher no elevador.
 - Vai passear?
 - Não. Vou trabalhar.
 - Cego trabalha?
 - Trabalha.
 - Em que?
 - Eu sou programador. Trabalho em processamento de dados.
 - É aquele negócio de computadores?
 - É.
 - Cego trabalhando com computador? (QUEIROZ, 1986, p. 15).

Podemos perceber através do diálogo acima, que a sociedade ainda nos dias de hoje, apesar de todas as conquistas e evoluções, e que nos encontramos em pleno Século XXI, ainda continuamos a tratar a Pessoa com Necessidade Especial como um ser inválido. Ou seja, é aquele que nada pode fazer por conta de sua condição.

É necessário que políticas públicas possam ser criadas para que seja possível conscientizar a sociedade, inclusive os potenciais empregadores dessa população, já tão discriminada por conta de sua condição.

Vale ressaltar que a Pessoa com Necessidade Especial tem suas limitações, mas que pode muito bem ultrapassar seus limites, onde a sua condição de especial não deve ser vista como algo limitador das suas potencialidades.

CAPÍTULO 3 – METODOLOGIA

“Os atores sociais são “condenados” a interpretar continuamente o que se passa no contexto social local, onde atuam, e a dar um sentido aos atos dos outros para responder a eles”.

George Lapassade

Os critérios para classificação de uma pesquisa englobam aspectos como condições, campos, objetivos, situações e objetos de estudo entre outros. A pesquisa para que este trabalho fosse desenvolvido, tem de ser entendido como um estudo descritivo, em que a intenção final consiste na “descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis” (GIL, 1991, p. 46).

A metodologia de base qualitativa toma a pesquisa etnográfica como caminho. Entendemos que dentro de uma abordagem etnográfica, o pesquisador faz parte do universo abordado. Segundo André (2010, p. 17) a etnografia “é o estudo do fenômeno em seu acontecer natural”.

Dialogando com Gil (1991) a pesquisa descritiva tem um caráter de uma investigação mais aprofundada de um ou poucos objetivos, visando um conhecimento mais preciso do objeto pesquisado. As principais vantagens consistem em estímulo para novas descobertas, permitindo ainda que se levantam soluções para os problemas apontados. O estudo de caso possui ainda a característica da totalidade, ou seja, o problema é focalizado como um todo, buscando-se a análise dos aspectos predominantes na população pesquisada. A simplicidade dos procedimentos também são pontos que se destacam nesse tipo de investigação.

O cuidado com a interpretação dos dados deve ser uma preocupação constante do investigador, para que os dados sejam confiáveis e representem realmente a realidade pesquisada.

[...] a sociedade humana ou a vida em grupo é vista como consistindo de pessoas que interagem, isto é, de pessoas em ação, que desenvolvem atividades diferenciadas que as colocam em diferentes situações.

A vida de um grupo humano representa, portanto um vasto processo de formação, sustentação e transformação de objetos, na medida em que seus sentidos se modificam, modificando o mundo das pessoas (MACEDO, 2006, p. 57-58).

É possível vislumbrar que toda ação afeta uma coletividade. Nada fica estático. Depois de tocado, tudo se transforma ao longo de todo o seu processo histórico. Nesse sentido o processo de pesquisa de técnicas na coleta de informações é bastante rico para o pesquisador.

Macedo *et al* (2009, p. 16-17) atenta para os aspectos quantitativos abordados na etnopesquisa, que:

O qualificativo de uma pesquisa indica, de modo imediato, a historicidade de sua área de atuação e sua distinção em relação a outras formas de pesquisa. A terminologia pesquisa qualitativa é logicamente distinta de pesquisa quantitativa. O qualificativo aqui faz toda a diferença.

A metodologia a ser empregada na pesquisa se caracteriza em satisfazer uma observação no sentido de explorar a área de forma ampla, onde ao estudar a realidade social produzida pelos indivíduos, lidamos com fatos relevantes, com fatos que possuem seu significado, que tem o seu valor dentro de todo o contexto.

Macedo (2006) indica ainda que a etnopesquisa tem seu interesse direcionado para a compreensão das ordens socioculturais em organização, preocupando-se com os processos que constituem o ser humano.

De acordo com Lapassade (2005, p. 148), em sua obra intitulada “As Microsociologias”, o termo etnografia aponta para o contexto de “um povo, uma cultura”, com o qual o autor salienta a “observação participante”, onde a definição se faz presente na observação feita em campo com os sujeitos da pesquisa. Ainda para o autor, etnografia se caracteriza como uma disciplina, mas também como uma técnica de trabalho, que tem como principal característica os dados coletados ao longo de todo o processo de pesquisa que foi realizado.

Woods (1993, p. 31) em sua obra “La escuela por dentro – Le etnografia em la investigación educativa”, “[...] uma pesquisa requer uma atitude mental e psicológica

adequada. A investigação é uma indagação, uma busca de novo conhecimento e nova compreensão”¹⁰.

Conforme postula Chizzotti (2006) a etnografia em educação se distingue na descrição de pequenos grupos, priorizando o ensino e a aprendizagem dentro de um cenário mais completo, utilizando-se para isso os mais diversos métodos de coleta, procurando assim descrever as situações vividas pelos grupos pesquisados.

Imagine-se o leitor sozinho, rodeado apenas de seu equipamento, numa praia tropical próxima a uma aldeia nativa, vendo a lancha ou o barco que trouxe afastar-se no mar até desaparecer de vista. Suponhamos, além disso, que você seja apenas um principiante, sem nenhuma experiência, sem roteiro e sem ninguém que o possa auxiliar. Isso descreve exatamente a minha iniciação na pesquisa de campo, no litoral sul da Nova Guiné (MALINOWSKI, 1976, p. 23).

De acordo com a assertiva acima, podemos perceber que o processo etnográfico visa à interação constante do pesquisador como seu campo de pesquisa.

Num primeiro momento foi realizada uma revisão bibliográfica sobre o uso da TIC pela Pessoa com Necessidade Especial; posteriormente após contato feito antecipadamente com a direção da Casa da Esperança, voltamos à instituição para começar o processo de observação da pesquisa.

Foram explanados os objetivos da pesquisa junto aos profissionais da instituição para que os mesmo ficassem cientes do cunho acadêmico-científico que o estudo requer. Após a explanação, foi possível fazer uma breve observação da instituição, ao mesmo tempo em que escolhemos uma turma para observar com maior profundidade.

Diante do que foi escrito acima, resolvemos trabalhar com a construção do diário de bordo, na qual se registrou todas as observações para melhor compreender a investigação. Informamos que o Diário de Bordo consta nos anexos da dissertação.

Antes de falar do grupo observado, se faz necessário descrever o processo histórico da Casa da Esperança, seus objetivos, suas linhas de atuação entre outras.

O grupo foi observado durante o período de Agosto a Outubro de 2014, onde foram selecionados 10 (dez) participantes, na qual foram contactados os responsáveis pelos mesmos, onde explicamos o teor do estudo. Salientamos que todos os responsáveis assinaram

¹⁰ Tradução nossa.

o Termo de Consentimento, conforme apêndice 2, admitindo a participação da Pessoa com Necessidade Especial.

Indicamos ainda que 03 (três) dos participantes da pesquisa além de frequentarem a instituição, são também funcionários da mesma, atuando no setor de marcação de consultas, na qual trabalham diretamente com o uso da TIC.

Depois de observar o grupo em questão no seu habitat de estudo e/ou de trabalho, percebemos que seria preciso desenvolver e aplicar um questionário e/ou entrevista semiaberta e não estruturada para que fosse compreendida a realidade antropossociais dos pesquisados (MACEDO, 2012).

Selltiz APUD Chacon (1995, p. 30) indica que “a entrevista é a técnica mais adequada de informações sobre assuntos complexos, emocionalmente carregados ou para verificar os sentimentos subjacentes à determinada opinião adequada”.

O objetivo básico da entrevista foi o de registrar o maior número possível de informações referentes às experiências as quais estão envolvidos todos os participantes que participaram da pesquisa, com o intuito de decifrar através dos dados colhidos, as características mais marcantes que faz com que o aluno com necessidade especial utiliza as TIC na construção do seu conhecimento cotidiano e se consegue adentrar no mercado de trabalho.

A Casa da Esperança é uma instituição privada, sem fins lucrativos, criada em 1993, especializada no atendimento terapêutico e educacional de pessoas com transtorno do espectro autista e outros transtornos do desenvolvimento.

A instituição é considerada como referência nacional e internacional na sua modalidade de atendimento. É necessário ressaltar que a mesma mantém o maior número de atendimentos mês no país.

O objetivo geral da Casa da Esperança é implementar estratégias de inclusão de estudantes com transtorno do espectro do autismo e/ou deficiência intelectual na sociedade e no mundo do trabalho, através de oficinas otimizadas, temática e metodologicamente para essa clientela (APOSTILA CASA DA ESPERANÇA, 2014).

Os objetivos específicos da instituição são os seguintes:

- Estimular a inclusão e interação social;
- Promover ações que estimulem a comunicação interpessoal;
- Garantir ações de profissionalização;
- Assegurar condições de ingresso no mundo do trabalho através de acompanhamento integral;
- Proporcionar atendimento especializado a educandos acima de 16 anos que estejam na escola regular;
- Elaborar, produzir e executar projetos que possibilitem o acesso de pessoas com transtornos do espectro autista e/ou deficiência intelectual na comunidade, na sociedade e no mundo;
- Firmar parcerias com entidades, empresas e governo – nas três esferas (municipal, estadual e federal) -, para promoção de ações de inclusão (APOSTILA CASA DA ESPERANÇA, 2014).

A Casa da Esperança conta hoje com um total de 108 (cento e oito) funcionários divididos da seguinte forma:

- Na direção da instituição: 01 (um) assessor administrativo, 01 (um) auxiliar administrativo, 01 (um) contador, 01 (uma) secretaria, 01 (um) recepcionista, 01 (um) gerente administrativo;
- Equipe multidisciplinar: 38 (trinta e oito) funcionários divididos da seguinte maneira: são 16 (dezesesseis) professores atuando na área de educação (alfabetização, ensino fundamental e médio, educação de jovens e adultos, e reforço escolar), 07 (sete) fonoaudiólogos, 04 (quatro) psicólogos, 05 (cinco) terapeutas ocupacionais, 01 (um) médico, 01 (um) assistente social, 04 (quatro) fisioterapeutas;
- Equipe de cuidadores: 48 (quarenta e oito) cuidadores que atuam diretamente com o aluno;
- Serviços de limpeza: 09 (nove) auxiliares de serviços de limpeza que cuidam da manutenção da instituição;
- A Direção da Casa da Esperança é composta por: 01 (um) Presidente, (01) Vice-presidente, 01 (um) Diretor Administrativo, 01 (um) Diretor Técnico (Atendimento aos alunos), 01 (um) Diretor do Núcleo de Atendimento da Família (NAF), 01 (um) Diretor Financeiro (DADOS FORNECIDOS PELO SETOR DE RECURSOS HUMANOS DA CASA DA ESPERANÇA, 2014).

Ressaltamos que todos os diretores que fazem parte da instituição, também fazem parte do Conselho Administrativo da mesma.

As oficinas oferecidas pela instituição estão ligadas as áreas de: serigrafia, lancheria, arte em papel, arte em tela, cerâmica (argila), música (vivência terapêutica, estúdio, banda) e informática.

A equipe pedagógica da Casa da Esperança trabalha com:

- Pré-oficina: que tem como característica trabalhar as habilidades sócio afetivas, comunicacionais, cognitivas, de vida diária e motora, visando a aquisição da autonomia e formação da identidade. É o primeiro procedimento do aluno ao entrar na instituição em relação a parte pedagógica;
- Apoio Pedagógico das Oficinas (APO): é uma parte do funcionamento pedagógico, que dá suporte às oficinas terapêuticas profissionalizantes, trabalhando com os alunos suas habilidades cognitivas e autonomia para as atividades do dia a dia;
- Educação de Jovens e Adultos (EJA): tem como característica na instituição favorecer um ambiente para o desenvolvimento da capacidade cognitiva do aluno. Vale salientar que o EJA atende tanto os educandos que estão matriculados na escola regular, quanto aqueles que não frequentam a escola (APOSTILA CASA DA ESPERANÇA, 2014).

Em relação ao processo de inclusão verificam-se atividades voltadas para a inserção do aluno junto a família, bem como para a sociedade, onde as atividades recreativas são uma constante, como: ida dos alunos ao shopping, cinema, praia entre outros.

As atividades recreativas de cunho inclusivo favorece bastante a troca de experiências, bem como uma nova maneira do aluno construir seu próprio conhecimento do mundo que o cerca.

Já em relação à sala de informática, na qual se faz uso da TIC, percebemos o favorecimento da Pessoa com Necessidade Especial através do uso do computador, na qual o próprio educando é quem escolhe a atividade que deseja realizar, contribuindo assim para que esse aluno utilize o computador como uma ferramenta, na qual o mesmo possa ser um instrumento capaz de construir novas possibilidades de desenvolvimento cognitivo, motor, social, favorecendo sua autonomia e sua autoestima.

Ressaltamos aqui que ao utilizar a TIC, o professor-orientador da sala de informática, tenta muito trabalhar com a atenção, a concentração e o raciocínio do aluno, já que o mesmo faz com que o educando encontre por si só, soluções para os problemas apresentados pelo docente. Vale salientar que algumas atividades realizadas dentro da sala de informática estão voltadas para o uso no mundo do trabalho.

A pesquisa se deu no horário em que os alunos estavam no seu local de estudo. Mais precisamente na sala de informática, já que o objetivo do estudo foi o de verificar a questão do uso de Tecnologia da Informação e da Comunicação (TIC) através das Pessoa com Necessidade Especial (PNE).

As questões foram respondidas pelos participantes acompanhados por um funcionário da instituição, sendo em alguns momentos o professor-orientador da sala de informática, em outros momentos pela psicóloga, e em outro momento pelo coordenador de oficinas.

Realizamos a pesquisa utilizando dois questionários, que foram intitulados como sendo Questionário A (Apêndice 3) e Questionário B (Apêndice 4), tendo cada questionário 09 (nove) perguntas, perfazendo um total de 18 (dezoito) perguntas.

Para descrever os alunos participantes da pesquisa consideramos variáveis como: sexo, idade, atuação ou não no mercado de trabalho, frequenta ou não frequenta a escola regular, uso ou não de mídias tecnológicas, utilização de jogos educativos entre outros.

Os alunos são descritos através da sigla A (Aluno) seguido de uma numeração, dando assim um caráter sigiloso na identificação, já que no Termo de Consentimento (Apêndice 2) garantimos essa característica.

Para um melhor entendimento dos indivíduos pesquisados, traçamos um breve histórico dos mesmos de acordo com as informações colhidas através dos prontuários, bem como nas entrevistas e observações realizadas. Abaixo segue um breve histórico dos participantes.

ALUNO 1

Data de Nascimento: 01.07.1989

Aos nove meses a criança não tinha firmeza ao sentar e não engatinhava. Segundo a mãe, o filho não tem contato com vizinhos e fica isolado em casa. Porém, o mesmo frequenta um

projeto social para adolescentes e ele consegue interagir bem com outros adolescentes da sua faixa etária. Chegou a instituição sabendo ler, mas com grave problema de escrita.

O aluno estuda regularmente na modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA) e tem uma predileção muito grande pela disciplina de matemática.

Na Casa da Esperança o A-1 participa ativamente das atividades existentes na instituição. A mãe sempre se faz presente na instituição e incentiva muito a participação do mesmo nas atividades, proporcionando assim motivação para que ele possa ser o mais autônomo possível. A-1 participa da banda da Casa da Esperança, como vocalista da mesma. Não sabe manusear nenhum tipo de instrumento musical. Canta bem, mas tem dificuldade de pronunciar algumas palavras e seu modo de cantar tem algo de mecânico.

Para melhorar seu rendimento na banda, ele frequenta sessões fonoaudiológicas para melhorar seu desempenho como cantor.

De acordo com o Código Internacional de Doença 10 (CID10), o mesmo foi diagnosticado como F84.0.

Segundo a médica da instituição, A-1 tem uma memória extraordinária e que irá necessitar de cuidados e supervisão constantes. O mesmo recebe benefício previdenciário.

ALUNO 2

Data do nascimento: 03.11.1978

O aluno 2 apresenta dificuldades cognitivas e acadêmicas, mas não impede seu desempenho em atividades nas oficinas terapêuticas. Participa da oficina de serigrafia, apresentando muito bons resultados no trabalho desenvolvido. Conhece todo o processo, desde a revelação de telas até a confecção e acabamento das camisas. Isso levou a equipe da instituição a negociar junto a uma empresa do ramo um posto de trabalho para a inserção do mesmo no mercado de trabalho.

A-2 não mais frequenta a escola, tendo apenas concluído o Ensino Fundamental. O mesmo necessita ser mais bem trabalhado para o mundo do trabalho, já que em alguns momentos apresenta comportamentos inapropriados principalmente em relação a mulheres. O mesmo necessita de um atendimento específico voltado para a questão do uso abusivo do álcool.

O A-2 sabe ler e escrever razoavelmente. Comunicação bastante fácil. Faz uso sistematicamente das novas tecnologias para se comunicar. Sua família, tanto do lado materno quanto do lado paterno, apresentam casos de doenças mentais.

ALUNO 3

Data de nascimento: 30.06.1984

O aluno 3 chegou a Casa da Esperança em 11.02.2004, apresentando um quadro de inquietude e autoagressão. Foi diagnosticado com o CID10: F.84.0.

Desde o seu primeiro momento apresentou dificuldades típicas de interação social, dificuldade de se comunicar, estereotípias motoras, com movimentos repetitivos.

Atualmente A-3 apresenta um quadro comportamental bem trabalhado. Sabe ler e escrever, bem como consegue compreender aquilo que ler. Consegue interagir de forma satisfatória com outros jovens. Suas relações sociais se dão de forma mais tranquilas.

Os familiares do A-3, em especial a mãe sente muita confiança na instituição. Porém, segundo a fala da própria genitora, ela reconhece que seu filho já teve grandes avanços. Mas sabe que ele possui várias limitações.

ALUNO 4

Data de nascimento: 25.11.1997

O aluno 4 apresenta atraso no desenvolvimento neuropsicomotor, dificuldade para dormir, hiperatividade, isolamento social e dificuldades cognitivas. Apresentou também logo muito cedo quadro de “hipomelanose de ITO”, uma síndrome rara de natureza neurocutânea e que compromete o desenvolvimento do indivíduo.

O A-4 chegou à instituição em 20.06.2013 tendo sido diagnosticado com o CID10: F84.0 e deficiência intelectual.

Foi avaliado por uma equipe multidisciplinar, onde apresentou comportamento receptivo, atencioso e participativo, interagindo de forma satisfatória com todos os profissionais envolvidos.

Apresenta boa leitura e velocidade adequada, na qual demonstra boa compreensão e interpretação dos mesmos. Sua escrita se dá de forma correta, bem como consegue construir textos mais elaborados. Frequenta escola regular no curso de EJA, através do uso de módulo, já que ao frequentar a escola com outros sujeitos, o mesmo sofria violência por parte dos outros estudantes, conforme afirmação da mãe.

ALUNO 5

Data de nascimento: 23.03.1984

A aluna 5 apresenta transtornos específicos do desenvolvimento das habilidades escolares, dificuldade de aprendizagem, não conseguindo desde os estágios iniciais. Não acompanha à aquisição de habilidades acadêmicas.

A-5 é bem desinibida, fala bem e bastante comunicativa. Atua como vocalista na banda da Casa da Esperança. Tem dificuldade em aprender as letras das músicas, já que não sabe ler e escrever. Porém, como ela afirma: “ao ficar vendo os vídeos de música da internet, eu aprendo”. “Vejo a foto de quem tá cantando e aperto lá”.

A-5 se mostra muito cheia de vontade própria, já que só participa de atividades que são do seu inteiro agrado, bem como estão ligados diretamente com o ato de cantar, como as sessões de fonoaudiologia.

Ela consegue realizar suas atividades de forma muito tranquila. Quando dá sua apresentação no palco, todos os profissionais da instituição, bem como outras pessoas dos lugares em que a banda aparece em público afirmam em dizer que A-5 tem uma bela voz.

Em vários momentos desde sua entrada na Casa da Esperança, A-5 tem períodos em que se recusa a frequentar a instituição.

ALUNO 6

Data de nascimento: 30.07.1998

A-6 é um garoto de comportamento dócil. Gosta bastante de frequentar as aulas de informática, onde seu relacionamento com o professor-orientador da sala de informática é muito cordial.

É bastante visível seu gosto em frequentar a sala de informática, já que para ele é a sala que mais gosta de estar. Sendo difícil fazer o mesmo frequentar outras atividades da instituição.

Na sala de informática, A-6 apresenta bastante interesse no jogo Mário 64, no qual o mesmo se envolve de forma muito participativa. O mesmo frequenta também a sala de Atendimento Educacional Especializado III, onde apresenta um bom desempenho de aprendizagem. Consegue na medida do possível desenvolver suas atividades da vida diária de forma mais autônoma. Porém, é evidente que necessita de vez em quando da supervisão de um adulto para orientá-lo melhor em determinadas situações.

A-6 frequenta escola regular no período da manhã, onde mantém bom relacionamento com seus pares. Está matriculado no 4º ano do Ensino Fundamental. De acordo com a mãe de A-6,

a escola faz todo o possível para se adequar às necessidades do aluno. O mesmo foi diagnosticado com o CID10: F84.0.

ALUNO 7

A A-7 foi diagnosticada como tendo retardo mental leve, apresentando quadro de agitação em alguns momentos. A mesma concluiu o Ensino Médio e atualmente trabalha na instituição no setor de marcação de consultas.

Gosta muito de ficar “passeando” pela Casa da Esperança com os alunos que estão agitados. Apresenta um temperamento tranquilo e estável. Interage muito bem com todos. Em alguns poucos momentos faz comentários invasivos e inconvenientes.

A mesma afirma não frequentar a sala de informática, por trabalhar usando computadores, no que diz gostar muito de utilizar tal tecnologia, já que ela está o tempo todo conectada as mídias sociais.

Trabalha na instituição desenvolvendo atividade de marcação de consulta e digitação de informações, onde apresentou em meados de 2008 a 2009, Lesão por Esforço Repetitivo (LER).

Como não mais frequenta atividades de cunho acadêmico na instituição, A-7 só busca em seus horários de folga atendimento de reabilitação neuropsicomotor e psicológico.

Salientamos que sempre há horário disponível para que o aluno mesmo sendo trabalhador da instituição ou não, tem atendimento garantido.

Ressaltamos ainda que os alunos contratados por outras empresas têm também horário para frequentar os atendimentos da Casa da Esperança, já que o acordo é feito dentro do contrato de trabalho.

ALUNO 8

A-8 sempre apresentou interesse pela área de informática e suas tecnologias. Sempre gostou de passar longos períodos na sala de informática. Depois de ter concluído o Ensino Médio foi convidado para trabalhar na instituição no setor de marcação de consultas, trabalhando de forma bem interativa com o Sistema Único de Saúde (SUS).

A-8 tem dificuldade em manter contato visual. Sua comunicação se dá de forma muito tímida e com algumas poucas pessoas.

É um indivíduo que se comporta de forma educada com todos, apesar das suas limitações e dificuldades. Já realizou atividade de ginástica laboral, já que teve problemas de LER.

Atualmente frequenta um grupo terapêutico de 2 em 2 meses, para melhorar seu desenvolvimento humano.

De acordo com A-8, está fazendo bons progressos. Para a psicóloga que coordena a terapia, A-8 procura sempre discutir as questões relacionadas a família, amigos, interesses pessoais entre outras.

Foi diagnosticado com o CID10: F84.5.

ALUNO 9

O A-9 apresenta como diagnóstico CID10: F21 (transtorno esquizotípico). Já foi internado diversas vezes com surtos psicóticos.

Atualmente responde bem as atividades de terapias nas quais frequenta na Casa da Esperança, principalmente quando está na sala de informática. Tem predileção em trabalhar com jogos educativos que montam pares e os nomeiam. Seu contato com o professor-orientador da sala de informática é bem estável, não verificando em nenhum momento uma afinidade maior.

A-9 é bem inteligente. Mas, é preciso negociar o tempo inteiro seu comprometimento com o ato de aprender. Coisa que não acontece com muita frequência na sala de informática, já que o mesmo realmente gosta de estar lá.

Identificamos que sua interação na sala de aula varia bastante, conforme sua disponibilidade e motivação. Sua leitura é fluente, compreende tudo o que lê, mas tem dificuldade de organizar as ideias.

Seus maiores interesses recaem para a área de comunicação, aparelhos tecnológicos (computadores, celulares, câmeras), rádios e microfones. Gosta também de vídeos musicais e documentários, principalmente dos que tratam sobre tecnologias e assuntos ficcionais.

Frequenta escolar regular no turno da noite, cursando o Ensino Médio. Na instituição cursa o EJA.

ALUNO 10

Data de nascimento: 08.09.1990.

De acordo com o laudo expedido pela médica da Casa da Esperança, o A-10 apresenta Transtorno de Asperger classificado com o CID10: F84.5.

Apresenta distúrbio do desenvolvimento, com atraso no seu desenvolvimento motor (só andou com dois anos de idade). Sua comunicação é apenas funcional, usando a fala para comunicar seus interesses imediatos. Sua fala é um tanto robotizada, e sua risada é estereotipada. Tem grande dificuldade de se relacionar socialmente. Seu comportamento é bastante ingênuo nas

relações sociais. Os pais se preocupam com problemas relacionados as suas atividades nas redes sociais através do uso da internet. De acordo com o que foi colhido no prontuário, eles temem que ele possa envolver-se com pessoas erradas e dá informações que comprometam sua segurança e também o da família.

A-10 frequenta tratamento fonoaudiológico há 15 (quinze) anos. O jovem possui grande interesse por séries televisas e gosta de ver e colecionar DVDs. Gosta muito de falar sobre o assunto que mais lhe interessa que é séries televisivas e pode falar por vários minutos ininterruptamente.

O aluno tem obsessão para conseguir uma namorada, acessando o Facebook na tentativa de arranjar uma pessoa do sexo feminino para se relacionar e as que entram em contato com ele, acabam ficando muito assustadas, já que o mesmo além de insistir muito, em alguns momentos chega a ultrapassar os limites.

QUADRO I – CARACTERÍSTICAS GERAIS DOS ALUNOS

ALUNO	IDADE	TIPO DE NECESSIDADE ESPECIAL	NÍVEL EDUCACIONAL	FREQUENTA OU NÃO ESCOLA REGULAR	TRABALHA OU NÃO TRABALHA
A-1	25	Autismo	Ensino Fundamental na modalidade EJA cursando	Não frequenta	Não trabalha
A-2	36	Retardo Mental Leve	Ensino Fundamental concluído	Não frequenta	Não trabalha
A-3	30	Autismo	Ensino Fundamental na modalidade EJA cursando	Não frequenta	Não trabalha
A-4	17	Síndrome de Asperger	Ensino Fundamental na modalidade EJA cursando	Frequenta	Não trabalha
A-5	28	Dificuldade de Aprendizagem	Não sabe ler e nem escrever	Não frequenta	Não trabalha
A-6	16	Autismo	Ensino Fundamental cursando	Frequenta	Não trabalha
A-7	32	Retardo Mental Leve	Ensino Médio Completo	Não frequenta	Trabalha
A-8	33	Autista	Ensino Médio Completo	Não frequenta	Trabalha
A-9	32	Transtorno Esquizotípico	Ensino Médio na modalidade EJA cursando	Frequenta	Não trabalha
A-10	24	Síndrome de Asperger	Ensino Médio cursando	Frequenta	Trabalha

Fonte: Dados do pesquisador 2014.

3.1 – Análise do Questionário A

Foram entrevistados 10 (dez) alunos, dos quais apenas 20% dos participantes pertencem ao sexo feminino; 80% restante são do sexo masculino. Em relação à idade dos participantes pesquisados a faixa etária está compreendida entre 14 a 33 anos.

Nesse primeiro momento iremos analisar os dados colhidos no Questionário A (Apêndice 3). Analisando as respostas dadas pelos entrevistados quando questionados sobre se gostam de frequentar a instituição (Casa da Esperança), os indivíduos responderam da seguinte maneira: 90% apontam que gostam de frequentar, enquanto que 10% afirmam que não gostam.

O A-4 indicou em sua fala que: **“É muito chato frequentar a Casa da Esperança”**.

A fala de A-4 não condiz muito com o que foi observado na instituição. De acordo com o Diário de Bordo e minhas observações e conversas informais mantidas com os vários os alunos, os mesmos gostam realmente de frequentar a Casa da Esperança. Existe uma relação de confiança entre os indivíduos que lá estudam e os profissionais que lá trabalham facilitando assim um melhor entendimento do processo de construção do conhecimento por parte dos alunos e de suas famílias.

Em relação à questão número dois do Questionário A, verificamos que 60% dos entrevistados utilizam a sala de informática, enquanto que os 40% restante indicam não utilizá-la.

Diante das respostas colhidas acima, a fala de A-4 é muito elucidativa, já que: **“gosto da sala onde tem o computador”**.

Ainda em relação à sala de informática 60% gosta de frequentar a sala de informática. Já para 40% dos pesquisados, afirmam não gostarem da frequentar a mesma (questão número três do Questionário A).

Observando os alunos a trabalharem com o uso de computadores em sala de aula, percebe-se que os mesmos estão à vontade. A sala de aula é trabalhada de forma participativa; há uma interação entre a máquina e o aluno, bem como os alunos quando conseguem realizar determinadas atividades, os mesmos sentem-se felizes (DIÁRIO DE BORDO – Apêndice 5).

De acordo com o que conseguimos detectar na sala de informática, a mesma é praticamente frequentada por alunos do sexo masculino, uma particularidade que chamou muita atenção. O professor-orientador argumenta que **“o maior número de frequentadores são de meninos. É difícil as alunas meninas frequentarem a sala de informática. Porém, existe o caso de uma determinada aluna que aparece remotamente para desenhar no computador. No caso específico dela, os desenhos realizados são relativos às roupas para as suas bonecas. Eu sei que ela tem o maior talento para o desenho e sabe manusear o programa para fazer os desenhos. Seria bem legal se ela pudesse frequentar a sala de aula de forma mais rotineira. Eu já tentei falar com ela, mas ela disse que é só quando vem à imagem na cabeça que ela aparece para desenhar”**.

A afirmação acima corrobora com o pensamento de Blikstein quando reflete que:

A sala de aula condiciona o aluno a reprimir uma série de comportamentos e a reforçar outros. Quando você oferece um ambiente que não tem essas regras, no qual ele pode falar, interagir e tentar alguma coisa, você reforça atitudes que são importantes para a criatividade, ao passo que a sala de aula tradicional reforça os hábitos ideais para a reprodução industrial do conhecimento. É crucial ter na escola esses espaços que não sejam salas de aula, que sejam uma sala de criação, de invenção. Assim como tem a biblioteca, deveria ter em toda escola uma “sala de criação” (BLIKSTEIN, 2012, p. 15).

De acordo com a citação acima, se faz necessário criar ambientes que possam ser utilizados como ambientes de criação. Onde seja possível que cada um dos frequentadores sinta-se motivado a colocar em prática toda sua criatividade. E, que o mesmo não venha a ser tolhido no ato da criação. Salientamos que a sala de informática pode muito bem ser esse ambiente de criação, já que conforme as respostas dadas pelos alunos participantes, a mesma é uma sala onde a grande maioria gosta de frequentar e estar.

Ressaltamos ainda que 30% dos entrevistados não mais frequentam a sala de informática. Porém, trabalham na instituição no setor de marcação de consultas, onde o uso da informática é uma prática comum e constante, bem como o acesso a internet. Os mesmos estão sempre participando de oficinas e/ou tratamentos auxiliares, como sessões de psicoterapia, terapia ocupacional entre outros.

Na questão quatro foi perguntado ao aluno que tipo de ferramenta de aprendizagem ele preferia usar. De acordo com as respostas colhidas, 30% escolheram o uso do tablet; 50% indicam o microcomputador como alternativa; e, 20% escolheram a opção “outros”.

Verificamos que o uso do tablet foi citado pelos participantes A-1, A-4, A-6 na qual apontaram o uso da ferramenta como: **“mais fácil de mexer com a mão e de carregar de um lado para o outro”**.

Percebe-se através das falas de A-1, A-4 e A-6 que as tecnologias móveis facilitam imensamente o processo de aprendizagem, já que através do ato de **“carregar”** essa tecnologia móvel, descentralizamos a gestão do conhecimento. É possível se vê aprendendo sozinho em qualquer lugar. Nesse sentido, foi possível observar e relatar no Diário de Bordo que alguns alunos utilizam telemóveis nas mais diversas áreas da Casa da Esperança, onde acessam constantemente as redes sociais e ainda trocam informações com colegas mais próximos através do “whatsapp”.

Os alunos A-7 e A-10 apontaram a opção “outros”, onde indicaram livros e revistas como formas de aprendizagem. A fala de A-7 aponta para: **“não gosto de usar computador para aprender, confio no que os livros trazem escritos. Eu gosto de riscar no livro e no computador eu não risco”**.

Já para A-10 diz que **“o computador só serve para eu acessar jogos, redes sociais, conversar com outras pessoas. Eu só gosto de estudar usando os livros que os professores usam. Confio nos professores. Eles estão sempre certos, se eles não usam computador na sala, então não serve né?”**.

Os referidos alunos afirmam em suas falas que não gostam de usar as ferramentas tecnológicas e não acreditam que elas sirvam para aprender, confiando apenas no que os professores ensinam através dos livros. Observamos que estes não conseguiram perceber o uso desta tecnologia como ferramenta a mais no processo de ensino e de aprendizagem, conforme afirma Mainardes:

Os tablets não substituem o material didático, mas são usados de forma individualizada, como ferramenta de apoio com uma gama de opções: livro digital, lista de exercícios, laboratórios virtuais, simuladores, animações, filmes e jogos educativos (MAINARDES, 2012, p. 16).

Entendemos que o uso das ferramentas tecnológicas não são apenas modismos. Pelo contrário, elas revolucionaram o mundo que aí se encontra. Para o MSI/Livro Verde (1997, p. 37) “a Sociedade da Informação é uma sociedade do primado do saber”. Ou seja, é preciso utilizar as TIC como ferramentas potencializadoras da aprendizagem, favorecendo

assim o sujeito a buscar seu próprio conhecimento, bem como a construção da sua formação não apenas acadêmica, mas, também humana.

A implantação de toda e qualquer estrutura dentro do processo educativo é bastante complicada. Entretanto, esse mesmo processo educativo não pode ficar à margem dos avanços tecnológicos que aí se encontram e que estão a bater na porta o tempo todo. É preciso se adaptar aos novos tempos e tentar acompanhá-lo.

O uso da tecnologia favorece e estimula a criatividade. Porém, de acordo com Blikstein (2012, p. 14) em entrevista à Revista Gestão Educacional é necessário “ter um atitude correta para lidar com o computador dentro do ambiente de ensino”.

Ao ser perguntado na quinta questão se sabe ligar a máquina (computador, tablet), obtivemos como resposta os seguintes índices: 80% afirmam saber ligar o equipamento; 20% restante diz não saber ligar.

A resposta que mais chamou atenção foi a de A-10 que trabalha na área de marcação de consultas da Casa da Esperança, pois segundo ele: **“quando eu chego aqui, o meu computador que eu uso já tá ligado. Nunca ninguém pediu para ligar ele”**. Questionei o aluno se ele sabia realmente ligar o computador. Ele não respondeu. Falou apenas: **“não quero falar”**. O que foi plenamente respeitado.

Em relação à sexta questão do Questionário A (Apêndice 3), relativo à utilização de jogos educativos, 80% dos participantes entrevistados apontaram saber utilizar os jogos educativos; já 10% dos pesquisados indicam que utilizam às vezes; e, para os outros 10% restante da pesquisa afirmam em suas falas **“que não sabem usar”**.

Através das nossas observações e conversas A-2 diz em sua fala **“o jogo educativo é bom, é como brincar. Muitas vezes eu não sei jogar, preciso de ajuda. E quem sempre me ajuda aqui é o professor L.”**.

Já AP-5 afirma que **“não sei como jogar o jogo no computador, e aí eu peço ajuda o tempo todo. Eu chamo o professor L. o tempo todo. As vezes ele vem, em outras vezes ele demora, porque ele tá conversando com outro coleguinha que chamou ele primeiro, e aí eu fico esperando”**.

Dialogando com o nosso Diário de Bordo (Apêndice 5), o professor-orientador tem muita dificuldade para atender todos os alunos ao mesmo tempo, já que ele está completamente sozinho dentro da sala de aula. Mas, ao mesmo tempo é possível perceber que ele prioriza mais aqueles que sabem utilizar os programas que utilizam jogos educativos, e, só depois, ele dá atenção aos alunos que tem dificuldade para aprender a lidar com a máquina, bem como entender o que o jogo educativo solicita como atividade.

Na questão sete perguntamos o que mais atrai no jogo educativo. Recebemos como resposta os seguintes dados: 30% apontaram que as cores chamam a atenção, ou seja, quanto mais colorido mais chamativo; de acordo com 40% dos participantes indicam que o jogo educativo é divertido; os 30% restante afirmam que é de fácil compreensão, facilitando a aprendizagem deles.

De acordo com Blikstein (2012) em entrevista a Revista Gestão Educacional, afirma que se quisermos algo diferente buscamos na internet.

O professor empreendedor tem muito mais espaço para fazer algo diferente hoje na escola do que antes. Se um professor tiver uma ideia boa e for atrás, ele consegue recursos para, pelo menos, começar alguma coisa. Nós precisamos ser mais criativos para achar essas soluções. É importante ter políticas públicas, mas é importante também esse movimento descentralizado de inovação (BLIKSTEIN, 2012, p. 14).

Entendemos que ao utilizar os jogos educativos como construção da aprendizagem o professor-orientador pode não apenas favorecer o conhecimento, e, sim, participar conjuntamente com seus educandos, se relacionando de forma interativa buscando também aprender com seus alunos.

Ao responderem a questão oito, 70% dos pesquisados afirmam ter conta de e-mail e acesso de rede social. Conforme as falas dos alunos A-1, A-3, A-5, A-7, A-8 e A-10, alegam que além de possuírem e-mail, também possuem conta na rede social “Facebook”.

Entendemos que ao usar a rede social “Facebook” os alunos acima descritos, estão interagindo com outras pessoas. Isso alarga muito o seu mundo, interagindo de forma a ampliar o seu conhecimento. Porém, como foi relato pelos pais em conversas informais, **“A gente fica preocupado com eles conversando com as outras pessoas. São meninos e meninas que se tiverem confiança na pessoa são capazes de segui-los para qualquer lugar”**.

Cada vez mais a tecnologia faz parte da vida das pessoas. Os alunos ao informarem que usam as redes sociais acenam com a possibilidade de verem aumentar sua comunicação com o mundo digital, favorecendo assim uma melhor aprendizagem, já que a grande maioria dos alunos são bastante curiosos.

Na visão de Veen e Vrakking (2006) o *Homo Zappiens*¹¹ aumentou a quantidade de informação disponível, gerando como consequência o aumento consequentemente da aprendizagem. Entretanto, é importante que esses indivíduos, no caso específico os alunos pesquisados, não fiquem apenas restritos aos encantos dos aplicativos, mas que eles possam se apoderar dos conhecimentos, no sentido de trilharem caminhos partindo do mais simples para o mais complexo.

A questão nove é a última pergunta do Questionário A (Apêndice 3), na qual indagamos em que local os alunos mais acessam o microcomputador ou o tablet fora da instituição.

Obtemos como resposta os seguintes posicionamentos: 80% afirmam que acessam em casa; 10% indicam que utilizam a lan house como local de acesso; e, os 10% restante não acessam em nenhum lugar a não ser na instituição.

Percebemos que a maioria dos alunos acessa o computador e/ou tablet em casa, favorecendo assim a aprendizagem, conforme os relatos dos alunos: A-1, A-3, A-4, A-5, A-6, A-7, A-8 e A-10.

Em relação ao não acesso por parte do A-2, o que só usa na instituição. Ele afirma em sua fala que **“na minha casa tem computador, mas ninguém lá deixa eu mexer. Eles acham que eu vou quebrar. Se bem que eu mexo quando não tem ninguém por perto”**.

O uso das novas tecnologias deve ser estimulado não apenas pelo professor da sala de informática, mas também pelos pais e o familiares de modo geral. Pois, vivemos em uma sociedade que utiliza as novas tecnologias todos os dias, desde as mais simples tarefas como uso do micro-ondas e da TV, como o acesso de transferências bancárias via um simples

¹¹ Homo Zappiens A nova geração, que aprendeu a lidar com novas tecnologias, está ingressando em nosso sistema educacional. Essa geração, que chamamos geração *Homo Zappiens*, cresceu usando múltiplos recursos tecnológicos desde a infância: o controle remoto da televisão, o *mouse* do computador, o *minidisc* e, mais recentemente, o telefone celular, o iPod e o aparelho de mp3. Esses recursos permitiram às crianças de hoje ter controle sobre o fluxo de informações, lidar com informações descontinuadas e com a sobrecarga de informações, mesclar comunidades virtuais e reais, comunicarem-se e colaborarem em rede, de acordo com as suas necessidades (VEEN, VRANKKING, 2006, p. 12).

toque na tela de um aparelho eletrônico. É necessário incentivar nos alunos e filhos para a descoberta de um mundo sem igual, cheio de possibilidades, que se descortina o tempo inteiro e que tem um apelo sem precedentes na construção do conhecimento, da aprendizagem.

3.2 – Análise do Questionário B

Ao analisarmos o questionário B (Apêndice 4) obtivemos os seguintes dados abaixo:

Na primeira questão do questionário B (Apêndice 4), verificamos que 30% dos entrevistados possuem tablet e/ou microcomputador sem acesso a internet. Enquanto, que 70% restante dos pesquisados indicaram que possuem tablet e/ou microcomputador com acesso a internet.

Percebemos que ao usar o tablet e/ou o microcomputador com acesso a internet, é possível favorecer a busca pela construção do conhecimento. Entendemos que o acesso à informação não é algo de uso exclusivo da escola. Pelo contrário, as pessoas podem aprender em qualquer lugar e em qualquer horário.

Hoje a construção do conhecimento está em todo lugar seja na escola, seja em casa, ou até mesmo em uma quadra esportiva assistindo a um jogo de basquete. Devemos pensar nas mais diversas maneiras e possibilidades da tecnologia promover a construção do conhecimento.

Em relação à segunda questão do questionário, o aluno foi convidado a responder o seguinte questionamento: “Se você possui tablet e/ou microcomputador como você utiliza esse equipamento no seu dia a dia?”.

De acordo com as respostas colhidas, foi verificado que 80% dos alunos utilizam o tablet e/ou o microcomputador sozinho. Isso demonstra o quanto os mesmos possuem autonomia para utilizarem as ferramentas tecnológicas.

Verificamos que 20% dos entrevistados, ou seja, os alunos A-6 e A-9 recebem ajuda de alguém de casa para acessar essas ferramentas e que não é o pai e nem a mãe que os ajudam. De acordo com os mesmos, os irmãos são as pessoas da casa que os ajudam nessa empreitada.

Entendemos que toda a ajuda é sempre bem-vinda favorecendo assim o aprendizado e a construção do conhecimento não apenas da Pessoa com Necessidade Especial (PNE), mas também de todas as outras pessoas.

Porém, acreditamos que é necessário criar um ambiente mais autônomo para que a Pessoa com Necessidade Especial sintam-se capazes de construir seu próprio caminho, bem como possam tomar decisões de forma que o indivíduo deixe de ser um sujeito passivo e passe a organizar seu próprio conhecimento e sua informação, tomando para si a responsabilidade de trilhar seu caminho, mesmo que este seja sempre monitorado de perto pelos seus tutores. Dessa forma é possível garantir certo grau de autonomia bem como o incluímos dentro da sociedade.

Foi perguntado na terceira questão que compõe o questionário B (Apêndice 4), “com qual frequência o entrevistado utiliza o tablet e/ou o micro computador no seu dia a dia?”.

Conforme as respostas indicadas pelos participantes da pesquisa foi possível perceber uma heterogeneidade nas respostas selecionadas, já que para 10% dos pesquisados a resposta dada foi a de que o mesmo utiliza alguns dias por muitas horas.

Para 30% a resposta apontada foi a de utilizar por alguns dias por poucas horas. De acordo com a grande maioria dos participantes pesquisados, ou seja, 50% indicam que utilizam as ferramentas tecnológicas todos os dias. Conforme os 10% restante, a resposta indicada foi que usa raramente o tablet e/ou microcomputador.

De acordo com o que colhemos ao longo do nosso Diário de Bordo (Apêndice 5) foi possível verificar que o uso de celular e/ou telemóvel é uma constante, não ficando assim, restritos apenas ao uso do tablet e/ou microcomputador em relação a frequência que utilizam as ferramentas tecnológicas.

Na quarta questão do questionário, foi perguntado aos participantes entrevistados “se o mesmo já sofreu algum tipo de preconceito e/ou estigma por ser uma Pessoa com Necessidade Especial?”.

Conforme dados colhidos na pesquisa, 40% apontaram que sim. Ou seja, já sofreram algum tipo de preconceito e/ou estigma. 10% afirmaram que sofreram às vezes. Já

para os 50% restantes da pesquisa, indicaram nunca ter sofrido algum tipo de preconceito e/ou estigma por parte da sociedade.

Entretanto, o que verificamos através das conversas que tivemos ao longo da pesquisa (DIÁRIO DE BORDO - Apêndice 5), o preconceito e/ou estigma são vistos como uma forma de “brincadeira”, no qual o entrevistado nem sempre entende isso como uma forma de violência verbal, social, psíquica ou física.

Uma sociedade que exclui uma parte de seus membros é uma sociedade empobrecida. As ações que melhoram as condições para pessoas com deficiência projetarão um mundo flexível para todos. O que for feito hoje em nome da questão da deficiência terá significado para todos no mundo de amanhã (CONGRESSO EUROPEU SOBRE DEFICIÊNCIA, 2005, p. 4).

Dialogando com a citação acima é necessário combater todas as formas de discriminação existente na sociedade, sejam elas contra as Pessoas com Necessidades Especiais, negros, homossexuais, mulheres e quaisquer outras minorias, já que é preciso provocar mudanças significativas para uma convivência pacífica e tolerante, onde todos independentes de suas crenças, orientação sexual, necessidades especiais, sejam vistos e tratados apenas como seres humanos que merecem respeito e cidadania.

A quinta questão do questionário abordou a seguinte pergunta: “Você frequenta uma escola de ensino regular onde a prática inclusiva é comum?”. Antes dos participantes pesquisados responderem a pergunta, foi necessário explicar o que era uma prática inclusiva para que o entrevistado ficasse a par sobre o assunto.

De acordo com os dados obtidos, 40% informaram que frequentavam uma escola de ensino regular que adota uma prática inclusiva; outros 10% indicaram que às vezes frequentam a escola. Os 50% restantes dos pesquisados afirmaram não mais frequentarem uma escola regular de prática inclusiva.

Segundo os alunos A-1 e A-10, os mesmos frequentam o Centro de Educação de Jovens e Adultos (CEJA), no qual funciona de forma diferenciada, atendendo o aluno de acordo com sua necessidade.

O entrevistado A-2 apontou na fala que “**minha escola era longe e eu não gosto de estudar**”. A-5 indica também que: “**eu não gosto de estudar. Eu canso com rapidez**”.

Os pesquisados A-7 e A-8, já não mais frequentam a escola. Conforme os mesmos já finalizaram seus estudos, tendo concluído o Ensino Médio.

O indivíduo A-3 afirma que **“eu sou especial, e gosto de vir para a Casa da Esperança. Aqui é bem legal”**. É quase que a mesma fala indicada pelo o aluno A-4 que diz: **“sou especial e todo mundo sabe disso. Aqui na escola todo mundo sabe disso também. Os alunos são como eu”**.

Ainda em sua fala, AP-4 argumenta que: **“eu estudo em outra escola, que tem ensino regular. Meus colegas de lá passam o tempo todo me batendo, porque eu não entendo tudo que eles falam. Eu não gosto de lá. Aqui eu sou tratado de forma igual. Todos gostam de mim”**.

Na fala de A-6, o aluno afirma: **“gosto de estudar na minha outra escola. Lá os outros colegas da escola, me ajudam nas atividades. Eles são bem legais lá. Os alunos lá gostam de mim. Me conhecem”**.

O discente A-9 diz: **“a minha outra escola só tem gente boa. Lá o povo é bom. Todo mundo gosta de todo mundo. Ninguém briga. A gente lá conversa como gente grande. Lá também tem gente especial como eu”**.

Percebemos dessa forma, que as escolas frequentadas por A-6 e A-9 são instituições que prevalecem uma identidade inclusiva, na qual favorece o contato com o diferente. Onde o respeito é uma prática comum a todos que fazem parte da escola. Nesse sentido a escola pode acenar com uma perspectiva diferente ao trabalhar com a diversidade existente dentro dos seus muros e fora dele. Não tem problema em ser estranho e diferente. Temos de celebrar as diferenças e não destruí-las.

Conforme López Mellero APUD Lustosa (2009, p. 30)

[...] trocar as práticas pedagógicas significa que a intelectualidade dos professores devem mudar para o respeito às competências cognitivas e culturais das pessoas diferentes, que há de mudar os sistemas de ensino e de aprendizagem, o currículo escolar e os sistemas de avaliação. “Isto é assim, e assim tem que ser” (TRADUÇÃO LIVRE).

A escola deve ser um lugar onde o processo de inclusão seja trabalhado por todos independente das diferenças de cada um que se encontram nela, bem como fazer respeitar os

direitos humanos e suas diversidades, estando dessa forma em consonância com o mundo novo em que vivemos e que se apresenta das mais diversas maneiras e realidades.

Não desejamos uma sociedade pautada em seres humanos iguais, e sim, que seus direitos sejam preservados e respeitados em toda sua essência. Diante disso, no Brasil a Constituição Federal de 1988 aponta em seu artigo 1º, que todos são iguais perante a lei, e que não devem sofrer preconceito de origem, raça, sexo, cor, idade e quais quer outra forma de discriminação (BRASIL, CONSTITUIÇÃO FEDERAL, 2014).

Em relação à sexta questão, perguntamos “Se ele frequentava lugares públicos?”.

Conforme 70% dos sujeitos pesquisados, os mesmos informaram que gostam de frequentar lugares públicos; 20% afirmam não gostar dos lugares públicos; e, os 10% restante indicam que às vezes gostam de frequentar esses lugares.

Ao saber os motivos que os participantes da pesquisa gostavam de frequentar lugares públicos, várias foram as respostas. O participante A-1 informou que: **“eu adoro ir pro cinema, tem muita gente e filme e depois eu saio para passear no shopping. Fico olhando tudo”**.

Foi possível encontrar uma similaridade nas falas dos entrevistados A-2, A-4, A-5, A-7 e A-9, afirmando que **“gostam de frequentar lugares públicos por conta de ter bastante gente e fica melhor de se comunicar com as outras pessoas”**.

Outra fala semelhante é a que é apontada pelos os indivíduos A-3 e A-6 **“que não gostam de frequentar lugares públicos, pois além de lugares muito cheios, o contato com as pessoas os deixam com medo, gerando insegurança e certo descontrole social e emocional”**.

De acordo com a fala do aluno A-8 **“eu gosto de frequentar lugares públicos, as pessoas com quem eu converso me tratam bem, ninguém diz nada comigo. Eu nunca fui tratado de forma preconceituosa. Todo mundo é muito tranquilo. E eu também sou uma pessoa boa e tranquila”**.

O aluno A-10 aponta a seguinte fala: **“Eu não gosto de frequentar lugares públicos. Eu sou tímido, não gosto que ninguém fique me perguntando nada. É chato responder o que as pessoas estão perguntando. Eu não gosto de gente (risos)”**.

Na conversa e convivência com o A-10, percebeu-se que o mesmo tem seu olhar fixo para o chão o tempo inteiro, evitando assim manter contato facial com qualquer interlocutor, dificultando dessa forma uma aproximação maior no contato.

Na questão de número sete, solicitamos aos sujeitos da pesquisa que respondessem a seguinte pergunta: “Em relação ao mercado de trabalho, você tem vontade de trabalhar?”.

De acordo com os dados colhidos, 60% dos indivíduos responderam que sim, ou seja, tem vontade de trabalhar. Conforme 30% dos pesquisados, afirmaram que não, e, finalmente, os 10% restante indicaram que às vezes tem vontade de trabalhar.

Segundo as falas dos sujeitos A-1, A-2 e A-9 **“o intuito de trabalhar é o de ganhar dinheiro, comprar um carro, uma casa”**. Verifica-se que os alunos em questão visam garantir um futuro. Nas conversas informais, os alunos descritos sempre falam que querem comprar bens materiais, é uma fala muito recorrente.

Analisando as falas dos entrevistados citados, podemos presumir que os mesmos se preocupam com o futuro, já que a maioria deles 70%, não trabalha e sobrevive com a ajuda financeira da família.

Entendemos que o ato de trabalhar pode gerar ganhos consideráveis tanto para a Pessoa com Necessidade Especial quanto para as empresas que o contrata. Nesse sentido Batista (2004, p. 164) afirma que:

[...] a presença da pessoa portadora de deficiência pode ser benéfica para a empresa até por seus efeitos secundários, ou seja, a presença de um “estranho” na organização pode quebrar a rotina alienante do ambiente de trabalho. O processo de identificação e aceitação da própria limitação, propiciado pela afinidade com a pessoa portadora de deficiência, pode possibilitar relações mais afetivas no ambiente de trabalho e contaminar positivamente outras relações. A afirmação de que a presença da pessoa portadora de deficiência no ambiente de trabalho humaniza as relações supõe-se ser um processo dessa natureza.

De acordo com a citação acima, evidenciamos que a contratação de uma Pessoa com Necessidade Especial favorece a todos. A empresa que contrata não precisa se ver como uma organização filantrópica, pelo contrário, ela deve rastrear as áreas nas quais existem funções que podem ser preenchidas pela Pessoa com Necessidade Especial.

O trabalho é visto como algo engrandecedor. As pessoas que não conseguem fazer parte desse mundo estão marcados pelo processo de exclusão que atinge uma boa parte da humanidade considerada “normal”¹², imagina então para uma população que já é considerada como párias de uma sociedade.

Para Bobbio (1992, p. 17) o trabalho é um direito fundamental. Ele argumenta que:

A reivindicação do direito ao trabalho como direito fundamental – tão fundamental que passou a fazer parte de todas as Declarações de Direitos contemporâneos – teve as mesmas razões da anterior reivindicação do direito de propriedade como direito natural. Eram boas razões que tinham suas raízes na natureza das relações de poder características das sociedades que haviam gerado tais reivindicações e, por conseguinte, na natureza específica – historicamente determinada – daquelas sociedades.

Analisando a citação, acreditamos que o trabalho é um grande legado no processo de inclusão tanto para pessoas ditas normais e que se encontram fora do mercado de trabalho, quanto para a Pessoa com Necessidade Especial. Entretanto, é possível indicar que o maior de todos os empecilhos para a inclusão da PNE no mercado de trabalho é o preconceito, já que a grande maioria dos possíveis colegas de trabalho geralmente o vê como um estorvo e nunca como uma possibilidade de potencialidades para o trabalho.

Uma fala que chama bastante atenção é a do A-3, **“acho que eu não sirvo para trabalhar. Sempre escuto falarem isso”**. A fala do mesmo indica muito preconceito contra ele, bem como um pré-julgamento de que toda e qualquer Pessoa com Necessidade Especial não pode trabalhar.

Em relação a isso, Bertolin (2006, p. 168) aponta que, “a discriminação das pessoas com algum tipo de deficiência, no que diz respeito ao acesso ao trabalho, assume uma dimensão considerável, pois significa excluí-las da sociedade, negando-lhes a condição de cidadãos”.

Ao negar acesso a Pessoa com Necessidade Especial, estamos deixando-a à margem da sociedade; não os permitindo viver em toda sua plenitude sua condição de cidadão na sociedade tanto em âmbito local, quanto mundial.

¹² Grifo meu.

O entrevistado A-4 afirma **“é legal trabalhar”**; já para A-5 **“eu quero muito trabalhar, principalmente com carros, eu adoro carros”**. É possível perceber a empolgação de A-5 quando aborda o assunto em questão, fica completamente extasiado e dispara a discorrer sobre carros e suas particularidades. Foi um assunto que tomou bastante tempo, conforme relato no Diário de Bordo.

Segundo A-6, **“eu só tenho vontade de trabalhar às vezes. Trabalho cansa e eu não gosto de ir trabalhar todo dia. É chato”**.

Os A-7, A-8 e A-10, **“gostam de trabalhar e no momento atual eles encontram-se empregados”**. Ressaltamos que os três entrevistados são funcionários da instituição Casa da Esperança. Destacamos ainda a fala de A-10 que aponta que quer **“crescer no emprego e se sentir bem”**.

Na oitava questão perguntamos aos alunos participantes da pesquisa **“você já atua ou atuou no mercado de trabalho?”**.

A situação encontrada foi a seguinte: 60% afirmam que não atuam no mercado de trabalho, os outros 40% restante indicam que já atuaram ou atuam no mercado de trabalho. Encontramos nas falas dos entrevistados situações bem diferentes. De acordo com A-1, A-3, A-4, A-5 e A-9, **“não trabalham porque a família não deixa”**, fala apontada por eles. Isso nos leva a presumir que a família não acredita nas potencialidades deles. Diante disso, Chacon APUD Souza Jr (1998, p. 16) afirma que:

É necessário reconhecer o direito de qualquer filho, seja ele normal ou deficiente, pois não se pode negar, hoje, a existência de conhecimento científico e de tecnologia avançada, que podem possibilitar o desenvolvimento de qualquer capacidade humana, e garantir com isso oportunidades objetivas de integração do deficiente em todos os níveis sociais.

É preciso que os pais conscientizem-se dos papéis que desempenham, já que eles educam seus filhos, colaborando para que os mesmos construam além do seu conhecimento, sua própria identidade e sua cidadania, ou seja, que possa se tornar uma pessoa com direitos e deveres na sociedade.

Dialogando com Weihs (1991), o autor aponta que os pais devem aprender a ver seus filhos não apenas como promessa, mas como um potencial que necessita ser lapidado.

Onde a criança não é só aquilo que se apresenta diante dos nossos olhos e sim o que ela pode vir a ser no futuro.

Independentemente da limitação do seu filho, os pais precisam apostar que esse filho pode evoluir no seu desenvolvimento social, psíquico, motor entre outros.

Segundo A-2, o mesmo afirma que: **“já trabalhei e gostava muito do que eu fazia no trabalho”**. Os A-7, A-8 e A-10, **“já atuam no mercado de trabalho”**, dentro da própria instituição em que ocorreu a pesquisa.

Uma das falas que mais chamou a atenção foi a de A-4, ele informa que **“não sirvo para o trabalho”**. É uma afirmação muito forte, carregada de preconceito contra sua pessoa, já que o mesmo conforme a questão de número sete aponta que **“trabalho é legal”**. Faz-se necessário investigar mais profundamente A-4, pois o mesmo tem certa conscientização das suas limitações e se considera como **“uma pessoa especial”**, conforme fala do próprio, colhida na questão de número cinco.

Na questão de número nove, solicitamos que os entrevistados respondessem a seguinte pergunta: “se você já atua ou atuou no mercado de trabalho, qual foi o cargo que você exerce ou exerceu?”.

Conforme 60% dos participantes da pesquisa afirmaram que não trabalham. Percentual esse que está de acordo com o mesmo encontrado nas respostas da oitava questão. Os 40% restante indicam que já atuaram ou continuam atuando no mercado de trabalho.

As falas dos alunos apontam o seguinte: A-2 conta que já foi empacotador em um supermercado. Hoje não mais atua no mercado de trabalho. Porém, o mesmo recebe benefício da previdência social. Os A-7, A-8 e A-10 atuam dentro da instituição pesquisada. Os cargos que ocupam é o de agente administrativo, realizando atividades ligadas ao uso da Tecnologia da Informação e da Comunicação (TIC) no seu dia a dia.

Uma curiosidade que chama a atenção na fala de A-6 é que o mesmo deseja trabalhar criando jogos eletrônicos para celular e/ou telemóvel. Para ele é um sonho que vai se tornar realidade.

3.3 – Teorizando o Diário de Bordo à luz da pesquisa Etnográfica e Inovação Pedagógica

Ao analisar o Diário de Bordo como ferramenta da pesquisa etnográfica, percebe-se o quanto este instrumento facilita a leitura dos dados colhidos no questionário, bem como as falas dos participantes, já que as mesmas são opiniões comprometidas, ou seja, são representações individuais dos alunos pesquisados.

O estudo etnográfico como preferência metodológica, nos proporcionou através do Diário de Bordo compreender as características de uma possível prática inovadora na instituição Casa da Esperança.

Hammersley, Atkinson (1994) apontam que a etnografia é um método de investigação social. Uma maneira de compreender novas culturas e seus significados, através das descrições detalhadas das experiências concretas no cotidiano da sociedade.

Após escolher o Diário de Bordo como instrumento a ser trabalhado, desenvolvemos o trabalho de campo no período compreendido entre Agosto a Outubro de 2014. O trabalho de campo consistiu em observações semanais das aulas, em conversas com o professor-orientador, coordenador de oficinas, bem como conversas informais com outros atores que fazem parte do contexto escolar, além dos alunos que são os protagonistas dessa pesquisa.

O Diário de Bordo diz respeito à observação participante na instituição educacional Casa da Esperança, onde minha presença foi recebida de forma cordial, ao mesmo tempo em que foi possível transitar livremente pelas dependências da mesma. Isso veio a colaborar para uma melhor vivência do cotidiano da organização escolar.

Percebi ao longo da minha pesquisa o quanto a maioria dos profissionais que fazem parte da Casa da Esperança estava lisonjeada em ter participado de um estudo de caráter internacional, já que de acordo com as falas colhidas **“É possível atrair doações de organizações internacionais”**; **“Vamos ficar mais conhecidos”**; **“Podemos ser reconhecidos no mundo”**.

As falas acima representam uma característica de que os profissionais da Casa da Esperança esperam reconhecimento, bem como doações de organismos internacionais para melhorar as dependências da instituição e oferecer uma melhor educação aos alunos que lá frequentam.

Ao conversar com o professor-orientador, o mesmo se mostrou bastante receptivo em prestar seu depoimento, pois segundo sua fala, ele diz: **“Eu vejo a possibilidade de conhecer algumas informações sobre os meus alunos, que eu desconheço. Isso vai ajudar muito na minha prática dentro da sala de aula. Vou poder trabalhar de forma mais efetiva com eles”**.

Entendemos aqui que o professor-orientador na sua fala indica que não conhece bem os alunos que frequentam sua sala de aula. Isso dificulta muito o processo de aprendizagem.

Ao tentar compreender a ação pedagógica empregada na sala de aula, pedi ao professor-orientador da sala de informática relatar sua vida dentro da organização escolar. O mesmo relata o seguinte: **“Entre há quase um ano na Casa da Esperança. Sou formado em História e tenho algum conhecimento na área de informática. Gosto muito de trabalhar aqui com esses alunos. Trato-os com muito carinho. Existem alguns alunos que são bem preparados, sabem trabalhar bem com o computador. Outros eu tenho que orientar. Ensinar direitinho para fazer a atividade solicitada. Porém, eu deixo eles livres para indicarem o que desejam aprender. Eu peço para eles escolherem que tipo de atividade eles vão realizar na sala de informática”**.

Dialogando com a fala do professor-orientador acima, o mesmo tenta em sua prática entender seus alunos, tratando-os como iguais, bem como aceitando que os mesmos possam indicar a atividade que eles desejam realizar. Entendemos aqui que ao favorecer uma ação pedagógica voltada para uma aprendizagem construída conjuntamente, o professor dá sinais de que seja possível uma prática inovadora.

Em outra fala, o professor-orientador explica: **“Eu entendo que meu aluno precisa crescer, tanto no seu dia a dia fora da escola, como dentro da sala de aula. Fico feliz pelo progresso de cada um. A parceria entre eu e você (entrevistador/pesquisador) será muito boa, já que você (entrevistador/pesquisador) vai poder me ajudar a compreender melhor meus alunos e vou saber mais sobre eles, pois nunca tomei contato com os históricos dos meus alunos. Sempre me pergunto como é que eu posso proporcionar uma aprendizagem melhor, mais dinâmica e efetiva se eu não conheço os meus alunos?”** (DIÁRIO DE BORDO - Apêndice 5).

O professor-orientador acena com a possibilidade para o crescimento do aluno não apenas do lado acadêmico, mas também para o dia a dia desse discente. O docente indica que para favorecer uma melhor aprendizagem é necessário conhecer o seu aluno, o histórico do mesmo, ou seja, saber quem ele é, quais são suas características, procurando assim efetivar uma aprendizagem voltada para a construção do conhecimento do seu educando.

No Diário de Bordo relato que o professor-orientador foi comigo verificar os históricos dos alunos. Ficamos a estudar os históricos durante 02 (dois) dias seguidos. Nesse período pude melhor observar e conversar mais com o docente. Percebi que ele é uma pessoa de gestos bastante comedidos, possui fala tranquila, em nenhum momento apresenta descontrole emocional. Muito pelo contrário, é bem articulado, sabe falar nos momentos certos e sabe ouvir. Sua vestimenta é sempre em cores neutras e sóbrias. É muito tranquilo no tratar com todos que fazem parte da instituição. Ressalto ainda que trata seus alunos de uma maneira muito delicada e carinhosa, dando-lhes completa atenção, principalmente aqueles que demandam mais dedicação.

Dialogando com o Diário de Bordo, a ação pedagógica existente na sala de aula nos mostra uma condição possível de estruturação do processo inovador onde tanto o professor-orientador quanto dos alunos, apesar das diferenças socioculturais, estabelecem uma relação voltada para o crescimento de todos os envolvidos na sala de aula de informática, onde a atuação do docente contribui para o processo de construção do conhecimento não só do seu alunado, mas o seu também.

Ainda conversando com o Diário de Bordo, observa-se que o conteúdo espiado nas aulas, nos permitiu identificar uma prática voltada para às experiências de cada aluno. Diante disso Larrosa Bordía (2002) diferencia experiência de informação, já que a informação suplanta a experiência pela rapidez e a dinâmica informacional.

Para o autor, informação não é considerada experiência. Já que experiência é algo que nos transmite algo, que nos sensibiliza, que nos toca, que traz consigo processos de mudanças, transformando o indivíduo, onde ele é um ser que sofre, padece e ao mesmo tempo é receptivo (LARROSA BORDÍA, 2002).

Entendemos que o professor-orientador vai de encontro à prática tradicional. Ele busca a ruptura com o que aí está, ou seja, ele busca inovar pedagogicamente. Como bem argumenta Fino (2010, p. 5),

[...] A inovação pedagógica só se pode colocar em termos de mudança e de transformação. Transformação da escola e dos seus pressupostos fabris, pelo menos a nível micro, ou seja, no espaço onde se movimentam aprendizes concretos, assessorados por professores que estão empenhados em garantir, (...), o máximo de aprendizagem com o mínimo de ensino. Por outras palavras, a inovação pedagógica passa por uma mudança na atitude do professor, que presta muito maior atenção á criação dos contextos da aprendizagem para os seus alunos do que aquela que é tradicionalmente comum, centrando neles, e na atividade deles, o essencial dos processos. E perguntando, evidentemente, o que é que a incorporação de nova tecnologia pode fazer para ampliar o poder dos alunos, enquanto aprendizes, ao invés de conjecturar a exploração da tecnologia para reforçar o seu controlo sobre a turma, em atividades estritamente curriculares, num processo em que é o principal agente.

A ação pedagógica do professor-orientador da Casa da Esperança, nos mostra que é possível à busca por um fazer diferente. Quando o mesmo estimula seus alunos a se sentirem responsáveis pelo seu conhecimento, demonstra claramente que posição tomar, corroborando assim com o argumento de Fino acima.

De acordo com minha observação participante, posso aqui afirmar que o professor-orientador da sala de informática é o único que tenta mudar sua prática. Os outros atores educacionais que fazem parte da instituição estão apenas cumprindo seus papéis como educadores burocráticos, não acenando em nenhum momento com mudanças que podem ser significativas para o crescimento e construção da aprendizagem dos alunos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Na educação, a mais elevada marca do sucesso não é ter imitadores, mas inspirar outros a irem além”.

Seymour Papert

A ousadia de planejar o mundo, o desenvolvimento de coisas novas já está na natureza humana, está em nosso modo de ser. Essa necessidade de inovar vem da vontade de passar valores e de que esses valores passem de geração a geração.

Uma instituição educacional é um ambiente que deve priorizar a aprendizagem, já que é possível se fazer valer do seu processo de inovação pedagógica, principalmente quando emprega-se o uso da Tecnologia da Informação e da Comunicação (TIC) nessa aprendizagem, pois visa a auxiliar o aluno na construção do seu conhecimento.

As organizações de ensino atual não mudaram muito, mas os professores sim mudaram bastante tanto na forma de trabalhar, quanto na forma de executar suas atividades em sala de aula, na maneira de pensar e isso é o grande diferencial no século XXI, onde o uso da TIC é uma constante em todo o planeta. Já que com a chegada das tecnologias dentro da educação, o objetivo central é formar uma sociedade pautada no conhecimento, numa nova visão de mundo.

Essa nova forma de aprendizagem, pautada no conhecimento, bem como voltada para que o aluno seja o protagonista da sua própria organização do seu aprendizado, já começou a contribuir de forma significativa na maneira da sociedade pensar, pois as respostas são dadas de forma mais rápida, os problemas são solucionados com mais precisão, superando assim as dificuldades que são apresentadas ao longo do processo histórico da humanidade.

O que se sabe é que o uso da TIC é um desafio para os educadores, pois os mesmos devem construir uma aprendizagem mais completa, na qual seja possível explorar o uso da tecnologia para que os estudantes possam fazer uso adequado da mesma, contribuindo assim para uma aprendizagem mais aprofundada.

Entendemos que o uso das novas tecnologias é uma das maiores inovações da humanidade, pois é uma ferramenta para a manipulação do simbólico e do virtual. Nos dias atuais, a informática está presente de diversas maneiras na educação e em praticamente todos os países do globo terrestre. O novo está na manipulação do mundo contemporâneo, de implementar bases que desafiam, num sentido bastante amplo. Enfim, em vários sentidos a informática auxilia muito e principalmente na educação, pois proporciona a formação de cidadãos capacitados para lidar de frente com a nova sociedade que aí se encontra.

Piaget (1964) em seu livro “Seis estudos de psicologia” argumenta que o aprendizado informatizado acrescenta muito no desenvolvimento cognitivo e interativo.

A sociedade necessita ter um olhar mais crítico para o que ainda pode ser feito. Nesse sentido Moraes (2003, p. 167) explica que: “[...] este momento revela-se de grande e extrema oportunidade para se catalisar mudanças educacionais importantes, transformar a maneira como pensamos e concebemos a escola, a educação, a aprendizagem e a própria dinâmica da vida”.

Certamente a humanidade está vivenciando um processo de intensa controvérsia e ruptura. De um lado grandes avanços científicos e tecnológicos oriundos da globalização associadas à desumanização planetária. De outro, o crescimento ainda pouco significativo da necessidade de retomar, resgatar os valores e princípios que norteiam uma nova globalização, direcionada ao desenvolvimento sustentável.

Para Gadotti (2008) o globalismo é essencialmente insustentável. Ele atende primeiro às necessidades do capital e depois às necessidades humanas a que ele atende tornaram-se “humanas”¹³ apenas porque foram produzidas como tais para servirem ao capital.

Em decorrência, presencia-se o surgimento das mais diversas e profundas crises, de natureza econômica, educacional, ecológica e existencial que reafirmam que é o homem o produto e o produtor dos equívocos vivenciados tanto no passado, no presente e quiçá no futuro.

A dimensão dessa crise se depara com uma série de sequelas nos aspectos sociais, políticos, econômicos e culturais, onde o aspecto educacional recebe influências de todos os

¹³ Grifo meu.

outros aspectos, implicando assim no agravamento da qualidade da educação oferecida. E o que realmente podemos fazer para modificar a situação que aí se encontra?

A resposta que podemos dar é que ela está dentro de cada ser humano, em sua própria essência. A essência humana está repleta de respostas para o dilema vigente, o que se faz necessário é a estimulação e a mediação para a transmutação do senso comum em conhecimento científico, do imaginário para o real, do abstrato para o concreto, porque o que de fato vale é a concepção de vida vivida e sentida em todos os sentidos e momentos, construindo assim um caminho para a obtenção do conhecimento.

O sucesso educacional só poderá acontecer se todos os cidadãos do planeta tiverem consciência do seu papel na construção de uma sociedade mais justa, solidária e sustentável, voltada para a um ambiente onde as oportunidades possam ser compartilhadas por todos, inclusive com a Pessoa com Necessidade Especial.

Neste sentido, seguindo esta linha de pensamento, Edgar Morin APUD Ciegliniski (2010, p. 12) apresenta os sete saberes necessários à educação do futuro, na qual privilegia a construção do conhecimento e transforma o modelo instrucional vigente:

1. **As cegueiras do conhecimento:** o erro não pode estar afastado do processo de aprendizagem. A educação deve demonstrar que não há conhecimento sem erro ou ilusão;
2. **O conhecimento pertinente:** a fragmentação do conhecimento dificulta a compreensão da realidade. Para que ele seja pertinente, é preciso situá-lo dentro de um contexto que é multidimensional;
3. **Ensinar a condição humana:** o ser humano reúne ao mesmo tempo aspectos biológicos, culturais, psíquicos, históricos. Na educação, essa complexidade é desintegrada por meio das disciplinas. É preciso restaurar essa identidade para se ter a consciência de uma condição que é comum a todos;
4. **Ensinar a identidade terrena:** é a ideia de sustentabilidade do planeta Terra como pátria. Se o mundo é cada vez mais um todo conectado, também não enxerga cada um, nem respeita o indivíduo. É preciso desenvolver o conceito de “cidadão planetário”;
5. **Enfrentar as incertezas:** em todas as áreas do conhecimento existe o inesperado. Apesar de a escola ensinar só aquilo que é certeza – lei da gravidade e magnetismo, por exemplo – é preciso trabalhar com a ideia de que existem incertezas;
6. **Ensinar a compreensão humana:** em geral, não existe a preocupação de ensinar sobre como compreender uns aos outros, seja um vizinho, parente ou amigo, mas essa deve ser uma missão da educação. Esse processo (da não compreensão) cria uma sociedade individualista e egocêntrica;
7. **A ética do gênero humano:** a educação precisa conduzir a uma “antropoética” que deve ser ensinada por lições de moral, mas com base na consciência de que o ser humano é, ao mesmo tempo, indivíduo, mas também parte de algo maior – de uma sociedade, de uma espécie.

É preciso lembrar que para atingir os objetivos educacionais voltados para uma educação de qualidade utilizando as TIC, faz-se necessário direcionar mudanças também na formação dos profissionais, bem como valorizar as vitórias e evoluções dos estudantes. Necessitamos reunir o que cada cultura, cada sociedade tem de melhor para buscar as melhores soluções para os problemas que despontam no mundo. É cultivar a busca pela construção do conhecimento coletivo, onde todos possam realmente fazer parte de uma sociedade igualitária, que esteja em harmonia com a prática inclusiva, na qual ninguém pode ser discriminado, excluído devido a sua cor, orientação sexual, religião, necessidade especial entre outras.

O processo de aprendizagem não se dá apenas dentro dos muros da escola. A aprendizagem conseguiu ultrapassar suas fronteiras. Nossos alunos percorrem a construção do conhecimento através de um click, podendo fazer uma leitura de mundo de diversas formas. É dever de todos pensarem o sistema educacional como um lugar em que o processo de aprendizagem se pauta na questão de como aprender, para que aprender e de que forma aprender.

Na definição do objetivo geral para efetivação deste estudo, era pretendido explicitar o uso das TIC como processo pedagógico inovador e sua contribuição para o processo de aprendizagem da Pessoa com Necessidade Especial na perspectiva da inclusão no espaço sociolaborativo. Conforme resultados obtidos com a aplicação dos questionários A (Apêndice 3), questionário B (Apêndice 4) e Diário de Bordo (Apêndice 5), foi possível identificar falas elucidativas.

Segundo os participantes da pesquisa ficou bastante claro que o uso de ferramentas tecnológicas traz grande benefício para a aprendizagem dos mesmos, principalmente porque a construção do conhecimento na instituição Casa da Esperança se faz de forma a colaborar para uma aprendizagem compartilhada, já que o professor-orientador da sala de informática respeita o tempo de maturação de cada aluno. Assmann (1998, p. 40) sinaliza que:

A aprendizagem não é um amontoado sucessivo de coisas que vão se reunindo. Ao contrário, trata-se de uma rede ou teia de interações neuronais extremamente complexas e dinâmicas, que vão criando estados gerais qualitativamente novos no cérebro humano. É a isto que dou o nome de morfogênese do conhecimento. Neste sentido, a aprendizagem consiste numa cadeia complementar de saltos qualitativos de auto-organização neuronal da corporeidade viva, cuja clausura operacional se organiza enquanto se mantém numa acoplagem estrutural com o seu meio.

Diante da citação acima, o cérebro-mente interliga-se de forma a agrupar organismo e meio ambiente. Ao aprender, o indivíduo não apenas transforma a si próprio internamente, mas também seu corpo e suas atitudes se transformam através da construção do seu conhecimento via aprendizagem.

As questões que fizeram parte do presente trabalho contemplaram os objetivos específicos, na qual serviram de base para a investigação da pesquisa.

Ao tentar responder a questão da pesquisa, que era: “O uso das TIC tem contribuído para inovar pedagogicamente o processo de aprendizagem da Pessoa com Necessidade Especial na perspectiva da inclusão no espaço sociolaborativo?”.

Para responder a pergunta nos valem os objetivos específicos. Para o objetivo específico que contemplava “identificar o uso das TIC na escola como contribuição para o processo de aprendizagem da Pessoa com Necessidade Especial”, verificou-se que os alunos têm prazer em utilizar as TIC, principalmente utilizando a Internet, com o uso das redes sociais. O uso de jogos educativos também é uma prática bastante comum entre os entrevistados, principalmente os jogos que trabalham com a formação de palavras, já que os educandos utilizam esses jogos com muita constância na instituição Casa da Esperança. O uso desses jogos educativos pode ser encarado por muitos como uma atividade lúdica, apenas como um mero passatempo. Porém, para a população pesquisada, os mesmos tem o objetivo de favorecer a aprendizagem, bem como excitar a concentração dos mesmos.

Ressaltamos ainda, que o uso das TIC na instituição é uma característica basicamente masculina. Isso indica que as TIC sempre estiveram associadas ao mundo masculino, não sendo uma atividade feminina. Entendemos que apesar das limitações dos alunos, os mesmos conseguem utilizar as TIC de forma a atender suas necessidades básicas, já que o acesso e a utilização da internet e outras modalidades em que estão atreladas as ferramentas tecnológicas contribuem para desenvolver competências e construir o conhecimento desejado.

Sobre o objetivo proposto para “analisar os impactos pelo uso das TIC na aprendizagem da Pessoa com Necessidade Especial”, percebemos que os indivíduos pesquisados apresentam de certa forma uma autonomia em suas decisões, principalmente aqueles que já estão inseridos no mercado de trabalho e que são considerados com

necessidades mais leves. É claro que esses sujeitos seguem tratamentos terapêuticos que são de grande ajuda para sua inserção na sociedade e no mundo do trabalho.

Outro objetivo específico do trabalho era o de “verificar como a escola/instituição conduz a formação da Pessoa com Necessidade Especial para o mercado de trabalho”. Verificamos que realmente existe preocupação por parte da instituição onde a pesquisa foi realizada, já que existem oficinas que são realizadas para a locação dos alunos no mercado de trabalho. Entretanto, foi possível perceber que não existe nenhum tipo de oficina voltada para o uso das TIC no mundo do trabalho. Porém, 03 (três) participantes da pesquisa trabalham no setor de marcação de consultas da instituição (Apêndice 5), onde foi possível colher que os mesmos utilizam as TIC com grande frequência e eficiência todos os dias, realizando trabalhos de forma muito satisfatória.

Lembramos ainda que, a maioria dos entrevistados não terá acesso ao mundo do trabalho, já que as empresas na sua grande extensão receia contratar um profissional que possui necessidade especial. Salientamos que a Lei 8.213/91 (BRASIL, 2015) determina que as empresas com mais de 100 (cem) funcionários reservem um percentual das vagas para as Pessoas com Necessidades Especiais, devendo preencher de 2 a 5% dos seus cargos.

Entretanto, ressaltamos que se faz necessário preparar toda e qualquer pessoa para assumir uma vaga no mercado de trabalho, isso vale inclusive para a Pessoa com Necessidade Especial, haja vista que a finalidade das empresas não é o de serem caridosas, e sim, obterem lucro daquilo que vendem ou oferecem como produto ou serviços.

Faz-se necessário que as empresas se esforcem para implantar programas que visem abrir suas portas para a entrada dessa população que vive em constante estado de vulnerabilidade (BRASIL, 2007b).

Por fim, o último objetivo específico foi “compreender como o uso das TIC pode contribuir para a inclusão sociolaborativa da Pessoa com Necessidade Especial”. De acordo com os dados colhidos, o processo de inclusão da Pessoa com Necessidade Especial deve ser visto de duas maneiras: no primeiro momento, os entrevistados ficaram bem divididos quanto ao se sentirem e frequentarem uma escola inclusiva.

No segundo momento, no cenário de processo de inclusão sociolaborativo através do uso das TIC, não vislumbramos um futuro promissor, pois além da dificuldade das

empresas contratarem mão de obra com necessidade especial, existe também a resistência das famílias da PNE, muitas vezes por não acreditar nas potencialidades dessa pessoa, em outros momentos essa mesma família resiste para não perder o benefício que recebe da previdência social ou por sentirem medos pelo que seu filho venha a passar.

O objetivo desta investigação foi relacionar a Pessoa com Necessidade Especial e o uso das TIC e a contribuição das mesmas para o desenvolvimento da aprendizagem dessa população. Bem como, verificar se existe inovação pedagógica dentro desse processo.

Acreditamos que o processo de uso das TIC é uma constante na instituição. Sua utilização tem de ser vista como algo inovador dentro das limitações da instituição (que sobrevive através de convênios com o Sistema Único de Saúde (SUS), com a Secretaria de Educação do Estado do Ceará (SEDUC) e, também, através de doações), e levando em consideração à própria limitação da Pessoa com Necessidade Especial que estuda na instituição.

Apontamos aqui que o processo de construção do conhecimento assume hoje uma parceria com as novas tecnologias, na qual as mesmas através dos mais diversos tipos de acessos colaboram para um crescimento e desenvolvimento do próprio indivíduo.

No decorrer de toda investigação, acreditamos que o processo de inovação pedagógica se faz presente de forma um tanto quanto vago na organização educacional. Existe apenas uma atitude isolada que tenta de certa maneira colaborar para que os alunos sintam-se capazes de produzir seu próprio conhecimento, levando-os a se motivarem para aprenderem e evoluírem no mundo globalizado.

A ação pedagógica inovadora que se faz presente na sala de aula de informática da Casa da Esperança rompe com a ideia de uma sala de aula tradicional. O professor-orientador procura desenvolver um programa educacional de acordo com o desejo dos seus alunos, buscando contemplar os desejos dos mesmos (DIÁRIO DE BORDO - Apêndice 5). Entretanto, ele é apenas o único profissional que trabalha com essa conduta. Como afirma Fernandes (2000, p. 48) “Se toda a inovação transporta consigo uma intenção de mudança, nem toda mudança introduz necessariamente inovação”.

Percebemos que o modo de vivenciar sua sala de aula, é um marco que rompe com o paradigma tradicional. É uma prática que o professor-orientador da instituição busca

fazer com que seu alunado tome consciência de suas escolhas e de como os mesmos possam buscar novas formas de aprender, já que ele utiliza em sala jogos de quebra-cabeça para trabalhar de diversas maneiras.

Quando falamos em inovação, não nos referimos apenas a uma só esfera da educação, como prática pedagógica, mas sim, em âmbito global. Onde realmente seja possível que todos se sintam impelidos a mudarem em busca de uma real e efetiva inovação pedagógica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRANCHES, C. **Inclusão no trabalho**. In.: ABRANCHES, C. *et al.* **Inclusão dá trabalho**. Belo Horizonte, Armazém de Ideias, 2000.

ALMEIDA, M^a. E. B. Letramento digital e hipertexto: contribuições à educação. In: PELLANDA, N. M^a. C.; SCHLÜNZEN, E. T. M.; JÚNIOR, K. S. (orgs.). **Inclusão Digital: tecendo redes afetivas/cognitivas**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

ALTOÉ, A.; PENATI, M. M. O Construtivismo e o Construcionismo Fundamentando a Ação Docente. In: ALTOÉ, A; COSTA, M^a. L. F.; TERUYA, T. K. **Educação e Novas Tecnologias**. Maringá: Eduem, p. 1-15, 2005.

ANACHE, A. A. **O Deficiente e o Mercado de Trabalho: concessão ou conquista?** Revista Brasileira de Educação Especial. Vol. ii, n^o. 4, p. 119-126, 1996.

ANDRÉ, M. E. D. A. de. **Etnografia da prática escolar**. Papirus: São Paulo, 2010.

APOSTILA CASA DA ESPERANÇA. **Plano de Trabalho 2014**. Fortaleza-CE. 2014.

ASSMANN, H. **Reencantar a educação: rumo à sociedade aprendente**. Petrópolis: Vozes, 1998.

BALADELI, A. P. D.; ALTOÉ, A. Uma proposta construtivista para o uso da internet na educação. **Seminário de Pesquisa do PPE**. Universidade Estadual de Maringá. Paraná. 08 e 09 de junho de 2009. p. 1-9.

BARBOSA, M^a. L. de O.; QUINTANEIRO, T. **Max Weber**. In: QUINTANEIRO, T.; BARBOSA, M^a. L. de O.; OLIVEIRA, M. G. de. **Um toque de clássicos: Marx, Durkheim e Weber**. 2. ed. Ver. ampl. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

BARRA, M. **Infância e Internet – Interações na Rede**. Publidisa. 2004.

BARTH, R. **A personal vision of a good school**. Phi Delta Kappan, 71, p. 512-571, 1990.

BASTOS, J. A. de S. L. de A. **O papel dos centros tecnológicos na formação de docentes e alunos e em sua vinculação com o setor produtivo**. Trabalho apresentado no IV Congresso de Educación Tecnológica de los Países del MERCOSUR, Montivideo, 1996.

BATISTA, C. A. M. **Inclusão: construção na diversidade**. Belo Horizonte: Armazém de Ideias, 2004.

BECKER & ARNOLD. **The Dilemma of Difference – a multidisciplinary view of stigma**. Chapter 3: stigma as a social and cultural construct. New York and London, Plenum press. p. 39 – 57, 1986.

BERTOLIN, P. T. M. **A discriminação às pessoas com deficiência nas relações de trabalho**. Direito do Trabalho. São Paulo. Revista dos Tribunais. n. 124, p. 166-182, 2006.

BLIKSTEIN, P. **Tecnologia e criatividade na sala de aula.** Revista Gestão Educacional. Humana Editorial. São Paulo-SP-Brasil. Julho de 2012.

BOBBIO, N. **A Era dos Direitos.** Tradução Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Campus, 1992.

BOFF, L. **A Águia e a Galinha** – uma metáfora da condição humana. 23 ed. Petrópolis, editora Vozes, 1997.

BRASIL. **Lei nº 8.213, de 24 de julho de 1991.** Disponível em: www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18213cons.htm. Acesso em 26.jan.2015.

_____. **Constituição Federal do Brasil de 1988.** Disponível em: www.senado.gov.br/legislacao/const/con1988/CON1988_04.02.2010/CON1988.pdf. Acesso em 14.09.2014.

_____. **Plano de Metas Compromisso Todos Pela Educação.** Decreto nº. 6.094/07. Ministério da Educação. 2007a.

_____. **A inclusão de pessoas com deficiência no mercado de trabalho.** 2ª ed. Brasília: Ministério do Trabalho e Emprego (TEM). Secretaria de Inspeção do Trabalho (SIT). 2007b.

_____. **Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica.** Resolução nº. 02/01. Secretaria de Educação Especial. MEC/SEESP. 2001.

_____. **Constituição da República Federativa do Brasil.** Lei nº. 8.069 de 13 de julho de 1990. São Paulo. Cap. III. **Da Educação, da cultura e do Desporto.** Saraiva, 2000.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Adaptações Curriculares.** Estratégias para a Educação de Alunos com Necessidades Educacionais Especiais. Brasília: MEC/SEF/SEESP, 1998.

_____. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** Lei nº. 9.394 de 20 de dezembro de 1996. Secretaria de Educação: MEC, 1996.

BUENO, J. G. **Crianças com necessidades educativas especiais, política educacional e a formação de professores: generalistas ou especialistas.** Revista Brasileira de Educação Especial. v. 3. n. 5, p. 7-25. 1999.

CALAZANS, M^a. J. C. **Para compreender a educação do estado no meio rural: traços de uma trajetória.** In.: THERRIEN, J.; DAMASCENO, M^a. N. (Org.). **Educação e escola do campo. Educação e escola do campo.** Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico. Campinas: Papirus, p. 15-40. 1993.

CARVALHO, J. M. **Pontos e Bordados** – Escritos de História e Política. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

CARVALHO, R. E. **Temas em educação especial.** Rio de Janeiro. Ed. VWA. 1998.

CASTELLS, M. **A Sociedade em Rede – a era da informação: economia, sociedade e cultura.** São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CHACON, M. C. M. **A integração social do deficiente mental: um processo que se inicia na/pela família.** DISSERTAÇÃO DE MESTRADO. Universidade Estadual de Campinas – Unicamp. Faculdade de Educação. 1995.

CHARLOT, B. **Da Relação com o Saber: elementos para uma teoria.** Tradução de B. Magne. Porto Alegre: ArtMed, 2000.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais.** São Paulo: Vozes, 2006.

CIDADE, R. E.; FREITAS, P. S. **Noções sobre Educação Física e Esporte para Pessoas Portadoras de Deficiência.** Uberlândia, 1997.

CIEGLINSKI, A. **Uma nova forma de ensinar.** Revista Gestão Educacional. Humana Editorial. São Paulo-SP-Brasil. Dezembro de 2010.

CONGRESSO EUROPEU SOBRE DEFICIÊNCIA. **Declaração de Madrid.** Lerparaver, dezembro 2005. Disponível em: <http://www.lerparaver.com/madrid.html>. Acesso em 23.jan.2015.

CRUZ, G. de C. **Classe especial e regular no contexto da educação física: segregar ou integrar?** DISSERTAÇÃO de MESTRADO em Educação. Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro-RJ, 1996.

DEWEY, J. **Experiência e Educação.** 3ª. ed., São Paulo. Ed. Nacional. 1979.

_____. **Liberalismo, Liberdade e Cultura.** Tradução: Anísio Teixeira. São Paulo: Nacional, 1970.

DRUCKER, P. **A nova sociedade das organizações.** In: HOWARD, R. (Org.) *Aprendizado organizacional.* Rio de Janeiro: Campus, 2000. p.1-7.

FERNANDES, M. **Mudança e Inovação na Pós-modernidade.** Perspectivas Curriculares. Porto: Porto Editora. 2000.

FERREIRA, A. B. de H. **Dicionário Aurélio B.Á.S.I.C.O,** Ed. Nova Fronteira, 1ª ed., Patrocínio Jornal Diário do Nordeste Fortaleza – Ceará, 1998.

FINO, C. N. **Investigação e inovação (em educação).** In: FINO, C. N.; SOUSA, J. Mª. (Org.). **Pesquisar para mudar (a educação).** Funchal: Universidade da Madeira, 2010.

_____. **Inovação Pedagógica, Etnografia, Distanciamento.** In: FINO, C. N. **Etnografia da Educação.** Funchal. Universidade da madeira – CIE – UMa, pp. 99-118. 2011.

_____. **Inovação Pedagógica: significado e campo (de investigação).** In: MENDONÇA, A. & BENTO, A. V. (org). **Educação em Tempo de Mudança.** Funchal: Grafimadeira, pp. 277-287, 2008.

FINO, C. N.; SOUSA, J. M^a. As TIC redesenhando as fronteiras do currículo. **Revista Galego-Portuguesa de Psicoloxía e Educación**. 8 (10), p. 2051-2063. Departamento de Ciências da Educação da Universidade da Madeira. Portugal. 2003.

FOREST, M.; LUSTHAUSE, E. **Le kaleidoscope: défi ou concept de la classification en cascade**. In.: FOREST, M. (Org.). **Education – Intégration**. Downsview. Ontario: L'Institut A. Roeher. vol. II. P. 1-16. 1987.

FOUCAULT, M. **Segurança, Território, População: curso no Collège de France (1977-1978)**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

_____. **A Microfísica do Poder**. Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

FREIRE, A. M^a. A. **Utopias provisórias: as pedagogias críticas num cenário pós-colonial**. Petrópolis-RJ: Vozes, 1999.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

_____. Novos Tempos, Velhos Problemas. **In: III Congresso Estadual Paulista Sobre a Formação de Educadores**, São Paulo: Unesp, p. 37-44. 1994.

FULLAN, M. **O significado da mudança educacional**. Trad. Ronaldo Cataldo Costa. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GADOTTI, M. **Qualidade na Educação: uma nova abordagem**. Congresso de Educação Básica: Qualidade na Aprendizagem. Rede Municipal de Ensino de Florianópolis. 2013.

_____. **Educar para a sustentabilidade**. São Paulo: Instituto Paulo Freire. 2008.

_____. **Pedagogia da práxis**. São Paul: Cortez, 1997.

GÂNDARA, R. I. V. **A utilização das TIC como meio de aprendizagem na Educação Especial**. Escola Superior de Educação João de Deus. Mestrado em Ciências da Educação na Especialidade de Educação Especial: Domínio Cognitivo e Motor. Lisboa, julho 2013.

GARCIA, P. S. **A internet como nova mídia na educação**. Disponível em: www.Geocities.com/Athens/Delphi/2361/intmid.html. Acesso em: 09 set. 2012.

GARCÍA, C. M. **Formação de Professores – para uma mudança educativa**. Tradução: Isabel Narciso. Porto: Porto Editora, 1999.

GENTILI, P. A. A. & SILVA, T. T. da (Orgs). **Neoliberalismo, Qualidade Total e Educação – Visões Críticas**. 2^a. ed. Petrópolis. Vozes, 1995.

GIL, A. C. **Como elaborar um projeto de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1991.

GLAT, R. (Org.). **Educação Inclusiva: cultura e cotidiano escolar**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2007.

GLAT, R. **Capacitação de professores: pré-requisito para uma escola aberta à diversidade.** Revista Souza Marques. Vol. I, p. 16-23, 2000.

GOFFMAN, E. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada.** 4ª ed. Rio de Janeiro, Guanabara, 1988.

HAMMERSLEY, M; ATKINSON, P. **Etnografia: métodos de investigación.** 2. Ed. Barcelona: Paidós, 1994.

HARGREAVES, A. **O ensino na sociedade do conhecimento: a educação na era da insegurança.** Coleção Currículo, Políticas e Práticas. Porto: Porto Editora. 2003.

KUENZER, A. Z.; CALAZANS, M^a. J. C.; GARCIA, W. **Planejamento e educação no Brasil.** São Paulo: Cortez, 1999.

LAPASSADE, G. **As Microsociologias.** Série Pesquisa em Educação. Brasília: Liber Livro Editora, 2005.

LARROSA BONDÍA, J. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência.** Revista Brasileira de Educação. Campinas, n. 19. 2002. Disponível em: www.anped.org.br/rbe/rbedigital/RBDE19/RBDE19_04_JORGE_LARROSA_BONDIA.pdf. Acesso em 28.03.2015

LÉVY, P. **Cibercultura.** São Paulo: Editora 34, 1999.

LOIOLA, E., MOLINA, H. B., QUEIROZ, Z. **Formação dos licenciados em ciências nas instituições profissionais do Brasil durante o período de 2006 a 2010: um estudo no IF/CE do Ceará/Juazeiro do Norte.** Argentina: Mendoza: Universidad Nacional de Cuyo, 2011.

LUSTOSA, Fca. G. **Inclusão, o olhar que ensina: o movimento da mudança e a transformação das práticas pedagógicas no contexto de uma pesquisa-ação.** TESE DE DOUTORADO. Universidade Federal do Ceará – UFC, 2009.

MACEDO, R. S. **A etnopesquisa implicada: pertencimento, criação de saberes e afirmação.** Brasília: Líber Livro. 2012.

_____. **Etnopesquisa crítica, etnopesquisa-formação.** Brasília: Líber Livro Editora, 179 p. (série pesquisa v. 15). 2006.

MACEDO, R. S.; GALEFFI, D.; PIMENTEL, A. **Um rigor outro: sobre a questão da qualidade na pesquisa qualitativa.** Salvador: EDUFBA, 2009.

MAINARDES, C. **O tablet chega à sala de aula.** Revista Gestão Educacional. Humana Editorial. São Paulo-SP-Brasil. Julho 2012.

MALINOWSKI, B. **Argonautas do Pacífico Ocidental.** São Paulo: Abril, 1976.

MANTOAN, M^a. T. E. **Por uma escola (de qualidade) para todos.** In.: MANTOAN, M^a. T. E. (Org.). **Pensando e fazendo educação de qualidade.** São Paulo, SP: Moderna, 2001.

MARCHIORI, M. (Org.). **Faces da Cultura e comunicação organizacional**. São Caetano do Sul, Difusão. 2006.

MATOS, A. **Enciclopédia Geral de Educação**. vol. 4. Alcabideche: MM Oceano Grupo Rditorial. 2000.

MISSÃO PARA A SOCIEDADE DE INFORMAÇÃO (MSI). **Livro Verde Para a Sociedade de Informação em Portugal**. 1997. Disponível em: <http://www.pedroveiga.nome.pt/LivroVerde1997.pdf>. Acesso em 16 de julho de 2014.

MORAES, M^a. C. **Educar na biologia do amor e da solidariedade**. Petrópolis: Vozes. 2003.

NASCIMENTO, E. de S.; MIRANDA, T. G. **O trabalho e a profissionalização das pessoas com deficiência**. Revista da FACED. Salvador, v. 12, n^o. 12, 2007, p. 169-184.

NICOLESCU, B. **O manifesto da transdisciplinaridade**. Trad. Lúcia Pereira de Souza. São Paulo: Trion, 1999.

OLIVEIRA, M. G. de.; QUINTANEIRO, T. Karl Marx. In: QUINTANEIRO, T.; BARBOSA, M^a. L. de O.; OLIVEIRA, M. G. de. **Um toque de clássicos: Marx, Durkheim e Weber**. 2. ed. rev. ampl. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

PAPERT, S. **A Máquina das Crianças: repensando a escola na era da informática**. Porto Alegre: Artes Médicas. Tradução: Sandra Costa, 2008.

_____. "Introduction". In: I. Harel (Ed.), **Constructionist Learning**. Cambridge, MA: MIT Media Laboratory, 1990.

_____. **Constructionism: A New Opportunity for Elementary Science Education**. A proposal to the National Science Foundation. Massachusetts Institute of Tecnology, Media Laboratory. Epistemology and Learning Group, Cambridge, Massachusetts, 1986.

_____. **LOGO: computadores e educação**. Brasiliense, São Paulo, 1985.

PIAGET, J. **Fazer e Compreender**. 1^a ed. São Paulo: Melhoramentos, 1978.

_____. **A Epidemiologia Genética**. Ed. Vozes. Petrópolis-RJ, 1972.

_____. **Seis estudos de psicologia**. Rio de Janeiro: Forense, 1964.

POPPER, H. **The Poverty of Historicism, II**. *Economica*, 12 (46), p. 69-89, 1945.

QUARESMA, A. G. **A Pedagogia da Escola do Trabalho e a Formação Integral do Trabalhador**. FT: Trabalho e Educação. n. 09. CEFET/MG. p. 1-13. Apostila do Mestrado em Inovação Pedagógica. 2012.

QUEIROZ, M. A. de. **Sopro no Corpo**. Rio de Janeiro: Rocco. 1986.

QUEIROZ, M. T. S. Desafios à educação num mundo globalizado. In: **Revista Brasileira de Política e Administração da Educação**. v. 19, n. 1, 2003.

ROGERS, C. R. (Org.). **A pessoa como centro**. São Paulo, EPU, Ed. Da Universidade de São Paulo. 1977.

ROSADAS, S. C. **Educação física especial para deficientes**. 3.ed. Rio de Janeiro: Atheneu, 1991.

_____. **Atividade física adaptada e jogos esportivos para o deficiente – Eu posso. Vocês duvidam?** Rio de Janeiro: Livraria Atheneu. 1989.

SANTOS, B. V. dos. **A construção multicultural da igualdade e da diferença**. Coimbra: CES, 1999.

SASSAKI, R. K. **Inclusão: construindo uma sociedade para todos**. Rio de Janeiro. Ed. VWA, 1997.

SCHULTZ, T. W. **O capital humano: investimentos em educação e pesquisa**. Tradução Marco Aurélio de Moura Matos. Rio de Janeiro: Zahar, 1971.

SILVA, A. G. da; PALHANO, E. G. da S. **Formação profissional: uma alternativa inclusiva para pessoas com deficiência**. Comunicação apresentada na 28ª Reunião da ANPED. Caxambu, 2005. Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/28/gt15.htm>. Acesso em 17 de agosto de 2014.

SILVA, G. R. **As políticas de inclusão escolar no Brasil e seus efeitos na prática educativa**. IX ANPED SUL. Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul. 2012. Disponível em <http://www.uces.br/etc/cnferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/2210/692>. Acesso em 03. jun. 2014.

SIMONDON, G. **Du mode d´existence des objets techiques**. Paris: Aubier, 2001.

SKINNER. B. F. **Tecnologia do ensino**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1972.

SOLER, R. **Brincando e aprendendo na educação física especial: planos de aula**. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Sprint. 2006.

SOUSA, J. M^a.; FINO, C. N. **As TIC abrindo caminho a um novo paradigma educacional**. Educação e Cultura Contemporânea. Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 11-26, jan./jun. 2008.

_____. Um Mestrado em Inovação Pedagógica. **Tribuna da Madeira**. Sexta feira, 24 de junho de 2005. Educação.

SOUZA JR, M. **A influência de irmãos ouvintes no processo de integração social de irmãos surdos**. MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO. Universidade Federal do Ceará – UFC. Fortaleza-CE, 1998.

TAYLOR, F. **Princípios de Administração Científica**. São Paulo: Atlas, 1978.

TOFFLER, A. **A Terceira Onda**. Tradução de João Távora. 29ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

UNESCO, Ministry of Education and Science **Final Report on the World Conference on Special Needs Education: Access and Quality**. Salamanca, Spain, 7-10 June, 1994.

VALENTE, J. A. (Org.). **Computadores na sociedade do conhecimento**. Campinas: NIED – UNICAMP, 1999.

VALENTE, J. A. **Computadores e conhecimento: repensando a educação**: Campinas: Gráfica de Campinas, 1993.

VALENTE, J. A. (Org.). **Liberando a mente: computadores na educação especial**. Campinas: UNICAMP, 1991.

VEEN, W.; VRAKKING, B. **Homo Zappiens: educando na era digital**. Tradução Vinicius Figueira. Porto Alegre: Artmed. 2006.

VESENTINI, J. W. **Sociedade e Espaço – Geografia Geral e do Brasil**. 30ª ed. São Paulo: Editora Ática, 1999.

VYGOTSKY, L. S. Aprendizagem e desenvolvimento intelectual na idade escolar. In: VYGOTSKY, L. S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. (Org.). **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Ícone. p. 103-117. 1998.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

WEIHS, T. J. **Crianças que necessitam de cuidados especiais**. 2ª. ed. São Paulo: Ed. Antroposófica, 1991.

WOODS, P. **La escuela por dentro – La etnografía en la investigación educativa**. 3 ed. Madrid: Ediciones Paidós. 1993.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). **International Classification of Impairments, Disabilities and Handicaps**. Disponível em: <http://eric.ed.gov/?id=ED20409>. Acessado em 05 de agosto de 2014.

APÊNDICE

APÊNDICE 1**CARTA DE ANUÊNCIA**

O(A) _____ diretor(a) da **Casa da Esperança**, sediada à Rua Coronel Honório Vieira, 484, Parque Manibura, Fortaleza/CE, vem por meio desta informar que está ciente e de acordo com a realização nesta instituição da pesquisa intitulada **“INOVAÇÃO PEDGÓGICA: O USO DE TIC NA INCLUSÃO SÓCIO-LABORATIVA DE PESSOA COM NECESSIDADE ESPECIAL”**, sob a responsabilidade do pesquisador **Moacir de Souza Júnior**, para a obtenção do título de seu Mestrado pela Universidade Pública da Madeira – UMA, sob a orientação do Prof. Dr. Fernando Correia (orientador português), e também sob a orientação da Prof^ª. Dra. Zuleide Fernandes de Queiroz (orientadora brasileira) a ser realizada no período de 16.08 a 30.09.2014.

Est instituição esta ciente da liberação/entrada do pesquisador para a coleta de dados referentes à pesquisa. Esta instituição é consciente de sua co-responsabilidade do presente projeto de pesquisa e de seu compromisso no resguardo da segurança e bem estar dos sujeitos de pesquisa nela recrutados, dispondo de infraestrutura necessária para a garantia de tal segurança e bem estar.

O pesquisador responsável declara estar ciente das normas que envolvem as pesquisa com seres humanos, em especial a Resolução CNS n° 466/12 e no que diz respeito à coleta de dados, comprometendo-se a utilizar os dados coletados, exclusivamente para os fins de pesquisa.

Fortaleza-CE., _____, de _____ de 2014.

Assinatura e carimbo do(a) diretor(a)

APÊNDICE 2

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

PROJETO: INOVAÇÃO PEDAGÓGICA: O USO DE TIC NA INCLUSÃO SÓCIO-LABORATIVA DE PESSOA COM NECESSIDADE ESPECIAL

PESQUISADOR RESPONSÁVEL: MOACIR DE SOUZA JÚNIOR

ORIENTADORES: PROF. DR. FERNANDO CORREIA (Orientador Português)
PROF^a. DR^a. ZULEIDE FERNANDES DE QUEIROZ
(orientadora Brasileira)

Endereço: **Rua Amazonas, 339, Bela Vista, Fortaleza-CE., CEP 60441-685**

Telefone: (85) 87823445/ 97839543

E-mail: moacirjr@hotmail.com

Nesta pesquisa pretendemos investigar o desempenho da aprendizagem da criança com necessidade especial com acesso ao uso da Tecnologia da Informação e Comunicação – TIC, bem como ao mundo digital e sua inclusão no ambiente sócio-laborativo.

Os dados serão coletados por meio de (1) observação *in loco* em sala de aula; (2) através de entrevista semiestruturada sobre a realização do processo de aprendizagem de acesso e uso de equipamentos tecnológicos pelos sujeitos-informantes da pesquisa.

Os responsáveis pelos participantes concordarão que seu(sua) filho(a) participe da pesquisa através da assinatura deste termo de consentimento livre e esclarecido após serem explicados os riscos e benefícios da pesquisa bem como o fato que podem se retirar da pesquisa em qualquer momento e que seus nomes não serão divulgados.

Embora em toda pesquisa haja riscos de constrangimento ou invasão de privacidade ao expor questões relativas às práticas de utilização das ferramentas tecnológicas pelos sujeitos que ficarão registradas, estaremos atentos à minimização de tais riscos quando da coleta de dados, proteção e depósito legal dos dados. A pesquisa não oferece benefícios imediatos aos participantes, mas disponibilizamos a consulta para acompanhamento dos informantes sobre o andamento e resultado da pesquisa. Salientamos que ao responder a pesquisa, o sujeito-informante terá a supervisão de um representante da instituição como para garantir a idoneidade da pesquisa, bem como respondê-la sem nenhum problema, já que são crianças que necessitam de cuidados especiais.

Após a análise dos dados, finalização, defesa e aprovação da dissertação, será realizada uma reunião para apresentação da dissertação para toda a escola contando com a participação de gestores, professores, pais e comunidade em geral.

Eu, _____ responsável por
 _____ venho por meio do
 presente termo, declarar ter sido informado(a) claramente sobre a finalidade da pesquisa
 acima:

- (1) declaro estar ciente que o pesquisador aborda as experiências de aprendizagem de meu (minha) filho(a) como usuário das novas tecnologias presente em minha residência, sala de aula entre outros ambientes que utilizam o mundo digital;
- (2) declaro que entendo que a participação de meu (minha) filho(a) pode implicar em falar de intimidades e sabendo que ele(a) pode recusar fornecer informações em qualquer momento;
- (3) declaro ainda que a presente autorização é feita a título gratuito nada devido de ambas as partes;
- (4) declaro que fui informado(a) de que meu (minha) filho(a) não será identificado(a), que os riscos de expor a intimidade ou de representar apenas parcialmente as demandas de grupo são menores que os benefícios previstos para o grupo nesta participação em termos de possíveis ações a favor d coletividade;
- (5) declaro que entendo que em nenhum caso os dados que meu (minha) filho(a) informa serão usados em meu e seu prejuízo;
- (6) reconheço que meu (minha) filho(a) participa livremente desta pesquisa, apenas para fins previstos neste termo e que tenho a liberdade de recusar a participação de meu (minha) filho(a) ou de retirar meu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma e sem prejuízo pessoal;
- (7) e, para todos os fins efeitos de direito, assino este instrumento em 02 (duas) vias de igual teor e forma, na presença das testemunhas abaixo.

Fortaleza-CE., _____, de _____ de 2014.

 Concedente

 Pesquisador

 Testemunha 1

 Testemunha 2

APÊNDICE 3

UNIVERSIDADE DA MADEIRA – UMa

NOME DA PESQUISA - INOVAÇÃO PEDAGÓGICA: O USO DE TIC NA INCLUSÃO SÓCIOLABORATIVA DE PESSOA COM NECESSIDADE ESPECIAL

QUESTIONÁRIO A – USO E ACESSO DE TIC

Identificação: ALUNO-PACIENTE - _____

Idade: _____

Tipo de necessidade especial: _____

Nível educacional: _____

1) Você gosta de frequentar a sua Instituição?

() Sim () Não () As vezes

2) Você utiliza a sala de informática da Instituição?

() Sim () Não () As vezes

3) Você gosta de frequentar a sala de informática da Instituição?

() Sim () Não () As vezes

Porquê? _____

4) Você prefere usar como ferramenta de aprendizagem o:

() Tablet () Microcomputador () Outro

Se outro, qual? _____

5) Você sabe como ligar o tablet e/ou o microcomputador, ou outro tipo de ferramenta de aprendizagem que você utiliza para a sua aprendizagem?

() Sim () Não () As vezes

6) Você sabe como utilizar os jogos educativos?

() Sim () Não () As Vezes

7) O que mais lhe atrai no momento de utilizar os jogos educativos como processo de aprendizagem? :

() As cores () Por ser divertido () de fácil compreensão

8) Você tem conta de e-mail, rede social entre outros?

() Sim () Não

9) Fora a Instituição que você frequenta, em que local você mais acessa o tablet e/ou o microcomputador?

Em casa

Em lan house

Na casa de amigos

Não acesso em outro local que não seja a Instituição

APÊNDICE 4

UNIVERSIDADE DA MADEIRA – UMa

NOME DA PESQUISA - INOVAÇÃO PEDAGÓGICA: O USO DE TIC NA INCLUSÃO SÓCIOLABORATIVA DE PESSOA COM NECESSIDADE ESPECIAL

QUESTIONÁRIO B – SÓCIO-CULTURAL-LABORATIVO

- 1) Na sua casa tem tablet e/ou microcomputador?
 Não possuo tablete e/ou microcomputador
 Possuo tablet e/ou microcomputador sem internet
 Possuo tablet e/ou microcomputador com internet
- 2) Se possui, você utiliza o tablet e/ou microcomputador como?
 Sozinho(a) Minha mãe ajuda
 Meu pai ajuda Alguém de casa ajuda que nem é meu pai e nem minha mãe
- 3) Você utiliza seu tablet e/ou microcomputador com que frequência?
 Todos os dias Alguns dias, pouco horas
 Alguns dias, muitas horas Raramente
- 4) Você já sofreu algum tipo de preconceito e/ou estigma por ser uma pessoa com necessidade especial?
 Sim Não As vezes
- 5) Você frequenta uma escola de ensino regular onde a prática inclusiva é comum? (OBS: Se faz necessário explicar o que é uma escola de ensino regular inclusiva).
 Sim Não As vezes
 Porquê? _____

- 6) Você frequenta lugares públicos?
 Sim Não As vezes
 Porquê? _____

- 7) Em relação ao mercado de trabalho, você tem vontade de trabalhar?
 Sim Não As vezes
 Porquê? _____

8) Você já atua ou atuou no mercado de trabalho?

Sim Não As vezes

Porquê? _____

9) Se você já atua ou atuou no mercado de trabalho, qual é ou foi o cargo que você exerce ou exerceu?

R: _____

APÊNDICE 5

DIÁRIO DE BORDO

Diário de Bordo 1

Antes de começar a escrever sobre esse dia (12.08.2014), quero fazer alguns esclarecimentos que serão de grande valia para entender a minha história.

Escolhi a instituição Casa da Esperança por saber de seu trabalho com crianças, adolescentes e jovens com necessidades especiais, com foco nos indivíduos que possuem "Transtorno do Espectro Autista".

Antes de enviar e defender meu projeto de qualificação na Universidade da Madeira, dirigi-me à instituição Casa da Esperança, onde fui recebido pela Direção Administrativa da entidade, na qual expus minha solicitação.

A diretora administrativa gostou bastante do projeto e solicitou que eu deixasse uma cópia do mesmo para que fosse lido e analisado pela Direção Geral e Direção Médica, o que fiz prontamente.

Fui embora esperando de forma ansiosa o resultado da solicitação.

Após decorrido uma semana recebi uma ligação da instituição solicitando minha presença no dia seguinte.

No dia marcado, cheguei no horário indicado por eles e me encaminhei para a sala da diretora administrativa. A mesma me cumprimentou e rapidamente me deu os parabéns, pois minha solicitação foi apro

vada. Ela me disse que eu teria passe livre na instituição e que eu poderia começar a qualquer momento.

Expliquei que teria que viajar para a cidade de Funchal para qualificar o projeto. No meu retorno daria início a escrever os capítulos da dissertação e só em seguida iria começar a fazer a pesquisa na instituição.

Acertamos então, que a partir do mês de agosto daria início ao estudo pretendido.

Sendo assim, hoje dia 12 de agosto de 2014, início minha pesquisa/observação na Casa da Esperança, onde após ser recebido muito cordialmente na recepção fui levado a presença do Coordenador de Oficinas Sr. Vladimir que foi muito receptivo.

No primeiro momento o coordenador em questão teve a incumbência de ser meu tutor na instituição.

O coordenador Vladimir me levou para uma caminhada de reconhecimento da instituição, mostrando como é o funcionamento e a dinamicidade da mesma.

Nessa minha excursão pelas dependências da entidade, foi possível perceber como os alunos-pacientes (é assim que vou denominá-los ao longo da pesquisa) são tratados de forma muito carinhosa e com respeito por todos os que fazem parte do corpo funcional da instituição.

Após essa caminhada, fui convidado pelo coordenador para participar de uma pe-

que na reunião onde ele ia me apresentar a todos os profissionais da casa e que eu explicaria brevemente o teor da pesquisa.

A reunião foi rápida. Fiz uma explicação sobre o projeto e os objetivos do mesmo. Senti uma receptividade muito grande de todos, principalmente daqueles que lidam diretamente com os alunos-pacientes, em especial o professor-orientador da sala de informática (já que antes de fazer minha explanação, cada pessoa que estava presente fez uma apresentação pessoal). Todos foram muito simpáticos e se prontificaram a colaborar para que a pesquisa seja realmente muito proveitosa.

Resalto ainda que todos estão muito li-sionjeados em participarem de um estudo que será apresentado em uma universidade europeia e estão dispostos a colaborar.

Após decorrido mais de 3 horas conhecendo a instituição, dei por encerrado o primeiro dia do meu estudo como observador.

Diário de Bordo 2

Dia 19 de agosto de 2014, meu segundo contato na Casa da Esperança. Nesse dia ao chegar na recepção, fui informado que tinha passe livre para transitar pela instituição, tudo já tinha sido providenciado pela Direção Administrativa.

Agradei pela informação e fui ao encontro

do coordenador Vladimir. O mesmo não estava em sua sala e fui em busca do mesmo na instituição. Rapidamente o localizei e ele me levou até a sala de informática, onde o professor-orientador já estava a minha espera.

Fui apresentado ao professor-orientador bucas que foi de uma simplicidade imensa e que de acordo com o mesmo, ele estava ali para colaborar prontamente. O coordenador Vladimir informou que iria se ausentar e que eu ficaria aos cuidados do professor bucas. Antes do mesmo ausentar-se entreguei a ele e ao professor da sala de informática uma cópia do projeto para que ambos ficassem a par do assunto em questão. Ambos agradeceram e logo em seguida o coordenador Vladimir saiu da sala.

O professor bucas foi muito simpático, começamos a conversar sobre o funcionamento da sala de informática e como se dá a questão da aprendizagem dos alunos-pacientes. Ele fez algumas observações muito pertinentes, já que segundo o mesmo, os alunos tem uma hora por dia para aprenderem a manusear e a trabalhar com o tablet e/ou microcomputador.

Ele resalta que nem sempre os alunos frequentam constantemente a sala de informática. Entretanto, existe um pequeno grupo que frequentam quase que diariamente a sala de informática, inclusive em horários diferentes dos horários programados.

Ficou combinado entre eu e o professor-orientador Loucas que no próximo encontro, eu começaria a observar as diversas turmas que frequentam a sala de informática.

Cumprimentei o professor Loucas e fui embora bastante satisfeito pelo caminhar da pesquisa.

Diário de Bordo 3

Hoje dia 26 de agosto de 2014, cheguei a Casa da Esperança às 13 horas, cumprimentei a recepcionista e fui direto para a sala do coordenador Vladimir e mais uma vez o mesmo não estava na sala. Após 10 minutos procurando pelo mesmo, consegui localizá-lo na oficina de serigrafia, resolvendo problemas pertinentes ao dia a dia.

Mais uma vez fui recebido pelo coordenador Vladimir de forma muito cordial. Ele disse que sou meu profeto e disse que eu deveria incluir em minha pesquisa 03 (três) indivíduos que trabalham na instituição e que podem perfeitamente serem incluídos no estudo.

Após essa última informação, me convenci de que os mesmos deveriam fazer parte do estudo, pois de acordo com o coordenador Vladimir, eles trabalham na área de marcação de consulta e utilizam a internet constantemente, já que o sistema é integrado ao Sistema Único de Saúde (SUS) e a Prefeitura

de Fortaleza através da Secretaria Municipal de Saúde (SMS).

Posteriormente fui ao encontro do professor-orientador Loucas que me recebeu de forma tranquila; a sala estava calma, fazia pouco tempo que a aula do segundo horário havia terminado. O professor me disse que tinha lido o projeto e gostou muito. E, que pensou bastante quais os alunos-pacientes poderiam participar da pesquisa.

Com o desenvolver da conversa, o professor Loucas selecionou através de suas anotações o (se) alunos-pacientes que frequentam a sala de informática continuamente. Ele ainda indicou uma aluna-paciente que pode contribuir muito para o estudo.

Entretanto, combinei com o professor Loucas que iria primeiro observar a sala e sua funcionalidade, só depois iria resolver a questão dos participantes. Porém, não descartei os potenciais alunos-pacientes indicados pelo professor.

Comecei a observação na sala de informática os alunos-pacientes ficaram muito curiosos com a minha presença, e em alguns momentos, começaram a fazer perguntas sobre o que eu estava fazendo ali. Tentei explicar minha presença na instituição de uma forma que eles pudessem entender.

Tássados mais de 03 horas, resolvi dar por encerrado minha pesquisa no dia. Me desperdi e fui embora.

Diário de Bordo 4

Hoje dia 02 de setembro de 2014, cheguei na Casa da Esperança por volta de 13 horas. Cumprimentei a recepcionista e fui direto para a sala de informática, onde encontrei o professor Lucas bastante envolvido com os seus alunos.

Foi possível observar a dedicação que o mesmo acompanha o processo de aprendizagem dos seus discentes e o quanto de carinho que coloca na sua prática pedagógica. Depois de observá-lo por um período de mais ou menos 15 minutos, resolvi então entrar na sala e começar minha observação participante.

A sala de informática possui 05 (cinco) microcomputadores e 01 (um) tablet. Nem sempre os microcomputadores estão ocupados pelos discentes. Entretanto, quando a sala está lotada e o número de alunos-pacientes é maior do que a capacidade, há uma certa disputa pelos mesmos para saber quem irá usar o tablet.

Isso acontece porque eles acham mais fácil manusear o tablet. Verifiquei que em alguns momentos os alunos-pacientes ficam muito

dispersos, já que o professor Loucas é o único que comanda a sala.

Até perguntei ao docente como era trabalhar com uma população que necessita de atendimento especializado. Segundo ele, não é nada fácil, mas ao conquistar a confiança dos seus alunos, o processo de aprendizagem vai tomando corpo. Ele aponta que o uso de computadores é um chamariz, já que os alunos gostam.

O professor Loucas indica ainda que, tem alunos que conseguem muito bem trabalhar com a máquina. Alguns sabem mexer sozinho, conseguem entrar no programa e buscam realizar as atividades sozinho. Já outros, necessitam o tempo inteiro de orientação para entenderem o que se deve realizar.

Observo ele trabalhando sozinho, e percebo que nem sempre consegue atender a todos os seus alunos-pacientes de forma satisfatória.

Nesse dia tenho que encerrar minha atividade mais cedo, pois tenho consulta médica. Me despedi do professor Loucas e dos discentes e fui embora.

Diário de Bordo 5

Dia 09 de setembro de 2014. Novamente estou chegando à Casa da Esperança no horário das 13 horas. Cumprimentei a recepcionista

e me dirigi para a sala de informática.

Ao chegar na sala cumprimentei o professor-orientador Loucas e os alunos-pacientes que lá se encontravam.

No dia de hoje continuei a observar a sala. O que mais chamou atenção foi que os alunos-pacientes que tinham frequentado no dia 26.08.14 eram os mesmos, com exceção de alguns novos discentes que apareceram pela primeira vez desde que comecei a frequentar a sala de informática.

Percebo que o professor Loucas sempre atende primeiro aqueles que frequentam a sala de informática continuamente.

Os alunos-pacientes realizam tarefas diversas. Como por exemplo, trabalhar com jogos de palavras, confecção de pequenos textos pelos próprios alunos-pacientes, uso de jogos educativos entre outros.

Mais uma vez verifiquei que os alunos-pacientes escolhidos pelo professor Loucas são os que possuem maior possibilidade para participarem da pesquisa. Me conveni que eles serão os participantes que vou entrevistar.

Depois de tomada a decisão, procurei o coordenador Vladimir para comunicar minha decisão, e também poder observar os possíveis 03 (três) alunos-pacientes que trabalham na sala de marcação de consultas.

O coordenador de oficinas Vladimir fi-

com bastante contente pela minha decisão e me levou até a sala de marcação de consultas, para que eu pudesse fazer a observação.

Ao entrar na sala de marcação de consultas fui bem recebida pela coordenadora da sala a Sra. Rita, que me apresentou aos possíveis sujeitos que podem vir a fazer parte da pesquisa.

Resalto que mesmo não frequentando a sala de informática, esses indivíduos continuam participando das atividades proporcionadas pela instituição Casa da Esperança.

Foi muito bom observar os indivíduos na sala de marcação de consulta. E deu para perceber que os mesmos se enquadram dentro do perfil pretendido pelo estudo.

Dessa forma, decidi pela participação dos 03 (três) alunos-pacientes no estudo. Comuniquei mais uma vez o fato ao coordenador de oficinas Vladimir e ele aprovou minha decisão. Combinamos que na próxima visita à instituição eu iria ter acesso aos prontuários dos alunos-pacientes para uma melhor compreensão sobre a situação de cada um deles.

Solicitei ao coordenador Vladimir que entrasse em contato com a família dos alunos-paciente para que pudessem autorizar a participação dos mesmos na pesquisa.

Depois de tudo acertado, nos despedimos, já que o horário de expediente da instituição tinha findado.

Diário de Bordo 6

Hoje dia 16 de setembro de 2014, acabo de chegar na Casa de Esperança. Mal consigo chegar até a recepção quando um garotinho com idade entre 5 a 6 anos vem ao meu encontro e me abraça de forma muito efusiva e logo em seguida ele pulou nos meus braços e continuou abraçado. Logo atrás vejo um casal que deduzi seriam os pais do garoto, já que estavam chorando.

Perguntei o que estava acontecendo, e a mulher que se identificou como mãe do menininho, disse que ele nunca demonstrou em nenhum momento um gesto de carinho nem com ela e nem com ninguém até o momento.

Percebo que a mãe do garoto ficou muito emocionada com a cena, assim como eu. Logo em seguida coloquei o menino no chão e me despendi dele. Ele até acenou para mim e depois como um passe de mágica voltou ao seu estado contemplativo. Saí da recepção com um sentimento de ter feito uma boa ação.

Cheguei na sala do coordenador Vladimir, mas

imprimamos e ele me levou até a sala dos prontuários, para analisar os 10 (dez) prontuários alunos-pacientes que foram selecionados para participar do estudo.

Antes de começar a analisar os prontuários, o coordenador Vladimir entregou a mim, as autorizações das famílias para que os alunos-pacientes possam participar.

Combinei com o coordenador Vladimir que vou analisar no dia de hoje 03 (três) prontuários. Ele trouxe os três e me deixou a vontade para manuseá-los. Ele informou que ia ausentar-se por uns poucos minutos, mas que logo estaria de volta. Pois, ele tinha que resolver algumas pendências.

Após a saída do coordenador Vladimir, comecei a analisar os prontuários, fiz algumas anotações sobre o histórico dos alunos-pacientes para servirem de base dentro da dissertação.

Passado vários minutos, o coordenador Vladimir voltou a sala e me perguntou se eu estava precisando de alguma ajuda. Disse-lhe que não. Tudo estava transcorrendo de forma tranquila.

Por volta das 16 horas finalizei meu trabalho com os prontuários (os três primeiros) chamei o coordenador Vladimir e ele perguntou se tava tudo certo. Respondi

que sim. Me despedi dele e combinamos de nos encontrar na próxima semana.

Diário de Bordo 7

Dia 23 de setembro de 2014. Cheguei na Casa da Esperança bem atrasado! Eraram 14 horas. O dia hoje começou bastante tumultuado. Acordei atrasado e toda a minha programação foi por água abaixo (risos).

Assim que passei pela recepção encontrei o coordenador Vladimir no jardim interno da instituição. Ele me cumprimentou e já nos dirigimos para a sala de prontuários.

Novamente solicitei a ele mais 03 (três) prontuários, no qual ele trouxe prontamente. Conversamos um pouco e ele me disse que precisava resolver pendências. E que se eu precisasse de alguma coisa era só pedir.

Vi os prontuários e fiz as anotações necessárias. Ao finalizar o trabalho com os prontuários, liguei para o coordenador Vladimir e ele rapidamente chegou. Conversamos um pouco e pedi permissão para que no próximo encontro pudesse ir no horário da manhã, já que falta os últimos 04 (quatro) prontuários para serem qualificados.

Ele me disse que estava tudo bem. Que eu

poderia ir. Fui embora com o sentimento de trabalho realizado.

Diário de Bordo 8

Hoje dia 30 de setembro de 2014. Como combinado com o coordenador Vladimir, cheguei na Casa da Esperança por volta das 09 horas da manhã. O expediente da instituição já começou já faz mais ou menos uma hora.

Cumprimentei a recepcionista e fui para a sala do coordenador Vladimir. Ao chegar na sala do mesmo ele me atendeu cordialmente e fomos juntos para a sala de prontuários, onde muito gentilmente me trouxe os últimos 04 (quatro) prontuários para que eu pudesse analisá-los.

Li e fiz as anotações de 03 (três) prontuários. Logo em seguida chegou na sala o coordenador Vladimir que me chamou para ir almoçar com ele e os funcionários da instituição no refeitório.

No refeitório fui muito bem acolhido por todos e que estavam a me perguntar como eu estava me sentindo na instituição e se eu estava de alguma forma tendo dificuldade. Respondi que tudo estava correndo bem e sem nenhuma dificuldade até o presente momento.

Percebo que os funcionários estão bem entusiasmados com a minha pesquisa. Após o

abwoço me dirigi juntamente com o coordenador Vladimir para a sala dos prontuários para finalizar minha atividade, já que faltava apenas os (um) prontuário para analisar.

foi o último prontuário e fiz as observações necessárias, logo em seguida antes de finalizar as últimas observações, o coordenador Vladimir chegou. Esperou que eu terminasse e saímos juntos.

Fomos até a sala de informática para combinar como se dará as entrevistas. Juntamente com o professor-orientador Lucas, combinamos que as entrevistas ocorrerão no horário das aulas e sem prejuízo para o aluno-paciente.

Os alunos-pacientes estarão acompanhados por um funcionário da instituição, no caso ou o coordenador de oficinas Vladimir, ou então, pelo professor-orientador Lucas.

Após tudo acertado, despedi-me dos dois e fui embora, ansioso para ver chegar o próximo encontro.

Diário de Bordo 9

Dia 07 de outubro de 2014. Cheguei na Casa da Esperança um pouco ansioso para saber como vai se dar o processo de entrevistas com os alunos-pacientes.

Assim que passei pela recepção, encontrei-

me com o professor-orientador Lucas que já se encaminhava para sua sala. Fomos caminhando juntos e combinamos que as entrevistas serão realizadas na sala de informática por ser um ambiente acolhedor e que o indivíduo a ser pesquisado conhece bem.

Achamos por bem, realizar todas as entrevistas na mesma semana, ou seja, em dias contínuos para não haver quebra no processo.

Nesse primeiro dia realizei as 03 (três) primeiras entrevistas. Todas elas transcorreram de forma bem tranquila. Denominei os entrevistados como sendo AP-01, AP-02 e AP-03.

Em relação as falas dos pesquisados, transcrevo abaixo as que mais chamaram atenção seguindo a sequência das entrevistas em ordem crescente, bem como respeitando a ordem das questões dos questionários A e B.

AP-02 foi o único que perguntou sobre o que era aquilo, porque ele tinha que falar sobre o que estavam perguntando pra ele.

Expliquei a ele o motivo da pesquisa de forma bastante clara para que ele compreendesse. Ele ainda me perguntou se ele ia passar na televisão, pois ele precisava se "aprontar". Achei bastante interessante a forma

como ele colocou a questão.

Expliquei que não ia aparecer na TV. Em um primeiro momento ele ficou triste, mas logo em seguida pediu para eu começar a perguntar.

Na questão de número dois do questionário A, AP-02 afirma que tem computador em casa, mas não deixou ele mexer.

Já na questão de número cinco do questionário B, AP-02 apontou que sua escola era longe e ele não gosta de estudar.

Seguindo a ordem das questões dos questionários A e B, verificamos que na questão de número cinco do questionário B, AP-03 fala que é especial e que só gosta de frequentar a Casa da Esperança.

Na questão de número oito do questionário B, os AP-01 e AP-03 apontam que eles não trabalham porque a família não deixa.

Ainda na mesma questão, AP-02 diz que gosta muito de trabalhar e que já trabalhou e que gostava muito do que fazia. Na fala de AP-02 isso é deixado muito claro pela sua empolgação.

Diário de Bordo 10

Hoje dia 08 de outubro de 2014. Cheguei na Casa da Esperança no horário de sempre, ou seja, 13 horas. Dirigi-me a

sala de informática e logo em seguida comecei a dá início as entrevistas.

Nesse dia resolvi realizar 04 (quatro) entrevistas, já que pela experiência do dia anterior vi que é possível realizá-las.

Novamente as entrevistas ocorreram de modo bem tranquilo. Tive apenas que explicar com mais clareza para todos os entrevistados (AP-04, AP-05, AP-06 e AP-07) o que era uma escola inclusiva.

Num primeiro momento ao explicar para cada um dos entrevistados de forma individualizada o que é uma escola inclusiva 03 (três) conseguiram compreender rapidamente. Enquanto que um determinado pesquisado necessitou que eu explicasse duas vezes.

Mais uma vez transcrevo abaixo falas que chamaram atenção, seguindo a ordem das questões tanto do questionário A, quanto do questionário B.

Na questão de número cinco do questionário B, AP-04 fala que é especial e que só gosta de frequentar a Casa da Esperança.

Ainda na mesma questão do referido questionário, AP-04 diz que sofre muito por conta do assédio dos colegas da escola regular, na qual ele frequenta.

Na questão sete do questionário B, AP-05 afirma "adoro carros". É o assunto predileto que gosta muito de falar. Deu para perceber que

se deixar rolar o assunto, falamos por muitas horas.

Na oitava questão do questionário B, AP-04 e AP-05 apontam que não trabalham porque a família não deixa.

AP-06 afirmou que os irmãos são as pessoas da casa que ajuda a ele a mexer no computador (questão dois, questionário B).

Após entrevistar todos, dei por encerrada minhas atividades. Desperdi-me do professor-orientador Loucas e fui embora.

Diário de Bordo 11

Dia 09 de outubro de 2014. Hoje cheguei um pouco mais cedo na Casa da Esperança. Esperei na recepção o professor Loucas chegar do almoço.

O professor Loucas chegou no horário, me cumprimentou e convidou-me para seguir com ele para a sala de informática.

Ao chegarmos na sala logo em seguida chegou o primeiro aluno-paciente para ser entrevistado, no qual enumerei como sendo AP-08. Posteriormente, depois de finalizar a entrevista com AP-08, apareceu AP-09 e só depois AP-10.

As três últimas entrevistas se deram de forma muito calma, apesar de que eu

alguns momentos os participantes AP-08 e AP-10 ausentaram-se constantemente da sala, já que os mesmos não conseguem ficar muito tempo sentados na sala, precisando caminhar um pouco e depois retornar.

Apesar dessas interrupções, posso afirmar que as entrevistas foram bastante satisfatórias.

Abaixo estão as falas que chamaram a atenção:

Em relação ao questionário A, AP-10 informa que o computador que ele utiliza no trabalho sempre está ligado quando ele chega. E, nunca ninguém pediu para ele ligar.

No questionário dois do questionário B, AP-09 afirma que os irmãos são as pessoas da casa que ajuda a trabalhar com o computador.

Já na questão de número oito do questionário B, AP-09 aponta que não trabalha porque a família não deixa.

Tude perceber que o participante AP-10, em toda entrevista conservou seu olhar fixamente para o chão. Em nenhum momento o mesmo trocou olhares comigo.

Após encerrar as entrevistas, dei por finalizado o dia. Me despedi do professor-orientador Lucas e fui embora, não sem antes avisar de que voltaria para finali-

zar minha participação na instituição.

Diário de Bordo 12

Hoje dia 14 de outubro de 2014. Meu último dia na Casa da Esperança. Já estou com saudades.

Passei pela recepção e cumprimentei a recepcionista e fui até a sala do coordenador Vladimir. Bati na porta e ele estava sozinho e me pediu para ficar a vontade.

Expliquei a ele que eu tinha finalizado a pesquisa e que daria início a análise dos dados. Ele me cumprimentou pela finalização das entrevistas e solicitou que após a defesa da dissertação que se fosse possível eu fizesse uma apresentação da mesma na instituição para todos os profissionais que lá trabalham, inclusive para os diretores, bem como pessoas convidadas pela direção da casa.

Fiquei muito feliz e orgulhoso pela oportunidade para apresentar o trabalho para um público bastante grande.

Disse a ele que faria a apresentação com maior prazer e que depois marcaria a data. Agradei muito por toda ajuda dada ao longo de todo o processo de pesquisa na instituição. Despedi-me dele e me encaminhei para a sala de info-

mática para falar com o professor Loucas.

Cheguei na sala de informática. Encontrei o professor Loucas sozinho na sala. Agradei muito por toda a ajuda dada e sua sempre cordial presença. Ele também agradeceu pelo trabalho que desenvolvi ao longo do período e disse que foi muito bom poder ajudar. Nos despedimos e disse a ele que eu breve apresentaria os resultados para todos.

Por fim, dou como encerrado meu diário de bordo.

FOTOS

Foto 1 - Espaço externo Casa da Esperança 2014.



Foto 2 - Espaço físico da sala de informática 2014.



Foto 3 – Sala de marcação de consultas 2014.

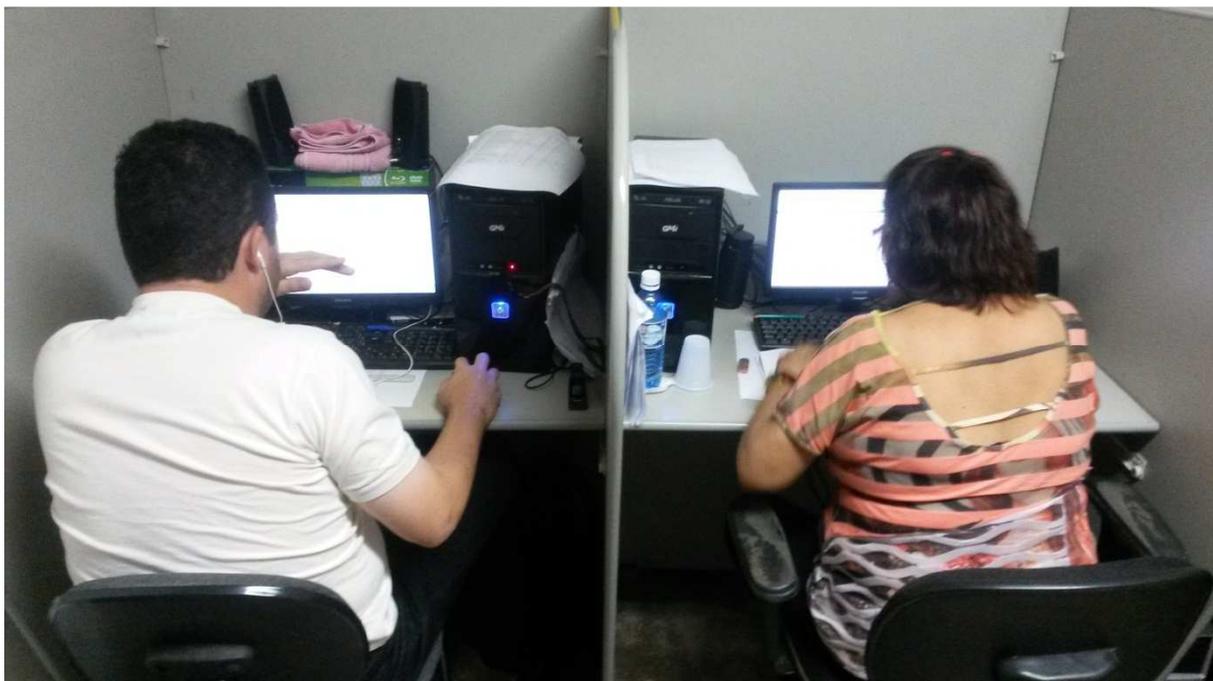


Foto 4 – Uso da Internet nos espaços da Casa da Esperança 2014.

